DORIS COLLINS

UMA MULHER DE ESPÍRITO

Tradução: Amadeu António

UMA MULHER DE ESPÍRITO

DORIS COLLINS

A autobiografia de uma psíquica Prefácio de Michael Bentine

PANTHER Granada Publishing

Doris Collins, a mais nova de nove crianças, nasceu quando a sua mãe tinha quarenta e oito anos. O seu pai chamava-se Cooper e era mestre tanoeiro de profissão.

Começou a desenvolver os seus dons numa idade precoce e, apesar das exigências da vida familiar, de um emprego em pesquisa de mercado e depois de vários anos a gerir um hotel em Worthing, tem estado envolvida em trabalho psíquico e cura há mais de trinta anos.

Conduziu demonstrações perante audiências enormes na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos, na Austrália, na Nova Zelândia, na África do Sul e na Europa, e também trabalhou com sucesso através de programas de rádio com chamadas telefónicas.

Panther Books Granada Publishing Ltd 8 Grafton Street, London W1X 3LA Publicado pela Panther Books 1985 Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha pela Granada Publishing 1983 Direitos de autor © Doris Collins

PREFÁCIO

de Michael Bentine

Durante os últimos cinquenta anos, tenho estado envolvido na investigação da área paranormal do comportamento humano. Tudo começou para a minha família quando o meu pai, na sua reforma precoce da ciência e da engenharia, decidiu investigar o que então se chamava o sobrenatural ou o oculto.

Naturalmente, ao longo de muitos anos, conhecemos e testámos um grande número de médiuns professos, e descobrimos que a maioria deles eram iludidos por si próprios, ou mesmo charlatães declarados. No entanto, uma pequena proporção deles era inegavelmente genuína e muito poucos desses valiam o seu peso em ouro.

Doris Collins, uma amiga próxima há vários anos, faz verdadeiramente parte dessa veia dourada; na verdade, ela é provavelmente a Mãe da Veia. Tendo aprendido a julgar a mediunidade genuína, ao longo de muitos anos de busca e investigação, posso afirmar com confiança que Doris é uma curadora notável e uma excelente clarividente.

A cura consiste em grande parte na transferência de energia do curador para o recipiente, e Doris tem uma superabundância dessa força vital essencial que marca o praticante genuíno da arte da cura.

Também a vi produzir algumas evidências preditivas extraordinariamente eficazes, na forma de mensagens pessoais para pessoas que precisam de ajuda. Para dar um exemplo notável dessas mensagens proféticas, permitam-me citar o caso de um amigo próximo meu dos Estados Unidos, que é um produtor altamente bem-sucedido de programas de televisão em horário nobre. A sua profissão deu-lhe uma atitude astuta e crítica em relação a quaisquer alegações de fenómenos ‘sobrenaturais’.

No entanto, devido ao conteúdo intensamente pessoal e totalmente preciso de certas mensagens dadas a ele na minha casa por Doris Collins, ele considera agora que a vida da sua mulher foi salva em grande parte por meios paranormais.

Doris disse-lhe que as férias deles na Grã-Bretanha, que tinham planeado durante meses, terminariam abruptamente e depois disse-me em particular

que estava muito preocupada, porque tinha captado, por via clarividente, uma dor de cabeça ofuscante.

Quando, alguns dias depois, a mulher do meu amigo foi acometida pelo que se acreditava ser um aneurisma (uma artéria ‘em balão’) na cabeça, Doris conseguiu tranquilizá-los a ambos de que uma operação seria realizada na Grã-Bretanha, o que resolveria os seus graves problemas.

Com Doris e eu a dar cura à distância, foi realizada uma grande operação neurocirúrgica na sua mulher por cirurgiões habilidosos no London Hospital, e um tumor benigno de longa data foi removido.

Ao longo de todo o processo preocupante, os meus dois amigos foram maravilhosamente sustentados, especialmente pela cura dada a eles por Doris, e tal como ela previra, um mês depois, a minha mulher e eu juntámo-nos aos nossos amigos agora em rápida recuperação em Los Angeles. Desde o momento em que Doris deu aos meus amigos aquelas mensagens surpreendentes até à nossa reunião na América, passaram aproximadamente seis semanas.

Quando está no palco a dar mensagens evidentes através da sua clarividência surpreendente ou a demonstrar cura a um grau extraordinário de eficácia, Doris Collins é uma artista de espetáculos soberba, capaz de encantar até as audiências mais duras e críticas, e faz isso em todo o mundo.

Ela é verdadeiramente uma ‘mulher de espírito’ e o seu livro transmite a qualidade elusiva de unicidade que é uma parte importante da sua personalidade notável.

Através destas páginas, desfrutareis conhecer esta mulher extraordinária que, sendo terra-a-terra, é ainda muito uma ‘senhora com a lâmpada’ da esperança, que traz ajuda aos enlutados e cura aos doentes.

Que todos possamos desfrutar por muito tempo da sua força de espírito e da sua invejável fé.

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer a ajuda e o encorajamento dados por Jeffrey Simmons, o meu marido Philip McCaffrey, Michael e Clementina Bentine, Fanny e Johnny Cradock, Jeraldine Saunders, toda a minha família, e Ray Branch, que sugeriu o título do livro.

CAPÍTULO UM

"A Doris é diferente." Ainda consigo ouvir as palavras da minha mãe. Devo ter tido cerca de dezasseis anos na altura; em todo o caso, foi aproximadamente três anos após a morte da minha irmã Emmie. Tinha estado a visitar as minhas amigas Adeline e Marcia Clasper e ia a caminho de casa, imersa em pensamentos.

A estrada faz agora parte de uma autoestrada principal que leva a Southend, mas na época era uma estrada bastante isolada com margens altas de ambos os lados, ligando uma parte de South Woodford a outra. A viagem normalmente teria demorado cerca de meia hora e teria ficado surpreendida se encontrasse alguém que conhecesse, ou alguém de todo.

Era o fim da tarde e o dia estava a escurecer, mas ainda permaneceria claro por algum tempo. Estava num estado de espírito algo sonhador. Não vi nem ouvi ninguém até que, de repente, fui sobressaltada por um toque no ombro.

Não era por natureza tímida, e certamente não era da minha natureza fugir de algo, mas de repente fiquei muito assustada.

Reunindo a minha coragem, virei-me, e ali, num clarão de luz, estavam os traços cinzelados e o cabelo escuro puxado para trás da minha irmã morta. Não poderia ter-me enganado e não estava a sonhar. Fiquei pregada ao chão. Tinha tido experiências estranhas antes, mas esta era a primeira envolvendo um membro da minha família imediata.

'Não tenhas medo, Doris,' fui chamada pelo nome, 'sou só eu. É a Emmie.'

Não conseguia falar. Emmie e eu nunca tínhamos sido muito próximas — ela era muito mais velha — e a sua morte por tuberculose não me

afetara realmente. Mas agora, ao olhar para ela, tive a forte sensação de que ela queria estar próxima de mim, talvez para me proteger.

Era só o rosto dela que via. Não havia corpo, embora não tenha achado isso estranho na altura, pelo menos não mais estranho do que o facto de a ver de todo. Apenas o seu rosto num clarão de luz.

Posteriormente, quando outras pessoas me apareceram desta forma, por vezes vi os seus corpos inteiros, por vezes apenas os rostos. Por vezes não os vejo fisicamente de todo, mas capto a sua personalidade e posso até descrever o que vestem, embora a imagem esteja na minha cabeça em vez de nos meus olhos. Ver não se faz apenas com os olhos.

Tive a sensação de que Emmie estava a tentar tranquilizar-me, reconfortar-me de alguma forma, mas no fundo estava aterrorizada, por mais que tentasse manter as minhas emoções para mim. Antes de saber o que estava a fazer, dei aos calcanhares e corri todo o caminho para casa — dois quilómetros ou mais a subir! Lembro-me vividamente de bater à porta da frente e de contar a história aos meus pais, sem me importar se acreditavam ou não.

O meu pai era um homem prático e disse-me que estava a alucinar. Mandou chamar o Dr. Pacéy. O médico surpreendeu-o ao levar-me a sério; em todo o caso, não descartou a minha história como disparate.

‘Acreditas que viste a Emmie?’ perguntou-me.

‘Oh, sim,’ respondi, ‘ela falou comigo.’

O médico acenou com a cabeça. ‘Quando se vê a morte tantas vezes como eu,’ disse, ‘faz-nos pensar: é o fim ou o início?’ Deu como opinião que não havia nada de errado comigo. O meu pai proibiu-me de voltar a mencionar o assunto.

Foi a minha mãe, no entanto, que teve a última palavra. Ela nunca duvidou de mim, ou se duvidou nunca mo fez saber. ‘Não compreendo,’ dizia por vezes, ‘mas se dizes que sim, Doris, sei que estás a falar a verdade.’ Nesta ocasião, tomou o meu partido contra o meu pai. ‘Doris é diferente,’ disse. ‘Doris é diferente porque a tive tão tarde na vida.’ A minha mãe tinha de facto quarenta e oito anos quando nasci.

Enquanto o meu pai — oito anos mais novo do que ela — poderia dizer: ‘Não queremos que tais coisas sejam discutidas,’ a minha mãe tinha uma

mente muito mais aberta. Ela era provavelmente psíquica, embora não soubesse o que a palavra significava. Tinha apenas os seus 'sentimentos' sobre as pessoas. 'Acho que vamos ter um chá grande hoje,' poderia dizer. 'Fulano vem aí.' E embora Fulano não tivesse sido convidado, Fulano chegava geralmente. Também era muito supersticiosa e nunca usava verde — que curiosamente é uma cor que uso com frequência. Tinha uma superstição particular, se é a palavra certa, decorrente de uma história que uma vez me contou chamada 'The Mistletoe Bough' na qual uma pessoa a jogar às escondidas numa casa grande desapareceu e foi encontrada muitos anos depois num baú. Não era uma história assustadora da forma como a minha mãe a contava, mas tinha um significado peculiar para ela porque afirmava ter ouvido a peça musical com o mesmo título tocada sempre que havia uma morte na família.

Eu era uma maria-rapaz quando criança e muitas vezes fazia coisas ousadas como subir a árvores que normalmente só os rapazes subiriam, e um dia decidi tentar o destino tocando 'The Mistletoe Bough' no piano. De qualquer forma, não acreditava na história da minha mãe, mas certifiquei-me de que ninguém estava por perto para ouvir a minha performance. Dois dias depois, um tio morreu.

Isto meteu-me o medo de Deus, não surpreendentemente; aos dez anos, não poderia ter pensado que pudesse haver alguma ligação entre o meu tocar piano e um luto familiar, mas não tinha ouvido a minha mãe e vejam o que aconteceu!

'É estranho,' disse a minha mãe, indicando quão seriamente mantinha a sua crença, 'não ouvimos "The Mistletoe Bough" tocado. Ouviste, Doris?'

'Não, não,' fui rápida a responder.

Não demorou muito até que tentasse o destino novamente, e desta vez a consequência foi imediata. Ainda estava ao piano quando houve um estrondo. Corri para a cozinha para encontrar que uma tábua de engomar que estava encostada à parede tinha caído no chão, partindo as costas de um gatinho recém-nascido no seu caminho. Fiquei de coração partido, pois adoro animais, e desta vez confessei à minha mãe. Ela não ficou tão zangada como eu esperava. 'Doris,' foi tudo o que disse, 'proíbo-te de voltares a tocá-la.'

Foi a minha mãe quem me ensinou a ser tolerante e forte. Uma das minhas primeiras memórias é dela a cantar-me as palavras de ‘Rock of Ages’, cujo texto, bordado a ouro e azul, pendia na parede acima do meu berço. ‘Rock of ages, Cleft for me’ — e penso nisso mesmo agora quando estou em apuros, sólido e confiável — ‘Let me hide myself in thee’ — e lembro-me de imaginar quando criança que me escondia debaixo da grande rocha, segura no conhecimento de que ninguém me poderia encontrar ou magoar ali. Foi sempre a minha ambição ser forte como a rocha...

Talvez eu fosse ‘diferente’, como a minha mãe dizia, e talvez tivesse algo a ver com a idade da minha mãe. Acho que provavelmente tinha mais a ver com a família muito extraordinária na qual nasci. Ambos os meus pais tinham sido casados anteriormente, e ambos curiosamente tinham três rapazes e uma rapariga do seu primeiro casamento. Eu era assim de longe a mais nova de nove crianças, as mais velhas das quais eram suficientemente velhas para serem os meus pais!

Os irmãos George, Fred e John e a irmã Emmie eram os filhos do meu pai, George Campbell Cooper, do seu primeiro casamento. Will, John (havia dois na família), Stuart e Lilian eram os filhos da minha mãe do seu casamento com John Maxwell.

Ela nascera Frances Elizabeth Emerson, e a sua família eram na maioria taberneiros.

O meu pai, como o pai dele antes dele, era o chefe tanoeiro na Cervejaria Charrington — sim, tanoeiro de profissão e Cooper de nome! Curiosamente, a sua família tinha ligações teatrais, o que talvez explique porque em anos posteriores achei fácil falar em público e demonstrar a minha cura no palco de uma sala de reuniões. Não cantara a minha avó paterna no palco com a sua bela voz de contralto? E não aparecera outra parente, assim me contaram, regularmente como o gato em pantomima? Ninguém nunca me deixou esquecer que o grande Gordon Harker era primo em segundo grau do Pai, e eu sabia claro que o grande amigo do meu pai não era ninguém menos do que o próprio Laurie Lupino.

Esses eram nomes para conjurar na época, mas claro que significavam muito pouco para a bebé Doris, cujo mundo inteiro consistia nos seus pais, ambos os quais, aliás, pesavam mais de dezoito stones — o meu pai media um metro e noventa e três para além do mais. Apesar do grande bando no

qual fui introduzida, via muito pouco das outras crianças. Mesmo as mais novas eram alguns anos mais velhas do que eu, enquanto as mais velhas nem sequer viviam em casa o tempo todo. Eu era a única filha do segundo casamento dos meus pais, e era uma típica 'filha única'. Os meus pais estavam muito apaixonados, creio, e viviam um para o outro. Fui levada para dentro de mim mesma e levava o que a maioria das crianças teria considerado uma existência solitária.

Se era 'diferente', como a minha mãe dizia, provavelmente tinha algo a ver com isso, mas certamente não me considerava solitária. Tive uma infância maravilhosa, e uma coisa que nunca me faltou foi amor — certamente não dos meus pais. Tínhamos sempre um cão e gatos, que eu adorava, e à medida que crescia pude condescender o meu hobby de ler. Os livros apelavam-me muito mais do que as bonecas, e agarrava tudo o que conseguia pôr as mãos para ler.

Quando criança muito pequena, em grande parte suponho porque todos os outros eram muito mais velhos e maiores, criei um mundo meu, o que possivelmente explica porque gostava tanto de livros. O meu próprio mundo era um mundo de fantasia que não poderia ter discutido com os meus irmãos e irmãs; eles não o teriam compreendido. Mas o meu mundo estava cheio de pessoas que eram tão reais para mim como irreais para os meus mais velhos.

Foi isto, estranhamente, que me manteve fora de sarilhos, penso, pois como poderia portar-me mal quando havia sempre alguém para observar cada uma das minhas ações? Creio que tinha medo de ser marota!

Se eu era diferente, não o sabia, e de facto só quando tinha cinco ou seis anos é que algo aconteceu que poderia indicar que eu talvez tivesse uma capacidade que era ou única em mim ou pelo menos não era possuída por toda a gente. Fiquei por um curto período com uma tia em Manor Park; na verdade, era a mulher do primo do meu pai.

Costumava brincar no jardim com uma menininha chamada Connie, uma menina bonita com caracóis em espiral. Um dia, perguntei à minha tia porque é que a Connie nunca entrava em casa. Olhando para trás, vejo como a devo ter sobressaltado, pois ela tivera uma filha chamada Connie que morrera alguns anos antes. Questionou-me, e dei por mim a contar-lhe coisas sobre a menina que a convenceram de que eu estava a descrever a

sua própria filha, coisas (assim me contaram posteriormente) que eu não poderia ter aprendido com a minha família.

'A Connie está morta, querida,' disse a minha tia. Posso imaginar a sua ansiedade e perplexidade.

'Não está,' insisti. 'Ela fala comigo. É real.'

Os leitores devem tirar as suas próprias conclusões sobre o que eu digo. Não escreverei nada que não esteja preparada para justificar ou que não possa verificar. Onde eu própria tenha uma explicação para algo, declará-la-ei pelo que vale, mas claro que pode não ser a explicação correta ou a única. Apenas peço ao leitor que aceite que estou a escrever o que acredito ser a verdade, e os leitores devem formar os seus próprios juízos à luz da sua própria experiência. O que tenho a dizer aqui é que, na tenra idade de cinco ou seis anos, brinquei de facto com uma menininha que morrera, embora na altura estivesse convencida de que ela estava viva até me darem uma prova incontestável em contrário. Então, jovem como era, percebi pela primeira vez que era capaz de contactar pessoas que estavam fisicamente mortas.

Este é um tema a que voltarei mais adiante no livro. Tinha obviamente nascido com, ou de alguma forma adquirido, um dom invulgar, que começou a funcionar quando eu era bastante pequena. Não suponho que o tenha percebido plenamente na altura. Se o fiz, a perceção não me afetou particularmente. Simplesmente aceitei-o como um dado adquirido.

Lembro-me de, quando tinha cerca de oito anos, vir para casa da minha aula de catequese. Pus todas as cadeiras em fila e imaginei que havia uma criança diferente em cada assento. Depois, disse uma oração, dei uma pequena palestra sobre a Bíblia e pedi às crianças que se juntassem a mim num hino. A mulher de espetáculos em mim tinha obviamente tomado o controlo. A minha mãe aceitou tudo com naturalidade. Bateu à porta e chamou: 'É hora de mandar toda a turma para casa, Doris, o almoço está pronto.' Um par dos meus irmãos mais novos achavam-me maluca, e diziam-no.

'Basta disso,' disse-lhes a minha mãe. 'É só o crescer.'

A minha mãe sempre prática tinha sempre a resposta certa. Eu estava de facto a crescer, mas ainda estava muito no meu mundo de faz-de-conta.

Sempre soube a diferença, no entanto, entre a realidade e a fantasia. Quando imaginava as crianças sentadas nas suas cadeiras na minha reunião de oração, sabia que eram crianças ‘de fingir’, que não eram reais, embora pudesse descrever cada uma minuciosamente. Quando brincava com a Connie no jardim, ou mais tarde quando encontrei a Emmie a caminho de casa, sabia que isso era realidade; isso não era fingimento.

Acho que tinha doze anos quando talvez salvei a vida da minha irmã Lily em circunstâncias invulgares. Os meus pais quase invariavelmente saíam ao sábado à noite para uma refeição noturna, e nesta ocasião em particular deixaram-me com a Lily. Eu já tinha ido relutantemente para cima para a cama, mas conseguia ouvir a Lily a tocar piano na sala de estar lá em baixo. Algo de repente me disse que tinha de a tirar da sala. Era uma voz algures na minha cabeça. Creio que ocasionalmente ouvira vozes antes, mas nunca com tal urgência, e sabia que tinha de obedecer, mas estava demasiado preguiçosa para sair da cama. Recorri, pois, à artimanha infantil de chamar por ela dizendo que estava com sede e exigindo um copo de água.

‘Não podes ter,’ chamou ela de volta. ‘Vai dormir.’

Como esperava ela que eu dormisse quando ela estava a martelar o piano não conseguia imaginar, por isso mudando de tática: ‘Lily,’ gritei, ‘tenho uma dor de ouvidos muito forte. Tens de pôr um pouco de óleo no meu ouvido.’

Esta pequena mentira funcionou, pois a Lily foi à cozinha buscar o azeite. De repente houve um estrondo tremendo, e desta vez saí mesmo da cama. Na verdade, saltei e estava a meio das escadas enquanto a Lily começava a subir. Parte do teto da sala de estar tinha desabado, e uma laje enorme aterrou mesmo no banco do piano.

Não podia dizer ao meu pai mais tarde que fora avisada por uma voz. Ele não teria acreditado em mim. Mas a experiência ensinou-me uma lição que nunca ignorei desde esse dia: no futuro, devia obedecer a qualquer mensagem que recebesse desta forma.

A atitude do meu pai quando confrontado com algo para além da sua experiência era esquecê-lo, pô-lo para trás das costas. Quando mais tarde vi a Emmie em circunstâncias que já descrevi, proibiu-me de voltar a referir o assunto. ‘Não queremos que tais coisas sejam discutidas,’ foram as suas palavras finais sobre o tema.

Por mais que o respeitasse, simplesmente não conseguia deixar cair o assunto da Emmie. Tinha feito uma impressão demasiado séria em mim, e nessa altura já era de qualquer forma uma jovem adulta. Tinha de partilhar a experiência com alguém mais. A Marcia Clasper era a menina que se sentava ao meu lado na escola, e foi a ela que confidenciei a história extraordinária do meu encontro com a Emmie. Algo surpreendida, aceitou o que lhe contei. Acreditou em mim. Tinha, disse, ouvido histórias semelhantes da sua mãe, que era psíquica.

Foi a primeira vez que ouvi a palavra. 'O que é uma psíquica?' perguntei.

A Marcia não conseguiu explicar, mas sugeriu que eu conhecesse a sua mãe. Sabia instintivamente que tal encontro não teria a aprovação dos meus pais, certamente não do meu pai, e hesitei; mas o impulso era demasiado forte, e após muita introspeção concordei em ir com a Marcia à sua mãe.

Em que me estava a meter? Nunca conhecera uma psíquica e tinha visões de algum monstro de duas cabeças ou talvez uma das bruxas de Macbeth; mas por outro lado, como a Sra. Clasper era a mãe da Adeline e da Marcia, não podia ser assim tão má. Revelou-se de facto uma mulher de aspeto perfeitamente normal, de meia-idade presumo, magrinha, com cabelo escuro e tez amarelada — em todos os aspetos comum. Era uma senhora reservada, e de modo nenhum a personalidade dinâmica que eu imaginara.

Não foi claro o seu aspeto que me impressionou, mas o que me contou. Disse-me que era considerada uma médium e que tinha poderes psíquicos, e explicou o que isso significava, como ela o entendia. Não devia ter medo, disse-me; muitas pessoas eram psíquicas, algumas sem o saber, mas aquelas que eram capazes de reconhecer a qualidade em si próprias podiam desenvolvê-la se quisessem. Ser psíquica era algo bom, particularmente se se usasse corretamente e não se abusasse dela.

Foi a Sra. Clasper quem primeiro me revelou que eu tinha o dom psíquico — pois era assim que o considerava — e talvez estivesse apenas a dizer-me o que eu começara a suspeitar por mim mesma. O dom estava mais fortemente desenvolvido em mim, disse, do que na maioria das pessoas. Era algo com que obviamente nascera. Devia percebê-lo e usá-lo com sabedoria.

Talvez subconscientemente tivesse tido medo dele, mas imediatamente não tive mais medo, especialmente quando a Sra. Clasper me disse: 'Vais trabalhar com este dom, vejo. Na verdade, tens o grande poder de cura. Vais percorrer o mundo inteiro usando este poder.'

Saí do encontro com ela com o espírito elevado. Sentia que tinha um propósito na vida, que seria capaz de ajudar as pessoas. A Sra. Clasper mostrara-me o caminho à frente. De facto, colocou-me no caminho que tenho percorrido desde então.

No entanto, ainda era apenas uma menina e não me sentia capaz de discutir tais assuntos com os meus pais, mas o dia em breve chegou em que fui compelida a confrontar o meu pai com o meu 'dom'. Regularmente passava pela igreja espiritualista local sem nunca assistir a um dos seus serviços. Sou uma pessoa religiosa no sentido comum da palavra e fora educada para ir todos os domingos à igreja do bairro onde os meus pais adoravam. Um domingo desculpei-me de os acompanhar — já não me lembro que desculpa dei — e fui em vez disso ao serviço espiritualista. Era claro diferente do que eu estava habituada, mas nunca poderia ter antecipado quão dramática se revelaria a minha primeira visita ali.

Num ponto durante a cerimónia, uma mulher que estivera sentada na plataforma onde os procedimentos eram em grande parte conduzidos desceu para a congregação e dirigiu-se diretamente a mim. 'Tenho a tua irmã Emmie aqui,' disse, em frente a toda uma audiência. 'Ela diz-me que te assustou, mas deves dar ao teu pai uma mensagem dela.'

'Oh, não posso fazer isso,' soltei. 'Ele não sabe que estou aqui.'

'Ela diz,' continuou a mulher, '"Diz ao Pai que sinto muito, e ele perdoa-me pelo que fiz? Sei agora que ele tinha razão."'

O que isto significava não conseguia decifrar, e perguntei-me se faria sentido para o meu pai — se ousasse passar-lha, isto é, pois não me fora proibido voltar a mencionar a Emmie? O meu pai, como disse, não era uma figura insignificante de homem, e com os seus óculos pendurados sobre o nariz de forma muito proibitiva, podia ser uma proposição bastante formidável aos olhos de uma adolescente que estava a ser pedida para o desafiar.

Demorei várias semanas de facto a ganhar coragem e passar a mensagem. Sempre estive confiante no amor do meu pai, mas pensei que ele ficaria muito zangado. No entanto, tinha de lhe dar a mensagem caso fosse importante, e devia sofrer as consequências. ‘Pai,’ disse, ‘tenho uma mensagem da Emmie’ — e antes que ele pudesse dizer algo, passei-lha palavra por palavra como a recordara da reunião espiritualista e como a ensaiara todos os dias desde então.

A sua reação foi totalmente inesperada. Na verdade, não houve reação a princípio, apenas um longo silêncio. Vi a Mãe olhar para ele. Depois, finalmente, perguntou-me: ‘Onde arranjaste essa mensagem?’

Não havia nada que pudesse fazer exceto dizer-lhe a verdade.

‘Onde fica esse lugar?’ inquiriu. ‘No próximo domingo vamos todos.’

Mal podia acreditar nos meus ouvidos. Nessa noite, a minha mãe contou-me que a Emmie fizera o que o meu pai considerava um mau casamento. Casara contra os seus desejos e ele proibira-a de entrar em casa. Assim, a mensagem tinha um significado muito real para ele.

No domingo seguinte, a Mãe, o Pai e eu fomos juntos à igreja espiritualista. Ocupámos toda a fila de trás, pois nunca fui exatamente uma figura esbelta! Não acho que o meu pai tivesse qualquer noção de se tornar um congregante regular. Isto era mais provavelmente o seu sinal de apoio a mim. Não precisava de mo dizer em palavras: sabia que ele acreditava em mim.

A partir desse dia, comecei deliberadamente a cultivar os dons.

CAPÍTULO DOIS

Na escola era conhecida como Coop. ‘Vai ter com a Coop,’ diziam muitas vezes às crianças que tinham problemas, ‘ela ajuda-te.’ Tinha reputação de resolver os seus pequenos problemas; felizmente ninguém nunca veio ter comigo com problemas sérios, pois levara uma infância comparativamente protegida e não era muito sofisticada ou ciente das maneiras do mundo.

De facto, devo ter sido muito ingénua quando saí da escola aos quinze anos e, por insistência do meu pai mas muito contra os meus desejos, estudei taquigrafia, datilografia e contabilidade numa escola comercial em Walthamstow. Odiei cada minuto. Não queria passar a vida fechada num escritório, e se tinha alguma ambição era ser enfermeira.

Ingénua podia ser, mas nunca fui sem aventuras, e por iniciativa própria arranjei um emprego como instrutora de natação na piscina Kingfisher, recém-inaugurada em Woodford. Fora campeã de natação da minha escola, bem como capitã de desportos, e preferia muito mais uma atmosfera em que pudesse trabalhar ao ar livre e entre uma grande variedade de pessoas. Gostava de pessoas — e continuei a fazê-lo toda a minha vida.

O meu pai ficou furioso. ‘Porque não te dedicas ao trabalho comercial?’ exigiu. ‘Não chamo a isto qualquer tipo de emprego. É um emprego frouxo.’

Sabia que ele não me permitiria ficar na piscina, por isso em antecipação ao seu encaminhamento para caminhos comerciais, segui outra inclinação e candidatei-me a um emprego como enfermeira: não apenas uma enfermeira comum — isso não era bom o suficiente para a jovem Doris — mas uma enfermeira mental. Não fora sempre atraída por pessoas com problemas? Desconhecido novamente para os meus pais, fui ao Hospital Claybury em Woodford. Disse à matrona que tinha dezoito anos, o que era apenas um ligeiro exagero, e parecia mais velha do que a minha idade de qualquer forma. Na verdade, foi porque parecia forte e portanto, podia ajudar com casos difíceis, que disse que podia começar como estagiária.

Descobri que de facto saltara para o fundo da piscina, pois após o mínimo de formação estava de serviço numa das piores alas do hospital, tendo de lavar uma paciente completamente acamada cujo corpo estava coberto de feridas. Quando outra enfermeira me contou sobre a sua

condição, não significou nada para mim. Nunca ouvira falar de doença venérea. O sexo era um assunto que nunca era discutido em casa. Nunca esquecerei o olhar nos olhos da paciente enquanto lutava para esconder o meu desgosto e lavá-la.

Era como se a sua alma estivesse a falar comigo. Fiquei horrorizada, e toda a coisa foi um pesadelo, mas de alguma forma percebi que estava a ajudar um ser humano e que ajudar as pessoas era uma das minhas funções na vida. Tão forte era este sentimento que muito depois de ter deixado este emprego — após o meu segundo casamento, de facto — regressei ao hospital por um ano como enfermeira noturna, 'levantando-me e deitando-me a horas estranhas porque sentia que deixara um emprego inacabado.

Se o meu pai ficara furioso quando aceitei o emprego de instrutora de natação, ficou duplamente quando lhe expliquei que queria ajudar pessoas que estavam doentes na mente. 'Se vais ser enfermeira, sê enfermeira,' gritou. Sei agora que só era motivado no seu conselho a mim pelo seu amor por mim, mas na altura parecia muito ditatorial. Admito que não estava inteiramente feliz no hospital, e foi o Pai quem fez algo a respeito.

Contactou um parente distante que trabalhava como inspetor governamental para os Agentes da Coroa para as Colónias. Uma das suas funções era controlar a impressão de notas bancárias e selos, e tinha um escritório na firma De La Rue, que realizava trabalhos desta natureza para muitos países em todo o mundo. O meu pai pensou que, embora eu não quisesse estar fechada num escritório, a variedade de trabalho nos Agentes da Coroa poderia apelar-me. Nisto tinha razão.

A primeira coisa que o inspetor me disse quando fui à entrevista foi que o trabalho era muito responsável, e isso era exatamente o que eu queria. Fui aceite para o emprego e fui treinada para examinar notas bancárias e selos em busca de erros. Adorei. Se houvesse o mais leve erro numa folha de selos e um negociante se apoderasse dela, poderia fazer uma fortuna com isso. Uma ligeira descoloração, por exemplo, ou uma ausência de perfuração poderia aumentar o valor da folha enormemente. Mesmo uma pequena rasgadura sob o olho do Soberano poderia transformar um selo de um penny num objeto de valor.

Por vezes, podia-se inspecionar meia dúzia de lotes de selos ou notas sem detetar uma imperfeição; por vezes, podia-se encontrar algo errado

com talvez uma nota em quinhentas. A margem de erro era pequena, mas as consequências grandes. Daí a responsabilidade do trabalho.

Fico espantada com a quantidade de erros que se encontra num jornal nos dias de hoje, mas quando eu era jovem eram muito mais raros. Lembro-me de um leitor de uma editora me dizer uma vez que ele conseguia apenas olhar para uma página e detetar um erro; o seu olho de falcão era atraído para ele como uma traça para uma chama. No meu caso, tinha uma sensação quando algo estava errado. Não consigo explicá-lo exatamente, exceto dizer que era como uma perceção psíquica. Estaria a inspecionar um lote de folhas da maneira que me haviam ensinado quando, de repente, voltava atrás numa folha que já passara e encontrava o erro que me escapara da primeira vez. Posso estar errada, mas acho que era algo que eu sentira em vez de algo que tivesse realmente visto no meu olho da mente.

Não estava particularmente consciente de quaisquer ocorrências psíquicas nessa altura, e não tive quaisquer experiências muito surpreendentes do tipo que encontrara quando criança. Talvez fosse porque estava demasiado ocupada a fazer uma vida para mim, ou talvez já não fosse tão solitária. Agora tinha namorados e um emprego interessante.

A minha vida mudou quando conheci o Jack. Nunca soube porque toda a gente lhe chamava Jack, porque o seu nome verdadeiro era Ernest Bewley Lawless. O meu irmão mais velho John Maxwell tinha um hotel em Barking, e numa das minhas visitas lá conheci o amigo do John, o Jack, que era mordomo a bordo do SS Orion, que costumava fazer a viagem para a Austrália e de volta. Era o primeiro homem que conhecera socialmente, além da família, que não era da minha idade; era dezasseis anos mais velho do que eu. Nunca conhecera ninguém com maneiras tão encantadoras, ou, como me parecia na altura, tão sofisticado — certamente ninguém que se interessasse por mim.

Nas suas cartas — pois começou a escrever-me — descrevia todos os detalhes das suas viagens, os lugares que visitava, as pessoas que conhecia. Acho que me apaixonei pelas suas cartas. Quando voltava de licença, isso significava duas semanas glamorosas para mim. Pela primeira vez na minha vida, sentei-me num camarote na ópera. Também tivemos um camarote para o espetáculo no gelo de Sonja Henie, de onde olhei para baixo para o círculo do teatro onde alguns colegas de trabalho estavam

sentados; mal podiam acreditar nos seus olhos quando me viram com um companheiro tão elegante.

O Jack nunca fora casado, mas pediu-me em casamento após apenas duas viagens para a Austrália e de volta. Foi então que descobri realmente quão duro o meu pai podia ser. 'És demasiado velho para a minha filha,' disse ao Jack. 'Quando quiseres pôr os pés para cima, ela vai querer dar uns pontapés — a dançar. Conheço a minha Doris. Ela gosta da vida.'

Isso era o menos. Um solteiro despreocupado, o Jack estava habituado a gastar cada tostão que ganhava. 'Quais são as tuas perspetivas?' inquiriu o Pai. 'Não aprovo que a minha filha case com alguém que vai para o mar.'

Perguntei se podia ficar noiva. 'Não com a minha permissão,' foi a resposta.

A minha mãe, que era por natureza uma pacificadora, nunca fazia juízos. Achava que eu era tola, mas não tomava partidos. Apenas me avisou que, se me noivasse, não devia usar o anel em frente ao Pai. Mas eu era filha do meu pai, tão teimosa como ele, e da próxima vez que fui para casa exibi o meu anel de noivado para todos verem. O meu pai fingiu não notar. Isso enfureceu-me, por isso disse-lhe que estava noiva do Jack.

'Tanto quanto me diz respeito,' disse, 'não estás noiva, e não quero discutir mais o assunto.' Não me falou, exceto através da Mãe, durante os seis meses seguintes!

O Jack não melhorou as coisas ao deixar o mar. Arranjou um emprego como guarda-livros. O Pai já me falava novamente nessa altura. 'Este é o pior dia de trabalho que alguma vez fizeste,' disse-me. 'Em que achas que vais viver, tu que nunca tiveste de saber o valor do dinheiro?'

Olhando para trás, o meu pai provavelmente tinha razão, e lembro-me da Emmie a aparecer-me e da mensagem que quisera que eu lhe passasse. Acho que se ele tivesse sido menos inflexível, as suas filhas teimosas poderiam ter sido mais conciliatórias, mas em todo o caso a sua atitude surgia inteiramente da sua preocupação e amor pelos filhos — sei isso agora.

Insisti em casar e desisti do meu emprego nos Agentes da Coroa. Seis dias antes de fazer vinte e um anos, e aliás sete meses antes de rebentar a guerra, casei com o Jack num cartório em Ilford. Sempre quisera um

casamento na igreja, mas pensei nas circunstâncias que era melhor despachar o assunto o mais depressa possível. Tinha encontrado um apartamento em Ilford e deram-me uma quantia fixa quando saí do emprego; com o salário do Jack não morreríamos de fome.

Talvez percebendo que precisávamos de dinheiro mais do que de qualquer outra coisa, o Pai deu-me um cheque substancial como prenda de casamento. O Jack quis devolvê-lo. 'Não precisamos do dinheiro dele,' disse.

'Posso dar o que quiser à minha filha,' foi a resposta do Pai. 'Ela pode estar a casar contigo, mas ainda é a minha filha. A experiência diz-me que quando casar contigo, vai precisar de cada tostão.' E foi isso, e fiquei com o dinheiro.

Em retrospetiva, vejo que o meu pai provavelmente me deu o conselho certo, o tipo de conselho que um pai amoroso deveria dar e que uma filha sensata talvez devesse ter acatado, mas durante muito tempo o nosso casamento foi bastante feliz e a minha família veio a aceitar a situação. Visitávamos os meus pais todos os domingos ao almoço, o que creio ser uma pequena forma pela qual os meus pais pensavam que nos estavam a ajudar financeiramente! O pai do meu marido e um irmão estavam mortos, e ele sustentava a mãe e duas irmãs, por isso qualquer pequena ajuda era bem-vinda.

O meu filho Brian nasceu em julho de 1940 — um verdadeiro bebé de guerra, claro. O meu pai queria que eu tivesse o bebé em casa — na casa dele, de facto — pois naqueles dias era muito menos usual do que se tornou desde então ir para o hospital. Algo me disse, no entanto, que devia ter o meu filho no hospital de maternidade local. Não era uma voz, não era nada em particular, apenas uma sensação. A gravidez fora bastante normal e não tinha razão para esperar complicações, mas a minha convicção era tão forte que de facto discuti com o meu pai sobre o assunto.

Graças a Deus obedeci ao meu instinto, ou ao que quer que fosse que me guiou. Acordei numa segunda-feira de manhã e soube imediatamente que teria de ir para o hospital nesse dia, embora o médico tivesse achado que o bebé não chegaria nessa semana. Telefonei ao meu pai para dizer que o bebé estava a começar, e pedi-lhe por sua vez que telefonasse primeiro ao meu marido e depois à ambulância para me levar ao Hospital de

Maternidade de Plaistow. Não sei porque contactei o Pai em vez do Jack; talvez pensasse que o Pai era mais fiável.

Lembro-me de estar deitada na cama no hospital quando de repente experimentei uma dor como nunca conhecera. O meu grito deve ter soado como uma bomba a cair. Em todo o caso, atraiu a entrada imediata de uma grande enfermeira irlandesa. 'Sra. Lawless,' disse incrédula — embora suspeite que este não fosse o primeiro grito que ouvira — 'ouvi-a emitir um som?'

'Sim, enfermeira,' respondi mansamente, 'a dor era forte.'

'Milhares de mães têm bebés todos os dias,' repreendeu-me como se eu fosse uma criança marota. 'Não és diferente. Não me deixes ouvir-te emitir outro grito.'

Ela sabia claro que é mau gritar em tais circunstâncias porque, ao fazê-lo, inspira-se o ar, e o seu conselho ou instrução sensata foi obviamente dado com este facto em mente em vez de preservar a paz e tranquilidade do seu domínio. Embora não o percebesse na altura, a sua maneira de falar teve o efeito desejado em mim. Determinei não emitir um som em quaisquer circunstâncias.

Foi então que descobri por mim mesma uma técnica para cavalgar a dor. Esta é uma técnica que desde então ensinei, que muitas vezes é ensinada hoje em dia às mães expectantes, mas que na altura não era tão conhecida. Métodos de relaxamento são hoje explicados em quase todas as clínicas pré-natais, mas eram ou desconhecidos há quarenta anos ou as pessoas estavam demasiado ocupadas a combater uma guerra para se preocuparem com eles.

Pensei enquanto estava ali deitada que, quando a dor viesse novamente, cavalgaria no topo dela, como poderia no topo de uma enorme onda no oceano. À medida que a dor aumentava, assim eu subia mais alto no ar; à medida que diminuía, ia com ela para o seu vale. Se tivéssemos vivido na Austrália ou no Havai, talvez o Brian se tivesse tornado um surfista, pois nasceu certamente no cume das ondas.

Foi um parto difícil, até perigoso, e foi bom para mim que tivesse insistido em estar no hospital. Já tivera duas transfusões de sangue quando mandaram chamar o Jack. O grupo sanguíneo dele era o mesmo que o meu

e quase a primeira coisa que fizeram quando ele chegou a meio da noite foi tirar-lhe dois pints e dar-me mais duas transfusões.

O pequeno Brian Campbell Lawless veio a este mundo um bebé aparentemente normal, e ninguém se preocupou particularmente quando ficou muito ictérico dois ou três dias depois. Os médicos e enfermeiras fizeram tudo o que era necessário e tive um filho saudável. Não sabia que ele desenvolveria mais tarde uma doença rara, como explicarei.

O meu pai morreu pouco mais de dois anos depois. Tinha apenas sessenta e três anos. Foi tudo muito repentino. Queixara-se de dores no peito e um dia entrou no London Hospital na Mile End Road, sentindo-se mal. Levaram-no e puseram-no numa cadeira de rodas. Quatro dias depois teve um ataque cardíaco do qual não recuperou.

Deus poupara-o o suficiente para conhecer o meu filho, e só posso desejar que tivesse vivido o suficiente para conhecer também a minha filha, mas não adotei a Margaret até três anos após a sua morte. Tivera um filho que vivera apenas algumas horas no ano anterior. Disseram-me que era arriscado ter outro filho, particularmente após o tempo difícil que tivera com o Brian e o que acontecera com o bebé John. Havia tanto amor em mim, e fiquei tão perturbada com o John, que discuti com o Jack a possibilidade de adotar outra criança, talvez uma menininha. Ficou acordado que eu fizesse averiguações.

Na verdade, demorou algum tempo até sermos aprovados como pais adequados, mesmo durante a guerra. Eventualmente, recebi uma carta do lar que contactara. Em breve esperavam a chegada de uma futura mãe que queria que o seu bebé fosse adotado, e eu consentiria em ficar com a criança? Tinha de concordar incondicionalmente em ficar com o bebé, qualquer que fosse o seu sexo, desde que fosse normal. Não pensei duas vezes antes de responder, embora esperasse uma menina porque já tinha um menino. Podeis imaginar a minha alegria quando a minha adorável filha Margaret Ann chegou, e fico encantada em adicionar que ela — não menos do que o Brian — continuou a ser uma alegria para mim toda a minha vida.

Veio ter comigo quando tinha dezasseis dias, e a sua chegada de certa forma anunciou o fim da guerra, tal como a do Brian marcara o seu início.

Entretanto, a minha mãe fora viver para Leigh-on-Sea em Essex. Desfizera-se em pedaços a princípio após a morte do Pai, com quem

estivera tão apaixonada e em torno de quem fizera a sua existência. A morte pode ser uma experiência devastadora em tais circunstâncias para o parceiro sobrevivente, como sei muito bem das milhares de pessoas que vieram ter comigo por ajuda e conselho — ou, como prefiro pensar nisso, cura mental — ao longo dos anos. Sei que a morte não é final e que os mortos estão muitas vezes connosco, e terei algo a dizer sobre esse assunto mais adiante; mas mesmo tal conhecimento não pode fazer muito mais do que confortar no momento do luto.

Não tenho a certeza de que a minha mãe estivesse muito entusiasmada com a minha adoção da Margaret, mas vieram a adorar-se uma à outra, e levava as crianças o mais frequentemente possível à beira-mar para a visitar. De vez em quando, tão frequentemente quanto a conseguia persuadir, ela vinha ficar connosco, e sei que a Margaret era um grande incentivo; havia uma forte ligação entre elas.

Foi mesmo antes do Natal em 1949. A Margaret ainda não tinha cinco anos e o Brian já era um rapagão de nove anos. Tive uma sensação uma manhã de que a Mãe estava doente. Não houve resposta quando telefonei, por isso liguei à vizinha que confirmou que ela estava de facto doente, embora não houvesse nada sério. 'Não deixes a minha Doris saber,' dissera a Mãe à vizinha, 'porque ela virá aqui com uma ambulância.'

Telefonei então ao médico dela que me disse que ela tinha bronquite e não estava a melhorar muito rapidamente. Perguntei se ela podia viajar, e ele disse que o benefício para ela de estar com a família provavelmente superaria o ligeiro risco envolvido em movê-la. A minha mãe tinha setenta e oito anos.

Fui buscá-la. 'Oh, eu sabia que virias,' disse. Acho que ficou contente por voltar comigo.

Tinha falado com o meu próprio médico e arranjado pôr uma cama para a Mãe numa sala no rés-do-chão.

Era o dia 23 de dezembro e eu estava ocupada a montar a árvore de Natal, a vestir uma boneca para a Margaret e a fazer todas as coisas que uma dona de casa e mãe tem de fazer nessa época do ano. Tive de sair para fazer umas compras de última hora, por isso pus uma cadeira fácil ao lado da cama dela caso quisesse levantar-se por uns momentos enquanto eu estava fora.

Movi a cadeira quando voltei. ‘Oh, Doris,’ disse a minha mãe, ‘és uma menina marota. Moveste a cadeira.’

‘Não precisas dela agora que voltei,’ disse, algo surpreendida pelo tom da sua voz.

‘O meu irmão Bill estava sentado ali comigo,’ explicou. ‘Agora que moveste a cadeira, ele foi-se embora.’

Parei para pensar. O irmão dela Bill era o único membro da família dela de quem ela nunca falava, porque fora ele quem acidentalmente dera um golpe que matara o seu primeiro marido. Tinham-me contado a história parentes — não ela — e levaram-me a acreditar que não houvera animosidade entre a Mãe e o irmão; ela apenas escolhia nunca discutir o assunto, compreensivelmente. O Bill, disse agora, estivera sentado com ela toda a tarde.

As pessoas alucinam, particularmente sob a influência de drogas, mas acreditei que a minha mãe estava a falar a verdade quando me disse que vira o seu irmão Bill. Tivera experiências mais estranhas eu própria, e talvez estivesse melhor qualificada do que a maioria das pessoas para distinguir entre facto e fantasia neste tipo de instância. Talvez de facto tivesse herdado o meu dom da minha mãe, que indubitavelmente tinha poderes psíquicos.

Qualquer que fosse a verdade, senti de alguma forma que a aparição do Bill tinha algum significado para a Mãe. ‘Porque achas que ele veio?’ perguntei.

A sua resposta sobressaltou-me. ‘Vou morrer,’ disse. Não tivera nenhum pensamento de que a minha mãe pudesse estar a aproximar-se da morte, apesar dos seus anos. ‘Não sejas tola,’ disse, ‘vais ficar melhor.’

Quando a médica veio no dia seguinte, foi diretamente ao telefone, após examinar a Mãe, e ligou para o hospital. ‘Vou levar a tua mãe para o hospital,’ disse-me, como se a decisão nada tivesse a ver comigo.

‘Para quê?’ perguntei.

‘É o pedido dela,’ foi a resposta.

‘Não acredito,’ disse, talvez um tanto rudemente, mas que razão possível poderia a minha mãe ter para querer mudar-se na véspera de Natal, de

todos os momentos? A médica sugeriu que eu falasse com a Mãe eu própria, e confesso que estava bastante zangada com ela. ‘Oh, Doris,’ disse, ‘não compreendes? É Natal. Tens muito que fazer sem eu estar no teu caminho. De qualquer forma, é melhor para mim.’

Senti que tinha de respeitar os seus desejos, e acompanhei-a na ambulância até ao Hospital King George em Ilford. Pelo caminho, deu-me o seu anel de noivado. ‘Vou morrer, Doris, sabes,’ disse. ‘Não tenho arrependimentos. Tive uma boa vida. Quero que fiques com o meu anel de noivado agora, e quero que me prometas que tirarás também a minha aliança de casamento, mas só quando eu morrer.’

Era tarde da noite quando o hospital telefonou. ‘A sua mãe piorou,’ disseram-me. ‘Pode vir imediatamente?’

Soube então que a Mãe já estava morta, e disse-o. ‘Na verdade, sim,’ admitiu quem ligava, ‘mas não queríamos dar-lhe a notícia assim. Virá então amanhã de manhã para identificar o corpo? É algo que tem de ser feito.’

Quando cheguei, fui recebida pela enfermeira-chefe. Estava a segurar a aliança de casamento da Mãe. ‘A sua mãe fez-me tirá-la e disse-me para lha dar quando viesse,’ disse.

A minha adorada mãe fizera os seus próprios arranjos, e não quisera morrer na minha casa no Natal com as minhas crianças pequenas em casa.

CAPÍTULO TRÊS

Sou uma pessoa muito comum que por acaso tem um dom ou dons que a maioria das pessoas comuns não possui, ou se os possui, não os desenvolve. Digo dom ou dons porque distingo em certa medida entre Doris Collins a psíquica e Doris Collins a curadora. Há claro uma ligação entre o meu trabalho como psíquica e como curadora espiritual, mas não é preciso ser psíquico para curar.

Comecei seriamente a interessar-me pela cura logo após o meu casamento, quando tinha vinte e dois anos, mas durante cerca de cinco anos antes disso interessara-me pelo espiritualismo e fizera amigos entre espiritualistas. Sou por natureza uma pessoa muito lógica, e encontrarei sempre uma resposta lógica para um problema sempre que possível, por isso é estranho talvez que o meu dom seja essencialmente ilógico, pelo que quero dizer que muitas vezes se manifesta de formas que nem sempre podem ser explicadas pela lógica como a entendemos.

Após a minha introdução à Igreja Espiritualista de Woodford pela Sra. Clasper, quando recebi a mensagem para o meu pai da Emmie, costumava visitar a igreja ocasionalmente aos domingos. Numa dessas visitas, fui abordada por um estranho cujo nome era Bull, que disse que me observara e que eu tinha uma capacidade psíquica definida. Perguntou se eu estava interessada em desenvolver o meu talento. Se sim, juntar-me-ia ao seu círculo de desenvolvimento que se reunia todas as terças-feiras à noite na sua casa em Wanstead?

Perguntei o que era um círculo de desenvolvimento, e ele disse que era um grupo de amigos, homens e mulheres, que se reuniam devido ao seu interesse comum pelo espiritualismo.

Tinha apenas dezassete anos e não tinha a certeza absoluta do que me estava a meter, mas a minha curiosidade superou a minha ansiedade e dei por mim a tocar à campainha da casa alta do Sr. Bull na semana seguinte. Ele próprio abriu a porta. ‘Entre,’ disse, ‘e conheça os amigos.’

Entrei numa sala de estar no centro da qual uma dúzia ou mais de cadeiras haviam sido colocadas em círculo. Conversámos como se estivéssemos numa festa de cocktails onde não eram servidas bebidas, e quando toda a gente se reuniu, pediram-nos para nos sentarmos. Fui colocada numa cadeira diretamente oposta à ocupada pelo nosso anfitrião.

A luz principal foi desligada e uma pequena lâmpada de mesa com uma lâmpada vermelha foi ligada no seu lugar. Estava um tanto apreensiva, mas o meu vizinho explicou que obtinham melhores resultados na semiescuridão.

O Sr. Bull disse uma curta oração, pedindo a orientação e proteção de Deus. De alguma forma, a luz foi atenuada ainda mais até que muito pouco se pudesse ver. Disseram-nos para meditar.

Desde então, aprendi a arte da meditação, e ensinei-a. Pode ser muito útil. Na altura, no entanto, era algo que nunca tentara seriamente. Sei agora que uma hora de meditação pode passar aparentemente em cinco minutos, mas na época cinco minutos pareciam arrastar-se para mim numa hora. Estava bastante desligada, acho, perguntando-me sobre o que todos os outros estavam a meditar, quem eram, e se eu estaria bem. De repente, houve um estrondo terrificante, e pareceu vir mesmo de trás da minha cadeira.

Estava demasiado assustada para me virar e olhar, e agarrei o lado da cadeira. Não sei quanto tempo passou até que a luz fosse aumentada, mas eventualmente o Sr. Bull levantou-se e ligou a luz principal após nos avisar para protegermos os olhos até que se acostumassem novamente ao brilho. Ainda não olhei para trás de mim, e perguntei-me se algum dos outros ouvira algo; se ouviram, não deram sinal de o ter feito.

Depois, por turnos, pediram-nos para dizer sobre o que tínhamos estado a meditar. À medida que o meu turno se aproximava, ouvi o que os outros diziam sobre os vários pensamentos que lhes haviam passado pela mente, e ninguém mencionou ter ouvido qualquer tipo de ruído. Certamente não era a única a ter ouvido o estrondo, ou seria que era a única que não estivera a meditar corretamente?

Quando chegou a mim, reuni coragem. Disse que tentara ter ‘pensamentos bonitos’ mas que na verdade não pensara muito sobre nada. No entanto, fora perturbada por um estrondo atrás da minha cadeira.

Aparentemente, todos o haviam ouvido, mas não pensaram nada disso. Talvez tais ruídos fossem uma ocorrência quotidiana no seu círculo. ‘Se dizes que aconteceu atrás da tua cadeira,’ acenou o Sr. Bull, ‘vamos investigar.’

Com efeito, caído no chão atrás da minha cadeira estava o retrato emoldurado de um Índio Vermelho que aparentemente caíra da parede, exceto que o gancho do quadro ainda estava na parede e o cordão atrás da moldura ainda estava intacto. O Sr. Bull explicou que tinha um ajudante Índio Vermelho — Sitting Bull, perguntei-me irreverentemente? — e que o retrato era um desenho psíquico por um dos membros do círculo que vira o seu guia.

Desprezou o assunto como sem significado, mas a lógica Doris teve de pedir uma explicação. 'Possivelmente o guia está muito feliz por te teres juntado ao nosso círculo,' voluntariou-se alguém, mas isso não era bom o suficiente para mim. Tivera pouca experiência na altura de acontecimentos invulgares. Sabia que não era nenhum truque, mas simplesmente não conseguia explicar.

Serviram-nos então chá e bolachas. 'Gostaste da reunião?' perguntou-me alguém.

'Gostar' pareceu-me uma forma curiosa de descrever os meus sentimentos. 'Muito simpático, obrigada,' respondi de forma não comprometedora, à minha maneira infantil, todo o tempo pensando que eram um grupo estranho e que não voltaria.

Claro que não discuti o assunto com os meus pais, mas contei à Marcia Clasper que tinha medo de voltar. Ela expressou a opinião de que não dera ao círculo uma oportunidade justa. 'Uma vez não é suficiente,' disse.

Passei toda a semana seguinte a decidir não voltar, e depois no último minuto fui novamente. Os preliminares eram muito semelhantes aos da vez anterior. O Sr. Bull pediu-nos para meditar e disse-nos que estávamos seguros, que estávamos protegidos do perigo. Nesta ocasião, senti-me muito sonolenta e devo ter adormecido. Não me lembro de mais nada até que o Sr. Bull me abanou e disse: 'Vamos, Doris, levanta-te. Vou ligar a luz.'

Os outros membros do círculo pareciam estar a estudar-me curiosamente. 'Sabes o que aconteceu?' perguntou o Sr. Bull. 'Estiveste no que chamamos um transe.'

Ouvira a palavra antes, mas nunca pensara que entraria num; à minha maneira simples, acreditava que se tinha de ser hipnotizado para entrar em tal estado. Nem nunca vira ninguém num transe, pelo que sabia.

Contaram-me então que a minha irmã Emmie falara ao círculo através de mim. Dera o seu nome, e dissera que estava feliz por me usar como médium para falar com eles, mas que eu era demasiado jovem para desenvolver o meu dom precioso. Não devia, disse-lhes, sentar-me mais no círculo; tinha de aprender a lidar com a vida primeiro, mas mais tarde percorreria o mundo inteiro, usando os dons especiais que tinha.

Lembrei-me das palavras semelhantes da Sra. Clasper para mim, e fiquei terrivelmente desapontada por a Emmie querer que eu deixasse o círculo justamente quando estava a interessar-me por ele. O Sr. Bull disse que a Emmie lhes dissera que alcançara o seu propósito; fizera contacto comigo. Proteger-me-ia e tentaria guiar a minha vida para que eu pudesse fazer o trabalho para o qual viera a este mundo.

Claro que não era a primeira vez que a Emmie se manifestara a mim ou através de mim, e achei isso curioso porque nunca fora muito próxima dela durante a sua vida. Quando criança pequena, sentira que ela era alguém muito especial, e havia uma qualidade nela que sempre brilhava. A minha impressão principal dela era que era muito bela; tinha uma beleza de espírito bem como um rosto belo, mas era muito mais velha do que eu e, portanto, bastante remota. Agora não queria acatar o seu conselho. ‘Acho que não vou ligar nenhuma a isso,’ disse alegremente. ‘Quero voltar.’ Estava a desfrutar de uma sensação de realização. Estava a progredir depressa. Já experimentara o estado de transe, o que era mais do que alguns dos outros haviam feito!

Mas recusaram-me, e assim deixei o círculo, mas interiormente estava determinada a explorar mais o assunto.

A vida em breve teve outras atrações para mim, no entanto, e não demorou muito até me apaixonar e casar, como relatei. Estava demasiado ocupada a ser uma mulher casada e uma jovem mãe para me preocupar seriamente com o espiritualismo, mas mantive as minhas amizades com pessoas que se misturavam em círculos psíquicos e assisti a várias reuniões, todo o tempo aprendendo e adicionando à minha experiência. Nada muito dramático me aconteceu nessa altura, pelo menos nada que valha a pena

registar. Felizmente estava casada com um homem que nunca se riu de mim, na verdade que acreditava nos meus dons e que me permitia uma certa liberdade para os explorar.

Foi após o nascimento do Brian que comecei seriamente a desenvolver o meu outro dom como curadora espiritual. Conhecera várias pessoas que eram curadores e que estavam convencidas de que eu era similarmente dotada; persuadiram-me a juntar-me a eles no seu trabalho. O Sr. Jenkins era um curador experiente na Igreja Espiritualista de Ilford, e convidou-me a estudar com ele durante um ano, oferecendo-se para me guiar e ajudar. Tornei-me a sua noviça.

Reuníamo-nos uma vez por semana à noite e trabalhávamos das seis horas até às dez e meia. Havia cerca de uma dúzia de curadores no nosso grupo, e a mesma grande sala que servia como lugar de culto aos domingos era a nossa sala de consulta. Os curadores trabalhavam em círculo, e os pacientes sentavam-se em cadeiras, esperando ser chamados. Tínhamos uma secretária que marcava consultas e que mantinha os históricos dos casos.

Os pacientes vinham de todas as formas e tamanhos, e o nosso grupo muitas vezes via até cem numa única noite. Alguns haviam sido recomendados a nós por médicos locais que haviam feito o máximo que podiam pelos seus pacientes, mas que sentiam que eles poderiam beneficiar da ajuda que lhes podíamos dar. Até tinha médicos a vir ter comigo para tratamento! Muitos pacientes, particularmente idosos, vinham porque sentiam que os seus médicos regulares nada mais podiam fazer por eles; esperavam um milagre e éramos a sua última possibilidade, como pensavam.

Os curadores não têm necessariamente qualquer conhecimento médico e raramente tiveram qualquer formação médica. Não pretendem substituir a profissão médica, mas sim complementar o maravilhoso trabalho dos praticantes médicos qualificados. Onde apropriado, encaminharão um paciente para um médico. Tudo o que podem fazer — tudo o que procuram fazer — é oferecer ajuda. A ajuda pode vir de muitas formas — é por vezes física, como pelo toque, ou pode ser mental, como em dar conforto. Cada vez mais, a profissão médica tem vindo a reconhecer o valor potencial para um paciente da cura espiritual.

Comecei como assistente do Sr. Jenkins, mas mesmo antes de o meu ano probatório terminar, estava a alcançar resultados valiosos por mim própria. Mais tarde, alcancei o que algumas pessoas consideravam resultados milagrosos, mas isso foi após praticar a minha arte (ou o meu dom, seja lá como se deva chamar) durante muitos anos. O Sr. Jenkins ensinou-me apenas tanto, e desenvolvi a minha própria técnica, quase por instinto. À medida que ganhava mais experiência, assim a minha taxa de sucesso aumentava. Curei todas as semanas durante muitos anos.

Cheguei a acreditar que a frustração mental pode ser tão perigosa para a saúde como uma doença reconhecível. Pessoas aparentemente saudáveis que estão frustradas com as suas vidas ou que passam por tremendo conflito mental podem criar um desequilíbrio na estrutura do seu corpo, por vezes levando ao cancro, por exemplo. Em tais casos, a cura que fiz não é diferente daquela, suponho, de um psiquiatra.

A maioria das pessoas que vieram ter comigo para cura, no entanto, sofriam de coisas como dor nas costas, problemas nas articulações, dores de cabeça, dores internas — ou talvez estivessem parcialmente aleijadas e tivessem dificuldade em andar. Por vezes, sei, não acreditavam que eu pudesse ajudá-las, e estavam nervosas, mas vinham porque alguém lhes pedira para tentar como último recurso. ‘Doris,’ podiam dizer, ‘tenho esta dor terrível nas costas. Já fui a todo o lado e não consigo obter ajuda.’

‘Farei o que puder para te ajudar,’ digo. ‘Queres sentar-te?’

Então, toco geralmente no paciente. Tinham-me ensinado pelo Sr. Jenkins a tocar onde me sentia guiada para ir, mas quase sempre começo por tocar nas mãos do paciente. Isso geralmente relaxa-o ou a ela. Disseram-me que tenho uma voz calmante, mas o efeito calmante é acelerado pelo toque. Então, muitas vezes toco na cabeça do paciente, seguido das costas, ou onde quer que o meu instinto me diga para tocar.

Não tenho a certeza de como o meu toque afeta o paciente, mas sei claro o que sinto. Os chineses falam de yin e yang, as forças positivas e negativas. Sou naturalmente destra, e acredito que tenho força positiva na minha mão direita, pelo que quero dizer que por vezes sinto poder emanar dela; raramente da minha mão esquerda, onde opera a força negativa. Quando toco num paciente, por vezes sinto uma espécie de corrente elétrica

entre a minha mão direita e o corpo dele ou dela; também posso sentir um tremendo calor ou um grande frio em ocasiões.

Difícil como é explicar, por vezes sinto cores a vir da minha mão direita, e é interessante notar neste contexto que vários pacientes me disseram que viram cores a irradiar de mim enquanto os tratava. Hoje em dia, curo bastante frequentemente pelo uso consciente da cor porque cheguei a perceber o importante papel terapêutico que a cor desempenha nas nossas vidas. No seu mais básico, certas cores são repousantes e têm um efeito tranquilizante, enquanto outras são violentas.

Como prova de que não considero a cura espiritual como um substituto para a atenção médica normal, cito o caso do meu próprio filho Brian. Tornou-se claro para o meu marido e para mim logo após o nascimento do bebé que havia algo muito errado com ele, e o nosso médico estava a tratá-lo por problemas de estômago. Tinha dezoito meses — por volta da altura em que acabara de completar a minha aprendizagem com o Sr. Jenkins — quando o Great Ormond Street Hospital diagnosticou o seu problema.

Não admira que o médico de família local não estivesse a chegar a lado nenhum, pois o Brian tinha uma doença rara que requeria uma dieta especial de bananas e pão sem glúten feito de feijões de soja. Mas isto era no meio de uma guerra, e as bananas eram uma mercadoria muito escassa, mesmo no mercado negro. A Cruz Vermelha Britânica veio em nosso socorro, e todos os meses, graças a eles, dez libras de bananas chegavam-nos da África do Sul.

Tentei educar o Brian como uma criança normal, e expliquei-lhe que tinha uma incapacidade com a qual tinha de aprender a viver. Embora tivesse o aspeto pálido de outros sofredores da sua doença invulgar, graças a Deus o seu crescimento não foi atrofiado, como muitas vezes acontecia, assim me disseram.

Em todos os outros aspetos, o Brian era de facto um rapaz normal, e ajustou-se bem à situação, como eu lhe ensinara e incentivara a fazer. Nunca pensei em tentar curá-lo eu própria, exceto na medida em que tentava criar para ele condições de vida em que pudesse prosperar — o que não é mais do que todo o bom progenitor faz.

Tinha treze anos quando pela primeira vez tive a ideia de que ele poderia beneficiar de visitar a nossa clínica, e expus-lhe o pensamento. ‘Qual é o

objetivo?' divertiu-me ao responder, 'posso ter-te em casa a qualquer momento.'

'Oh, não,' disse, 'nem pensaria em curar-te eu própria. Pensei que pudesses ir a um dos outros curadores.'

O Brian concordou em ir, e marquei uma consulta para ele através da secretária. No entanto, o curador a quem o Brian fora atribuído adoeceu ele próprio nessa noite, e o Brian foi transferido para mim! Acho provavelmente que não o teria aceite como paciente se não estivesse a trabalhar na altura com outro curador como parte de uma equipa. Havia pelo menos outra pessoa independente para lidar com o meu filho, o paciente.

Enquanto o outro curador segurava as mãos do Brian e lhe tocava na cabeça e no estômago, senti-me impelida a tocar-lhe no pescoço. O tratamento (ou, como costumo chamar-lhe, a cura) não durou muito tempo. Não houve nenhuma mudança óbvia no Brian e ele foi para casa. Isto foi pouco antes das nove horas.

Eu própria cheguei a casa cerca de duas horas depois, para ser recebida pelo meu marido à porta. Estava muito alarmado. 'O que fizeste ao nosso filho?' exigiu, quase zangado.

'Nada,' respondi. 'O que queres dizer com isso? Apenas lhe toquei no pescoço, como me senti impelida.'

'Vai lá acima e vê,' disse o Jack.

Corri para o quarto do Brian, onde ele jazia na cama. O seu pescoço estava grosseiramente inchado. Fiquei francamente aterrorizada e não conseguia imaginar como o meu contacto com o seu pescoço poderia ter produzido este resultado. E então o meu filho acusou-me: 'Foste tu que o fizeste,' disse. 'Quando me tocaste no pescoço, senti uma sensação muito estranha. Agora olha para mim.'

Senti-me horrível, e pela primeira vez perguntei a mim própria se estava certa em tentar curar. Estaria talvez a mexer em algo que não compreendia, a exercer algum poder que não conseguia controlar? Porque seria que o meu único problema como curadora surgira no caso do meu próprio filho de carne e osso?

Mandámos chamar imediatamente o médico, que diagnosticou febre glandular e levou o Brian às pressas para o hospital, onde lhe foi dada uma transfusão de sangue imediata. No dia seguinte, disseram-nos que ele poderia ter leucemia. Escusado será dizer que ficámos angustiados, e lembro-me de pensar que o Brian era o nosso único filho e que eu não poderia ter outros filhos. Sentia-me desesperadamente miserável pelo pobre rapaz, e perguntava-me o tempo todo se de alguma forma estranha eu era responsável pela sua condição. Ele estivera aparentemente perfeitamente bem até eu lhe tocar no pescoço, mas seguramente uma coisinha assim não poderia ter induzido leucemia? Era ridículo supor tal coisa, e no entanto resultara num pescoço horrivelmente inchado.

Enquanto saía do seu lado da cama, o Brian olhou para mim. Os seus olhos suplicavam, já não acusavam. 'Mamã,' disse, 'dá-me o teu lenço. Quero pô-lo debaixo da minha almofada porque cheira a ti.' Sei agora que esta era a sua forma de tentar manter contacto comigo. Sabia na altura que o seu pedido significava que me amava, e senti-me muito mais feliz.

Mal ele falara, ouvi uma voz. Disse-me que o meu filho não tinha leucemia, nem qualquer doença fatal, aliás. Disse-o ao médico, embora não lhe dissesse como sabia.

'Tem algum conhecimento médico?' perguntou.

'Nenhum,' respondi, porque não achava que o meu trabalho como curadora fosse o que ele tinha em mente.

'Então porque diz que sabe que o seu filho não sofre de leucemia?' disse, olhando para mim com um certo respeito, como se o meu tom de voz tivesse soado convincente.

'Tive uma sensação,' foi tudo o que pude dizer.

Olhou novamente para mim e acenou com a cabeça. 'Sabe o valor da oração?' inquiriu.

Estava em terreno mais firme aqui. A oração é pensamento potente, positivo. 'Sim, certamente que sei,' respondi.

'Então, se fosse a si,' disse o médico, 'iria para casa e rezaria para que esteja certa.'

Não sou uma oradora de orações de tempo bom. Sempre orei. Desta vez, fiz o seguinte compromisso com Deus: ‘Se salvares a vida do meu único filho, seja o que for que faça neste mundo, curarei sempre os doentes.’

Hoje, o Brian, embora ainda algo pálido na tez, é um sujeito robusto de um metro e noventa. É um antigo fuzileiro comando e é agora chefe dos bombeiros. Ainda tem ataques ocasionais que o colocam de volta ao pão de farinha de soja, mas a minha voz tinha razão quando mesmo os médicos estavam em dúvida. Ninguém descobriu o que se passava com ele quando o seu pescoço inchou, mas certamente não era nem febre glandular nem leucemia.

Do que os médicos tinham a certeza era que a contagem sanguínea dele estava tão baixa quando chegou ao hospital que, se não lhe tivessem dado uma transfusão de sangue dentro de vinte e quatro horas, ninguém o poderia ter salvado. Se o pescoço do Brian não se tivesse enlarguecido como resultado do meu toque, ele não teria ido para o hospital e tido a transfusão. O meu poder de cura, que parecera nesta instância ser uma força destrutiva, revelara-se um meio para um fim. Pode ter salvado a vida do meu filho. Era um poder de cura, afinal.

Até hoje, mantive a minha promessa de curar os doentes. É uma função que considero talvez a mais importante na minha vida.

CAPÍTULO QUATRO

Quando conto às pessoas que fui casada três vezes, geralmente parecem surpreendidas. Que fui divorciada duas vezes é uma questão de alguma surpresa mesmo para mim própria. Mas factos são factos e não posso fugir deles. As circunstâncias eram, no entanto, muito invulgares. Estou felizmente casada agora com o meu atual — e tenho a certeza que último — marido, e durante muito tempo também fui felizmente casada com os outros.

Sempre fui uma grande crente na instituição do casamento e na importância da unidade familiar. Tive o exemplo do casamento feliz dos meus pais para me guiar, e ninguém pode ter visto maior evidência do amor que duas pessoas podem ter uma pela outra do que alguém como eu que observou em primeira mão o amor que se estende para além da sepultura.

Um exemplo particular vem-me à mente. Tarde numa manhã — deve ter sido em 1950 ou por aí — estava ocupada a limpar o pó da casa quando, tão claro como água, vi o Reverendo Albury da Igreja de St Mary em South Woodford, que morrera algum tempo antes. Apareceu diante de mim em casa e disse-me para ir ao Jardim Zoológico de Londres. Hesitei a princípio, naturalmente, mas quanto mais pensava na mensagem, mais me sentia impelida a obedecer.

Disse ao meu marido que tinha a sensação de que tinha de ir à cidade. Deve ter estado habituado às minhas sensações, pois não pareceu nada surpreendido quando após o almoço mudei de roupa e saí de casa. Eram mais das três horas quando cheguei ao Regent's Park, e decidi que a primeira coisa que queria fazer, antes mesmo de ver os animais, era tomar uma chávena de chá. Assim, fui ao restaurante do Zoo.

Uma mulher estava sentada na mesa ao lado que não reconheci a princípio porque usava um chapéu grande que lhe escondia o rosto. Quando se virou para mim, vi que era a Sra. Albury, viúva do Reverendo Albury que era responsável pela minha presença ali.

'Doris, o que raio estás a fazer aqui?' disse.

'Poderia muito bem perguntar-te o mesmo,' respondi.

A Sra. Albury era australiana e, após a morte do marido, tencionava em breve regressar ao país do seu nascimento. 'Vim aqui,' contou-me, 'para

dizer adeus à Inglaterra.' Aparentemente, ela e o seu falecido marido haviam-se conhecido pela primeira vez no Zoo e fora um lugar de encontro importante para eles antes do casamento.

Soube então que tinha de lhe dizer que o marido dela me enviara a ela. Não duvidou de mim, mas perguntou-me o que significava. Pude dizer-lhe que o marido dela só estava morto no sentido físico, que a sua vida não terminara e que, ao enviar-me para a ver, indicava que tentaria protegê-la onde quer que estivesse — e acima de tudo que a amava com carinho.

Sem dúvida, o deles era um dos relacionamentos perfeitos, e provavelmente há muitos mais do que as pessoas pensam, mesmo nesta era de divórcio fácil.

Tenho de confessar que o meu próprio primeiro casamento se tornou muito menos do que perfeito. Estou inibida em certa medida em discutir o fracasso do meu casamento pelo facto de o Jack ser o pai do meu filho, e nunca expliquei ao Brian porque deixei o pai dele ou porque decidi fazê-lo dentro de vinte e quatro horas após dezasseis anos de casamento. Há em todo o caso certos assuntos que devem, creio, permanecer confidenciais entre marido e mulher.

Visto que é moda nos dias de hoje contar tudo, e visto que a revelação indiscreta parece ser requerida de um autor, espero que me perdoem se me concentrar nas deficiências do Jack e ignorar as suas muitas qualidades. Como mais poderia explicar a minha própria conduta? Demorei dois anos a descobrir que o meu marido era um bebedor e um jogador, mas isso não me preocupava grandemente. Estava mais preocupada com o facto de, à medida que o nosso casamento progredia, começar a sentir que ele já não era um bom companheiro. Não era realmente um homem caseiro e muitas vezes, quando íamos juntos ao cinema, saía a meio do programa, ia ao pub ao lado e encontrava-me fora quando o filme acabava.

Se isso fosse tudo, provavelmente teria permanecido a sua mulher até à sua morte em 1974. Mas infelizmente cheguei a perceber que o meu marido era fraco, certamente sobre assuntos financeiros. Era um gestor chocantemente mau, financeiramente não confiável, e chegou o momento em que me colocou numa posição que achei insustentável. Não direi mais. A natureza da palha que quebrou as costas do camelo deve permanecer um segredo entre nós, mas apresso-me a dizer que o Jack nunca foi desonesto e

é correto também salientar que foi sempre um bom pai para o Brian e a Margaret.

Divorciámo-nos em 1954, pouco antes do décimo quarto aniversário do Brian; a Margaret tinha então nove anos. Casei com o meu segundo marido, Richard Collins, quase exatamente dois anos depois. O Dick era cerca de quinze anos mais novo do que o Jack e muito mais próximo da minha própria idade. Conhecera-o pela primeira vez quando trouxe a mulher a mim para cura. Viviam em Ilford e haviam ouvido falar do meu trabalho. Ela morreu nove meses depois de cancro. Sabia que não podia salvar-lhe a vida porque estava numa condição terminal quando a vi pela primeira vez, mas espero e acredito que lhe dei algum alívio e alguma paz. Os três tornámo-nos amigos firmes, e visitava-os pelo menos uma vez por semana. Curiosamente, o nome dela também era Doris e o filho mais velho deles também se chamava Brian; tinham uma segunda criança, o pequeno Richard, que era anão.

Enquanto morria, a Sra. Collins disse-me: 'Doris, cuida do Richard por mim.' Sabia que se referia ao filho anão dela e não ao marido, que partilhava o mesmo nome. Esta foi a minha razão principal para manter contacto com a família após a morte da mãe. Convidei-os a casa e, algo surpreendida, o Dick deixou claro que não aprovava a atmosfera em que eu lhe parecia viver, e em particular expressou a opinião de que o Jack não era um marido adequado para mim.

Embora tivesse as minhas próprias ideias sobre o assunto, ressenti um pouco a crítica do Dick até começar a perceber que ele estava genuinamente preocupado comigo. Suponho que sabia no fundo que ele se estava a apaixonar por mim, especialmente quando disse um dia: 'A qualquer momento que queiras deixar o Jack, podes sempre ter uma casa connosco.' Mas não ia ser desleal ao Jack enquanto permanecesse casada com ele.

Foi cerca de um ano depois que finalmente deixei o Jack. Ele suplicou-me para voltar, mas recusei. Levei a Margaret e fui ficar com o Dick e a mãe dele. Éramos seis na casa — o Dick, a mãe dele, os dois filhos dele, a Margaret e eu — e não tive opção senão deixar o Brian com o pai dele por enquanto, embora passasse muito do seu tempo connosco.

O meu casamento com o Richard Collins, que aliás era Gerente de Passageiros da Linha Italiana Geral de Navegação, foi um divisor de águas na minha vida. Casei com ele em 1956, e foi nesta altura que comecei seriamente a envolver-me no movimento espiritualista. Tornei-me uma membro muito ativa do movimento quase exatamente na altura em que me tornei Doris Collins, o nome pelo qual sou profissionalmente conhecida até hoje. Os três anos seguintes foram incrivelmente agitados.

Tornara-se cada vez mais óbvio para mim que, além do meu dom como curadora, tinha poderes de clarividência e clariaudiência. A clarividência envolve ver o passado e o futuro, e a clariaudiência é claro ouvir vozes. Estava curiosa por saber mais sobre estes dons, e também por desenvolvê-los. Sentei-me com vários médiuns para este propósito, pois além da minha própria curiosidade, queria ensinar aos outros o que estava a começar a descobrir sobre mim própria. Devo talvez dizer, para o bem dos não iniciados, que um médium é um canal entre dois estados de existência. Se isso é um conceito algo difícil, talvez possa comparar um médium a um aparelho de televisão que capta vibrações do éter e as apresenta numa forma material ao espetador.

Em todo o caso, procurei pessoas que esperava que me pudessem ajudar a compreender-me. Perguntei a uma senhora particularmente famosa porque e como certos ‘dons’ funcionavam. Respondeu apenas: ‘Um dia, Doris, aprenderás e compreenderás.’ Isto não foi muito útil, e a minha mente lógica e prática sentiu que devia haver uma explicação melhor. Percebo agora que ela não sabia a resposta.

Seria supremamente arrogante da minha parte afirmar que agora sei a resposta eu própria, mas terei mais a dizer sobre isto mais adiante. Comecei no entanto a perguntar-me se não saberia mais sobre o dom psíquico do que muitas das pessoas a quem fazia perguntas. Ocorreu-me que, tendo dirigido círculos de cura com sucesso durante algum tempo, poderia utilmente também começar círculos de ensino. Pode ter sido um pouco como o cego a guiar o cego, mas acredito que alcancei alguns resultados úteis.

Pessoas vinham ter comigo que me haviam visto trabalhar ou ouvido palestrar, e descobri que, ao envolver-me nos problemas e interesses de outras pessoas, estava a aprender muito eu própria. Uma vez, escolhi uma mulher da audiência que se sentou comigo durante três ou quatro anos até ter de desistir do círculo. Hoje é uma médium bem conhecida.

Tentei educar o Brian como uma criança normal, e expliquei-lhe que tinha uma incapacidade com a qual tinha de aprender a viver. Embora tivesse o aspeto pálido de outros sofredores da sua doença invulgar, graças a Deus o seu crescimento não foi atrofiado, como muitas vezes acontecia, assim me disseram.

Em todos os outros aspetos, o Brian era de facto um rapaz normal, e ajustou-se bem à situação, como eu lhe ensinara e incentivara a fazer. Nunca pensei em tentar curá-lo eu própria, exceto na medida em que tentava criar para ele condições de vida em que pudesse prosperar — o que não é mais do que todo o bom progenitor faz.

Tinha treze anos quando pela primeira vez tive a ideia de que ele poderia beneficiar de visitar a nossa clínica, e expus-lhe o pensamento. 'Qual é o objetivo?' divertiu-me ao responder, 'posso ter-te em casa a qualquer momento.'

'Oh, não,' disse, 'nem pensaria em curar-te eu própria. Pensei que pudesses ir a um dos outros curadores.'

O Brian concordou em ir, e marquei uma consulta para ele através da secretária. No entanto, o curador a quem o Brian fora atribuído adoeceu ele próprio nessa noite, e o Brian foi transferido para mim! Acho provavelmente que não o teria aceite como paciente se não estivesse a trabalhar na altura com outro curador como parte de uma equipa. Havia pelo menos outra pessoa independente para lidar com o meu filho, o paciente.

Enquanto o outro curador segurava as mãos do Brian e lhe tocava na cabeça e no estômago, senti-me impelida a tocar-lhe no pescoço. O tratamento (ou, como costumo chamar-lhe, a cura) não durou muito tempo. Não houve nenhuma mudança óbvia no Brian e ele foi para casa. Isto foi pouco antes das nove horas.

Eu própria cheguei a casa cerca de duas horas depois, para ser recebida pelo meu marido à porta. Estava muito alarmado. 'O que fizeste ao nosso filho?' exigiu, quase zangado.

'Nada,' respondi. 'O que queres dizer com isso? Apenas lhe toquei no pescoço, como me senti impelida.'

'Vai lá acima e vê,' disse o Jack.

Corri para o quarto do Brian, onde ele jazia na cama. O seu pescoço estava grosseiramente inchado. Fiquei francamente aterrorizada e não conseguia imaginar como o meu contacto com o seu pescoço poderia ter produzido este resultado. E então o meu filho acusou-me: 'Foste tu que o fizeste,' disse. 'Quando me tocaste no pescoço, senti uma sensação muito estranha. Agora olha para mim.'

Senti-me horrível, e pela primeira vez perguntei a mim própria se estava certa em tentar curar. Estaria talvez a mexer em algo que não compreendia, a exercer algum poder que não conseguia controlar? Porque seria que o meu único problema como curadora surgira no caso do meu próprio filho de carne e osso?

Mandámos chamar imediatamente o médico, que diagnosticou febre glandular e levou o Brian às pressas para o hospital, onde lhe foi dada uma transfusão de sangue imediata. No dia seguinte, disseram-nos que ele poderia ter leucemia. Escusado será dizer que ficámos angustiados, e lembro-me de pensar que o Brian era o nosso único filho e que eu não poderia ter outros filhos. Sentia-me desesperadamente miserável pelo pobre rapaz, e perguntava-me o tempo todo se de alguma forma estranha eu era responsável pela sua condição. Ele estivera aparentemente perfeitamente bem até eu lhe tocar no pescoço, mas seguramente uma coisinha assim não poderia ter induzido leucemia? Era ridículo supor tal coisa, e no entanto resultara num pescoço horrivelmente inchado.

Enquanto saía do seu lado da cama, o Brian olhou para mim. Os seus olhos suplicavam, já não acusavam. 'Mamã,' disse, 'dá-me o teu lenço. Quero pô-lo debaixo da minha almofada porque cheira a ti.' Sei agora que esta era a sua forma de tentar manter contacto comigo. Sabia na altura que o seu pedido significava que me amava, e senti-me muito mais feliz.

Mal ele falara, ouvi uma voz. Disse-me que o meu filho não tinha leucemia, nem qualquer doença fatal, aliás. Disse-o ao médico, embora não lhe dissesse como sabia.

'Tem algum conhecimento médico?' perguntou.

'Nenhum,' respondi, porque não achava que o meu trabalho como curadora fosse o que ele tinha em mente.

‘Então porque diz que sabe que o seu filho não sofre de leucemia?’ disse, olhando para mim com um certo respeito, como se o meu tom de voz tivesse soado convincente.

‘Tive uma sensação,’ foi tudo o que pude dizer.

Olhou novamente para mim e acenou com a cabeça. ‘Sabe o valor da oração?’ inquiriu.

Estava em terreno mais firme aqui. A oração é pensamento potente, positivo. ‘Sim, certamente que sei,’ respondi.

‘Então, se fosse a si,’ disse o médico, ‘iria para casa e rezaria para que esteja certa.’

Não sou uma oradora de orações de tempo bom. Sempre orei. Desta vez, fiz o seguinte compromisso com Deus: ‘Se salvares a vida do meu único filho, seja o que for que faça neste mundo, curarei sempre os doentes.’

Hoje, o Brian, embora ainda algo pálido na tez, é um sujeito robusto de um metro e noventa. É um antigo fuzileiro comando e é agora chefe dos bombeiros. Ainda tem ataques ocasionais que o colocam de volta ao pão de farinha de soja, mas a minha voz tinha razão quando mesmo os médicos estavam em dúvida. Ninguém descobriu o que se passava com ele quando o seu pescoço inchou, mas certamente não era nem febre glandular nem leucemia.

Do que os médicos tinham a certeza era que a contagem sanguínea dele estava tão baixa quando chegou ao hospital que, se não lhe tivessem dado uma transfusão de sangue dentro de vinte e quatro horas, ninguém o poderia ter salvado. Se o pescoço do Brian não se tivesse enlarguecido como resultado do meu toque, ele não teria ido para o hospital e tido a transfusão. O meu poder de cura, que parecera nesta instância ser uma força destrutiva, revelara-se um meio para um fim. Pode ter salvado a vida do meu filho. Era um poder de cura, afinal.

Até hoje, mantive a minha promessa de curar os doentes. É uma função que considero talvez a mais importante na minha vida.

Quando conto às pessoas que fui casada três vezes, geralmente parecem surpreendidas. Que fui divorciada duas vezes é uma questão de alguma surpresa mesmo para mim própria. Mas factos são factos e não posso fugir deles. As circunstâncias eram, no entanto, muito invulgares. Estou felizmente casada agora com o meu atual — e tenho a certeza que último — marido, e durante muito tempo também fui felizmente casada com os outros.

Sempre fui uma grande crente na instituição do casamento e na importância da unidade familiar. Tive o exemplo do casamento feliz dos meus pais para me guiar, e ninguém pode ter visto maior evidência do amor que duas pessoas podem ter uma pela outra do que alguém como eu que observou em primeira mão o amor que se estende para além da sepultura.

Um exemplo particular vem-me à mente. Tarde numa manhã — deve ter sido em 1950 ou por aí — estava ocupada a limpar o pó da casa quando, tão claro como água, vi o Reverendo Albury da Igreja de St Mary em South Woodford, que morrera algum tempo antes. Apareceu diante de mim em casa e disse-me para ir ao Jardim Zoológico de Londres. Hesitei a princípio, naturalmente, mas quanto mais pensava na mensagem, mais me sentia impelida a obedecer.

Disse ao meu marido que tinha a sensação de que tinha de ir à cidade. Deve ter estado habituado às minhas sensações, pois não pareceu nada surpreendido quando após o almoço mudei de roupa e saí de casa. Eram mais das três horas quando cheguei ao Regent's Park, e decidi que a primeira coisa que queria fazer, antes mesmo de ver os animais, era tomar uma chávena de chá. Assim, fui ao restaurante do Zoo.

Uma mulher estava sentada na mesa ao lado que não reconheci a princípio porque usava um chapéu grande que lhe escondia o rosto. Quando se virou para mim, vi que era a Sra. Albury, viúva do Reverendo Albury que era responsável pela minha presença ali.

'Doris, o que raio estás a fazer aqui?' disse.

'Poderia muito bem perguntar-te o mesmo,' respondi.

A Sra. Albury era australiana e, após a morte do marido, tencionava em breve regressar ao país do seu nascimento. 'Vim aqui,' contou-me, 'para dizer adeus à Inglaterra.' Aparentemente, ela e o seu falecido marido

haviam-se conhecido pela primeira vez no Zoo e fora um lugar de encontro importante para eles antes do casamento.

Soube então que tinha de lhe dizer que o marido dela me enviara a ela. Não duvidou de mim, mas perguntou-me o que significava. Pude dizer-lhe que o marido dela só estava morto no sentido físico, que a sua vida não terminara e que, ao enviar-me para a ver, indicava que tentaria protegê-la onde quer que estivesse — e acima de tudo que a amava imenso.

Sem dúvida, o deles era um dos relacionamentos perfeitos, e provavelmente há muitos mais do que as pessoas pensam, mesmo nesta era de divórcio fácil.

Tenho de confessar que o meu próprio primeiro casamento se tornou muito menos do que perfeito. Estou inibida em certa medida em discutir o fracasso do meu casamento pelo facto de o Jack ser o pai do meu filho, e nunca expliquei ao Brian porque deixei o pai dele ou porque decidi fazê-lo dentro de vinte e quatro horas após dezasseis anos de casamento. Há em todo o caso certos assuntos que devem, creio, permanecer confidenciais entre marido e mulher.

Visto que é moda nos dias de hoje contar tudo, e visto que a revelação indiscreta parece ser requerida de um autor, espero que me perdoem se me concentrar nas deficiências do Jack e ignorar as suas muitas qualidades. Como mais poderia explicar a minha própria conduta? Demorei dois anos a descobrir que o meu marido era um bebedor e um jogador, mas isso não me preocupava grandemente. Estava mais preocupada com o facto de, à medida que o nosso casamento progredia, começar a sentir que ele já não era um bom companheiro. Não era realmente um homem caseiro e muitas vezes, quando íamos juntos ao cinema, saía a meio do programa, ia ao pub ao lado e encontrava-me fora quando o filme acabava.

Se isso fosse tudo, provavelmente teria permanecido a sua mulher até à sua morte em 1974. Mas infelizmente cheguei a perceber que o meu marido era fraco, certamente sobre assuntos financeiros. Era um gestor chocantemente mau, financeiramente não confiável, e chegou o momento em que me colocou numa posição que achei insustentável. Não direi mais. A natureza da palha que quebrou as costas do camelo deve permanecer um segredo entre nós, mas apresso-me a dizer que o Jack nunca foi desonesto e

é correto também salientar que foi sempre um bom pai para o Brian e a Margaret.

Divorciámo-nos em 1954, pouco antes do décimo quarto aniversário do Brian; a Margaret tinha então nove anos. Casei com o meu segundo marido, Richard Collins, quase exatamente dois anos depois. O Dick era cerca de quinze anos mais novo do que o Jack e muito mais próximo da minha própria idade. Conhecera-o pela primeira vez quando trouxe a mulher a mim para cura. Viviam em Ilford e haviam ouvido falar do meu trabalho. Ela morreu nove meses depois de cancro. Sabia que não podia salvar-lhe a vida porque estava numa condição terminal quando a vi pela primeira vez, mas espero e acredito que lhe dei algum alívio e alguma paz. Os três tornámo-nos amigos firmes, e visitava-os pelo menos uma vez por semana. Curiosamente, o nome dela também era Doris e o filho mais velho deles também se chamava Brian; tinham uma segunda criança, o pequeno Richard, que era anão.

Enquanto morria, a Sra. Collins disse-me: ‘Doris, cuida do Richard por mim.’ Sabia que se referia ao filho anão dela e não ao marido, que partilhava o mesmo nome. Esta foi a minha razão principal para manter contacto com a família após a morte da mãe. Convidei-os a casa e, algo surpreendida, o Dick deixou claro que não aprovava a atmosfera em que eu lhe parecia viver, e em particular expressou a opinião de que o Jack não era um marido adequado para mim.

Embora tivesse as minhas próprias ideias sobre o assunto, ressenti um pouco a crítica do Dick até começar a perceber que ele estava genuinamente preocupado comigo. Suponho que sabia no fundo que ele se estava a apaixonar por mim, especialmente quando disse um dia: ‘A qualquer momento que queiras deixar o Jack, podes sempre ter uma casa connosco.’ Mas não ia ser desleal ao Jack enquanto permanecesse casada com ele.

Foi cerca de um ano depois que finalmente deixei o Jack. Ele suplicou-me para voltar, mas recusei. Levei a Margaret e fui ficar com o Dick e a mãe dele. Éramos seis na casa — o Dick, a mãe dele, os dois filhos dele, a Margaret e eu — e não tive opção senão deixar o Brian com o pai dele por enquanto, embora passasse muito do seu tempo connosco.

O meu casamento com o Richard Collins, que aliás era Gerente de Passageiros da Linha Italiana Geral de Navegação, foi um divisor de águas na minha vida. Casei com ele em 1956, e foi nesta altura que comecei seriamente a envolver-me no movimento espiritualista. Tornei-me uma membro muito ativa do movimento quase exatamente na altura em que me tornei Doris Collins, o nome pelo qual sou profissionalmente conhecida até hoje. Os três anos seguintes foram incrivelmente agitados.

Tornara-se cada vez mais óbvio para mim que, além do meu dom como curadora, tinha poderes de clarividência e clariaudiência. A clarividência envolve ver o passado e o futuro, e a clariaudiência é claro ouvir vozes. Estava curiosa por saber mais sobre estes dons, e também por desenvolvê-los. Sentei-me com vários médiuns para este propósito, pois além da minha própria curiosidade, queria ensinar aos outros o que estava a começar a descobrir sobre mim própria. Devo talvez dizer, para o bem dos não iniciados, que um médium é um canal entre dois estados de existência. Se isso é um conceito algo difícil, talvez possa comparar um médium a um aparelho de televisão que capta vibrações do éter e as apresenta numa forma material ao espetador.

Em todo o caso, procurei pessoas que esperava que me pudessem ajudar a compreender-me. Perguntei a uma senhora particularmente famosa porque e como certos ‘dons’ funcionavam. Respondeu apenas: ‘Um dia, Doris, aprenderás e compreenderás.’ Isto não foi muito útil, e a minha mente lógica e prática sentiu que devia haver uma explicação melhor. Percebo agora que ela não sabia a resposta.

Seria supremamente arrogante da minha parte afirmar que agora sei a resposta eu própria, mas terei mais a dizer sobre isto mais adiante. Contudo, comecei a perguntar-me se não saberia mais sobre o dom psíquico do que muitas das pessoas a quem fazia perguntas. Ocorreu-me que, tendo dirigido círculos de cura com sucesso durante algum tempo, poderia utilmente também começar círculos de ensino. Pode ter sido um pouco como o cego a guiar o cego, mas acredito que alcancei alguns resultados úteis. Pessoas vinham ter comigo que me haviam visto trabalhar ou ouvido palestrar, e descobri que, ao envolver-me nos problemas e interesses de outras pessoas, estava a aprender muito eu própria. Uma vez, escolhi uma mulher da audiência que se sentou comigo durante três ou

quatro anos até ter de desistir do círculo. Hoje é uma médium bem conhecida.

CAPÍTULO CINCO

Foi enquanto estava na Escócia que o meu marido telefonou para dizer que recebera uma mensagem das Índias Ocidentais. Aparentemente, em certa altura, dera uma sessão a um ministro do governo daquela parte do mundo. Tinha-me esquecido completamente disso.

Isso não é tão estranho como pode parecer. Uma vez que lidei psiquicamente com um problema, geralmente ponho-o completamente fora da mente. Pessoas que me visitam mais do que uma vez ficam por vezes surpreendidas por nem sempre me lembrar do que lhes disse antes. Descobri que esta é a única forma em que consigo funcionar com sucesso. Quando estou a trabalhar, concentro-me no assunto em mãos. Torna-se então uma coisa do passado e tem de haver alguma razão especial para me recordar dele. Não tenho de entrar em transe para ver coisas, mas a minha memória delas muitas vezes não é melhor do que se tivesse estado num.

Assim, o facto de não me lembrar do meu distinto visitante não deve causar surpresa. Vejo tantas pessoas, e enquanto estou a trabalhar são todas iguais para mim. Parece, no entanto, que devo ter ajudado o cavalheiro enormemente porque me recomendou à atenção de um amigo muito próximo em Trinidad, e este homem viera para a Inglaterra especialmente para me ver.

Embora enviasse anúncios de reuniões, nunca anunciava por clientes, se é a palavra certa para as diferentes pessoas que vinham ter comigo por ajuda ou com os seus problemas — um dos mais comuns sendo como contactar entes queridos que haviam perdido. Uma espécie de telegrafo sem fios operava, mas fiquei surpreendida por a sua mensagem ter chegado às Caraíbas. Descobri também que, embora não procurasse nem evitasse publicidade, o meu nome começava a aparecer na imprensa — e não apenas em jornais locais.

No ano anterior, por exemplo, fora lançado um apelo pela rádio para alguém adotar um labrador cego. Os animais sempre foram importantes para mim e para a minha família, e já tínhamos um labrador dourado

chamado Bessie. Desconhecido para mim, o meu enteado Brian telefonou ao Daily Mirror e disse-lhes que eu seria capaz de fornecer o lar ideal para o animal cego. Contou-lhes que eu era uma curadora, que curara a Bessie de hardpad e que ela mais tarde tivera doze cachorros.

Embora houvesse mais de cem candidatos, fui escolhida para cuidar da criatura cega, e dei por mim nos jornais nacionais, para grande divertimento e surpresa minha, como se tivesse feito algum feito maravilhoso como escalar o Monte Evereste ou atravessar as Cataratas do Niágara num barril. Talvez a história tivesse sido copiada pelos jornais nas Índias Ocidentais, mas localmente pelo menos não podia ir a lado nenhum sem excitar comentários. Mantive o cão até morrer. De facto, curei-o e ele recuperou alguma da sua visão. Comprei uma grande corrente dupla, e a Bessie levava-o para todo o lado onde ia.

Nunca houve um cão como a Bessie, tanto quanto me diz respeito. Era uma das razões por que não gostava de viajar, porque muitas vezes adoecia quando eu me ausentava. Havia uma ligação espantosa entre nós e ela era muito apegada às crianças. Elas foram educadas com conhecimento do que eu fazia, e aceitavam o meu trabalho como natural. A Bessie, no entanto, quando ocasionalmente eu entrava em transe num círculo de desenvolvimento, uivava noutra sala. Era quase humana, ou tão humana quanto um cão pode ser. Ensinei-a a rir. ‘Bessie, ri,’ dizia, e ela mostrava os dentes e fazia um rosnado como um latido. Tenho de admitir que parecia aterrorizante quando ria e uma vez assustou o carteiro, que confundiu o seu riso com algo mais ameaçador.

Tive bastantes cães no meu tempo, mas a Bessie é a única que vejo. Muitas vezes aparece apenas por um minuto. Mais do que uma pessoa numa audiência me disse: ‘Sabes que havia um cão sentado aos teus pés no palco?’ A Bessie morreu claro há alguns anos, mas ainda está comigo.

Mas voltando às Índias Ocidentais. Pouco após o telefonema para o meu marido enquanto eu estava na Escócia — na verdade quase imediatamente após o meu regresso a casa — a campainha tocou. Estava a limpar a casa na altura e não marcara consultas para ver ninguém. Dois cavalheiros das Índias Ocidentais estavam ali. ‘Viemos levar-te de volta,’ disse um deles.

‘Levar-me de volta? Para onde?’ inquiri.

‘Para as Índias Ocidentais,’ disse o outro, tão naturalmente como se se referisse à West India Dock Road no East End de Londres.

Pensei a princípio que estavam a brincar, e fiquei quase petrificada quando percebi que estavam mortalmente sérios e queriam que eu partisse ali e então. Pensei na minha confusão em dizer que não podia ir porque não terminara o trabalho doméstico, ou porque o meu cabelo não estava bem arranjado, ou que estava inadequadamente vestida. Eventualmente, reuni coragem e insisti que não tinha intenção de ir a lado nenhum.

Quando se tornou óbvio que não tencionavam raptar-me, convidei-os a entrar. Disseram-me que vinham por recomendação do ministro do governo que eu vira anteriormente. Parece que lhe dissera que o Líder da Oposição em Trinidad e Tobago era um homem doente e que a cura o ajudaria. Enquanto me falavam, comecei a lembrar-me do meu visitante anterior, mas certamente não me lembrava de ter discutido, ou mesmo ouvido falar, do Líder da Oposição — Dr. Rudranath Capildeo.

Este distinto político tornara-se um inválido quase indefeso. Tivera dois ataques de febre reumática que lhe haviam danificado o coração. Disseram-me que expressara a opinião de que chegara ao fim da linha, mas não fazia ideia de que os seus amigos vinham ter comigo como último recurso.

Puseram um bilhete de avião de ida e volta de primeira classe na mesa. Não tenho a certeza de que alguma vez tivesse visto um. Disse-lhes que não podia deixar a minha casa para voar pelo mundo afora, mas suplicaram-me para mudar de ideias. Ficariam num hotel local por dois dias enquanto eu falava com o meu marido e reconsiderava o assunto.

Tendo falado com o Richard, telefonei-lhes para dizer que podia permitir-me ausentar por três dias, mas quando apontaram que estaria a viajar pela maior parte de dois dias de ida e volta — devo ter sido muito ingénua para não perceber isto — consenti numa semana.

Parámos primeiro em Tobago antes de prosseguir para Port of Spain, e pensei que ia morrer. O lugar era como um forno e perguntei-me se conseguiria trabalhar com tal calor. Em Port of Spain, fui recebida por um oficial do partido político do Dr. Capildeo, que me levou à casa de um casal inglês encantador onde fora arranjado que eu ficasse. Duas horas depois, fui recolhida e levada para ver o Dr. Capildeo.

Acho que ambos devemos ter ficado confusos. Nunca voara antes e após um voo tão longo poderia bem estar a sofrer de jet-lag, no entanto fui posta diretamente a trabalhar. Quanto a ele, em breve deixou claro que, se soubesse mais cedo quem e o que eu era, não teria concordado em ver-me, quanto mais em encorajar-me a atravessar o Atlântico para o propósito.

Era hindu e representava amplamente as secções chinesa e indiana da comunidade. O líder do partido governamental era apoiado pela maioria da secção africana. Encontrei o Dr. Capildeo sentado no alpendre da casa para onde fui levada. Levantou-se e apresentou-se, apertando-me a mão. Tive a curiosa sensação, pela primeira vez embora tenha tido experiências semelhantes muitas vezes desde então, de que o conhecera toda a minha vida. Não era um estranho.

'É Doris Collins,' disse. 'Não acredito no que faz e, se soubesse que estavam a mandar chamá-la, tê-lo-ia impedido.' Apesar das suas palavras, falou calorosamente e graciosamente. 'Mas por favor entre,' acrescentou, 'e talvez se sente e tome uma chávena de chá.'

Sentámo-nos num sofá e conversámos. Senti-me invulgarmente clarividente e praticamente contei-lhe a história da sua vida, como se de facto o conhecesse todo esse tempo. Não fizera perguntas sobre ele — saber demasiado sobre alguém pode na verdade inibir-me — e acho que ele percebeu que o meu dom era genuíno, particularmente quando falei sobre o seu casamento malsucedido e a sua luta para ser político. Lágrimas começaram a escorrer pelas suas faces.

'Acho absolutamente incrível,' disse-me, 'que saiba tanto sobre mim sem nunca me ter conhecido ou ouvido falar de mim antes.' Mal sabia ele que mal uma semana antes nem sequer poderia ter dito com certeza onde ficavam as Índias Ocidentais! Mais tarde, dir-me-ia que ele também sentia que sempre nos conhecêramos. 'Talvez me deixe dar-lhe alguma cura,' foi tudo o que pude dizer em resposta.

Concordou prontamente, dizendo-me que lhe haviam dado apenas seis meses de vida e que não saía de casa há muitas semanas.

Dava-lhe cura todos os dias em que lá estive e, antes de partir, acredite-se ou não, ele levava-me de carro pela sua bela ilha. Este foi um dos sucessos mais espetaculares e instantâneos que alguma vez consegui.

«Deu-me uma nova vida», disse ele ao despedir-se de mim para Inglaterra. Nessa altura, sentia que já éramos amigos firmes.

Regressei às Antilhas duas vezes a pedido de Rudy Capildeo. Começava a compreender que tinha de operar não só localmente em casa, mas também no mundo mais vasto. Lembrava-me das palavras da Sra. Clasper: «Tem o grande poder de cura. Vai percorrer o mundo inteiro usando este poder.» Num certo sentido, nunca estive longe de Trindade porque Rudy telefonava-me frequentemente para pedir conselhos sobre assuntos políticos.

Surpreendentemente, embora não seja uma pessoa particularmente política, sentia-me capaz de o aconselhar e dava-lhe cura à distância constante. Ele prestou-me um tributo maravilhoso, dizendo aos jornalistas que eu tinha conseguido ajudar a restaurar a sua saúde quando outros pouco podiam fazer. Logo após a minha primeira visita, ele levou a cabo o que chamou de «uma campanha difícil e perigosa», discursando em até meia dúzia de reuniões numa só noite.

A última vez que lá fui foi pouco antes das eleições em Trindade e Tobago. A data exata ainda não tinha sido fixada, mas presumia-se que teriam lugar num dia específico. Mal cheguei ao aeroporto, mais do que uma pessoa me perguntou quando seria o dia de votação, e eu disse a primeira data que me veio à cabeça. Isto foi noticiado na imprensa, acompanhado do comentário de que a minha sugestão se provaria incorreta porque não era de todo uma data lógica. Na verdade, o dia presumido foi alterado e eu provei ter razão. A partir daí, não podia fazer nada errado.

Nesta visita, Rudy parecia em forma e bem, e muito ativo politicamente. Estava ansioso por assistir à próxima Conferência de Independência de Trindade em Marlborough House, em Londres, mas primeiro tinha de fazer campanha. Pediu-me que o acompanhasse, dizendo que sentia que a minha presença o ajudaria. Tinha um motorista oficial, mas por vezes eu conduzia por ele. Parávamos em pequenas aldeias onde éramos invariavelmente bem-vindos e alimentados.

Uma noite, enquanto conduzia, a direção falhou e o carro perdeu o controlo. Caímos da estrada para um campo de cana-de-açúcar. Rudy ia sentado comigo à frente; a irmã e a sobrinha dele iam atrás. O carro ficou completamente destruído. Foi uma experiência terrível para todos nós, mas

particularmente para nós dois nos bancos da frente. Rudy passou pelo para-brisas e, de alguma forma, agarrei-o e puxei-o para trás. As lesões mais graves dele foram uma rótula partida e um úmero esquerdo fraturado. Senti como se tivesse explodido e mal conseguia respirar. As minhas costelas estavam fraturadas e vidros voadores tinham cortado um buraco no meu joelho.

Em minutos, fomos rodeados por pessoas e levados de urgência para o hospital, onde Rudy foi operado por um cirurgião francês. Acordei com as costelas enfaixadas. A dor no meu corpo era tão grande que nem conseguia alcançar um copo de água.

Rudy estava muito mais gravemente ferido do que eu, e assim que consegui, fui para junto da cama dele. As enfermeiras tinham-lhe dito que a recuperação seria lenta e que não poderia ir a Londres para a conferência que tanto significava para ele. «Disparate», disse eu, «vai lá, sim.» Praticamente arrastava-me para o quarto dele todos os dias e, com a total aprovação da equipa médica, dava-lhe cura. Ele fez uma recuperação notável.

Nunca se cansava de dizer às pessoas que a recuperação dele era o resultado combinado de cirurgia ortodoxa e cura espiritual. «Estou convencido», disse, «de que a cura que Doris Collins pratica é um fenómeno perfeitamente natural e que os seus princípios básicos podem ser descritos em linguagem científica moderna que deveria ser aceitável para todos os buscadores da verdade sem preconceitos.»

O Dr. Capildeo tinha graus tanto em ciências como em filosofia, por isso talvez a sua opinião deva ser respeitada. Conseguiu, devidamente, assistir à Conferência de Independência, embora ainda fosse membro do partido da oposição, e participou em todas as sessões. Morreu muitos anos mais tarde em Inglaterra devido a uma doença renal. Nunca chegou ao poder, mas para um homem a quem tinham dado apenas seis meses de vida, certamente levou uma vida plena e excitante durante muito tempo além da sua própria expectativa. Teve um funeral hindu no sul de Londres, e foi uma honra para mim participar na cerimónia.

CAPÍTULO SEIS

Quando regressei das Antilhas pela terceira vez, em 1961 após o acidente de carro, fiquei bastante doente. Toda a gente me dizia que estava a tentar fazer demais. Fazia trabalho psíquico e de cura a tempo inteiro, além de gerir uma casa, e estava a ter um período muito difícil com o meu marido Richard, como explicarei.

O meu médico aconselhou-me a abandonar o tipo de trabalho que nunca acabava. Seria melhor, disse ele, se tivesse um emprego normal das nove às cinco que fosse menos exigente e menos desgastante para a minha mente e corpo. Estava determinada a nunca abandonar completamente ajudar outras pessoas onde pudesse, e particularmente a nunca abandonar inteiramente a minha cura, mas via algum sentido no que o meu médico e muitos amigos aconselhavam. Podia sempre encaixar o meu trabalho psíquico e de cura a tempo parcial, talvez aos domingos e uma vez por semana à noite.

Foi enquanto estava no avião a regressar de Trindade que me foi sugerida uma ideia para uma ocupação mais convencional. Encontrei-me sentada ao lado de uma mulher que trabalhava em publicidade e ela disse-me que eu seria uma excelente entrevistadora para uma empresa de estudos de mercado. Este campo de atividade era completamente novo para mim e apenas arquivei a ideia no fundo da mente, embora tenha mencionado a conversa à minha família. Eles também me tinham instado durante muito tempo a descontinuar, ou reduzir, o meu trabalho psíquico, que sentiam que me drenava demais energia. Certamente era demasiado esgotante quando eu estava abaixo do meu nível após o acidente.

Não passou muito tempo até que vi um anúncio de emprego para entrevistadora na Empresa Nestlé. Lembrei-me imediatamente da mulher no avião e interpretei isto como um sinal. Candidatei-me ao emprego e não fiquei nada surpreendida quando o consegui. A beleza da coisa era que fui contratada como freelancer, por isso o meu tempo era muito meu. No entanto, ao fim de três meses, fui convidada a juntar-me à equipa a tempo inteiro com um salário mensal.

Confesso que adorei o emprego. Envolvia sair e andar por aí a falar com pessoas, algo para que eu estava bem qualificada. A minha saúde melhorou dramaticamente assim que saí de casa e contactei o público. Por isso, talvez

a minha família e amigos não tivessem estado errados ao aconselharem-me a abandonar o trabalho psíquico a tempo inteiro.

Não demorou muito até que fui nomeada Controladora de Área para Londres Leste e a Costa Leste. Como tal, tinha de supervisionar cerca de quarenta entrevistadoras, alocar e verificar o trabalho delas, e assistir a conferências. A empresa instalou um atendedor de chamadas em minha casa. Trabalhava a partir de casa e ia ao escritório na City uma vez por semana no início, e duas vezes por semana mais tarde. O emprego também requeria muita condução. Após dois anos, fui nomeada Controladora Administrativa para Londres e as Costas Sul e Leste.

Infelizmente, porém, o meu sucesso não agradou a Richard. Não lhe tinha dito que estava a responder ao anúncio, e quando lhe dei a notícia de que tinha conseguido o emprego, em vez de me congratular, não disse nada. Vejo agora que ele estava ciumento. Tudo o que eu fazia parecia funcionar, ao passo que tudo o que ele fazia parecia de repente correr mal.

Passaram pelo menos dois anos após o meu segundo casamento até que percebi que o meu novo marido tinha um problema mental muito difícil. Começou a manifestar-se gradualmente, e eu não tinha tido qualquer ideia disso quando concordei em casar com ele. Exteriormente, era um homem encantador e perfeitamente normal com outras pessoas, mas para a família, o seu comportamento obsessivo era muito irritante. Tinha o seu padrão regular de vida que nada podia perturbar. Tudo tinha de ser feito a uma certa hora e de uma certa maneira. Após secar a louça, o pano de chá tinha de ser colocado de uma forma específica, por exemplo; a bandeja do pequeno-almoço tinha de ser arrumada de uma maneira certa, a chávena e o pires sempre na mesma posição. A sua rotina quase nunca variava.

Tentei fazer pouco dessas peculiaridades menores — da sua precisão e arrumação excessivas. Insistia em limpar os seus próprios sapatos e depois barbear-se todas as noites às nove em ponto, em preparação para a manhã. Numa ocasião, tentei tirá-lo da rotina de forma brincalhona cantando (ao som de «Who's Afraid of the Big Bad Wolf?») umas palavras que me vieram à cabeça: «Lavar e barbear e limpar os sapatos, limpar os sapatos, limpar os sapatos; lavar e barbear e limpar os sapatos, tudo pronto para a manhã.» Ele apenas sorriu.

Era também extremamente pedante, mas essas pequenas coisas não me preocupavam grandemente. Sentia que podia facilmente suportá-las, até os seus longos silêncios. Uma vez fomos de carro até à costa e ele não disse uma palavra durante toda a viagem.

«O que se passa?», perguntei-lhe eventualmente.

«Nada», respondeu ele.

«Porque não falas?», continuei.

«Conversa fiada é mexerico», disse ele, «e eu não acredito em mexerico.»

Preocupava-me muito mais com uma veia mais sinistra no seu comportamento. O nosso jardim tinha de ser como um parque e as crianças não podiam brincar lá. No entanto, eu deixava-as fazê-lo quando ele ia trabalhar, até que ele começou a armar pequenas armadilhas para ver se os seus desejos estavam a ser desrespeitados.

Richard começou em breve a imaginar que tinha problemas físicos; não creio que alguma vez tenha considerado nessa altura que os seus problemas podiam ser mentais. Tinha um peso nos ombros em relação ao mundo e aos seus habitantes. Toda a gente estava a tentar prejudicá-lo. Não havia ninguém em quem pudesse confiar. Mais do que uma vez, foi ao hospital com uma queixa imaginária, só para ser mandado para casa. Tentei dar-lhe cura, mas ele não era o melhor sujeito. Nestas ocasiões, preferia ficar na cama todo o dia — por vezes todo o fim de semana — dizendo que se sentia cansado. Muitas vezes ficava muito deprimido, e depois muito agressivo — embora não, apresso-me a dizer, em relação às crianças.

A sua agressão para com um novo chefe precipitou a sua deterioração mental. Sempre tinha desfrutado de uma grande autonomia na sua posição, que era de alguma importância. O ponto crítico veio durante uma festa no escritório à qual eu não tinha sido convidada, pois era um assunto estritamente de negócios. Richard disse-me que não ia aturar mais disparates do seu novo chefe, e psiquicamente previ o desastre. Senti-me incapaz de ir para a cama antes do regresso dele, e estava a entrar num estado de grande agitação quando ele me telefonou. «Podes trazer o carro e vir buscar-me?», foi tudo o que disse.

Quando finalmente cheguei ao escritório dele, muito cedo de manhã, ele estava à espera lá fora com a sua própria máquina de escrever nas mãos. Nunca entendi porque insistia em tê-la no trabalho quando havia muitas máquinas no escritório.

O subgerente disse-me que o meu marido tinha atacado o chefe e que membros da equipa tinham andado com Richard pelas ruas numa tentativa de o acalmar. A versão de Richard era que não tinha efetivamente agredido o homem. Tinha, disse ele, entrado num pequeno escritório para falar com ele e, no decurso da conversa, tinha-lhe dado um toque. O chefe, porém, alegava que tinha sido atacado fisicamente. Tinha despedido Richard no local.

Levei-o de carro para casa, fiz-lhe uma chávena de chá, e fomos para a cama. Não valia a pena falar com Dick, que na maior parte do tempo chorava de raiva. Estava desesperada e tive de tratar o problema como uma emergência. Decidi ir à sede em Génova, por isso reservei um avião e cheguei a Itália no dia seguinte. Na manhã após a minha chegada, apresentei-me sem aviso prévio na sede da Companhia Italiana de Navegação quando as portas abriram às oito horas.

Fui recebida com uma maravilhosa cortesia italiana à moda antiga por dois oficiais da empresa. Penso que devem ter ficado impressionados, além de surpreendidos, por uma inglesa que não falava italiano ter voado para lá para interceder pelo marido. No entanto, depressa soube que a reputação do meu marido me tinha precedido. Tinham recebido relatórios de Londres havia algum tempo sobre o seu alegado comportamento difícil e sobre supostas peculiaridades no seu método de trabalho. Pedi-lhes que elaborassem e falaram sobre ele ser muito pedante. Sabia muito bem o que queriam dizer, e senti o chão a ceder debaixo de mim. Não conseguiria salvar o emprego de Dick.

Apontei, de forma algo patética, que ele perderia a pensão — não havia indemnizações por despedimento naqueles dias — e os homens olharam para mim com bondade e disseram que considerariam o assunto, mas que não podiam sobrepor-se à decisão do homem no local. No final, Dick recebeu uma pequena indemnização, se é que «dourada» é a palavra certa para cerca de 600 libras. Mas quanto ao emprego, esse estava perdido para sempre.

Richard tinha sido Sargento-Mor Regimental no Exército e gostava de autoridade. Todos tínhamos de saltar às suas ordens, e numa ocasião queixei-me a ele de que estava a tentar gerir a casa como um campo militar. Lembro-me de dizer: «Não podes ser um RSM em casa.» Embora em breve tenha encontrado um pequeno emprego noutra companhia de navegação, não era uma posição de importância, e na verdade nunca mais ocupou um cargo de autoridade. Isto atormentava-o, e creio que foi o que acelerou o seu declínio.

Tirava dias de folga do trabalho e simplesmente ficava deitado pela casa a chorar. Não o conseguia ajudar muito porque ele não me permitia tentar. Era agressivo para comigo, e muito ciumento do meu emprego, e ressentia qualquer tentativa da minha parte para o ajudar. A cura pode ajudar qualquer queixa, física ou mental, e se ele a aceitasse de mim, insisti para que fosse a outros curadores que eu conhecia, mas ele recusou.

Estava disposto, de vez em quando, a ver o médico de família, e não demorou muito até que o médico me confirmasse o que eu já sabia. O meu marido estava mentalmente doente.

CAPÍTULO SETE

O médico recomendou que Richard arranjasse um emprego completamente diferente, de preferência um em que fosse o próprio patrão. Mais fácil de dizer do que de fazer, mas após devida deliberação, chegámos a uma ideia. Procuraríamos uma pequena loja que Richard pudesse gerir e que a minha filha Margaret, que agora era uma jovem mulher, pudesse administrar. Em breve comprámos uma confeitaria e loja de artigos de fantasia em Wanstead.

Embora esta mudança de ocupação tenha sem dúvida removido alguma pressão de Richard, fiquei surpreendida e desapontada por ele não parecer interessado na loja. Quase nunca lá estava e deixava todo o trabalho para Margaret. Cheguei à conclusão de que o problema de Dick era o meu sucesso. Quanto mais eu conseguia no meu emprego, mais ele se sentia diminuído aos seus próprios olhos.

Numa tentativa desesperada de salvar a sua sanidade e o nosso casamento, decidi que tínhamos de trabalhar juntos como uma parceria. Eu

sacrificaria literalmente o meu emprego — um emprego que realmente adorava — e ele poderia abandonar a loja, que parecia não gostar. Mas o que poderíamos fazer juntos?

Tive uma ideia e propus-lha. A família da minha mãe era composto por hoteleiros — o meu avô tinha sido dono do Spotted Dog em Barking e o meu irmão John Maxwell tinha gerido o pub do meu tio, o Britannia, também em Barking — e na verdade os meus pais tinham-se conhecido numa altura em que a minha mãe viúva era dona de outro pub no East End. Porque não comprar um pequeno hotel e geri-lo juntos? Poderíamos vender tanto a nossa casa como a loja e usar o produto para o custo do hotel.

Dick concordou prontamente, e esperei que estivéssemos a começar uma nova e mais feliz vida juntos. Em pouco tempo, éramos os orgulhosos proprietários do Wansfell Hotel em Chesswood Road, Worthing, com os seus doze residentes. Não tinha licença para bebidas alcoólicas, o que me convinha bem porque começara a suspeitar que Dick era um bebedor secreto.

Era maioritariamente um hotel residencial e não atendia a visitantes de verão. Havia nove quartos no andar superior. No rés do chão ficavam os nossos próprios aposentos, mais uma enorme cozinha e a sala de jantar e o salão dos residentes. Havia dois chalés com duas excelentes dependências no jardim que mantínhamos para a nossa família se quisesse ficar. Isto era 1964, e o meu filho Brian tinha agora vinte e quatro anos e já era casado; Margaret, com dezanove anos, partilhava com uma amiga; o meu enteado Brian era casado; e o pequeno Richard, o anão, estava na África do Sul com o Circo Chipperfield.

O lugar precisava de ser redecorado e modernizado, e esta foi uma das razões por que o quis. O meu marido era muito hábil e pensei que não só teria uma ocupação útil como uma importante. O hotel deu-lhe de facto uma nova vida, pelo menos durante algum tempo. Lançou-se de corpo e alma no trabalho e em doze meses todos os quartos tinham sido redecorados e a cozinha completamente transformada. A minha médica felicitou-me pela cozinha mais limpa que alguma vez vira.

Servíamos três refeições por dia — pequeno-almoço, almoço e jantar — e pusemos chaleiras em todos os quartos para que os nossos residentes pudessem fazer chá. Não creio que alguma vez tenha trabalhado tanto na

vida. Tinha uma jovem para cuidar das crianças e uma mulher de limpeza, e por vezes Richard ajudava a servir a comida, mas eu fazia todas as compras e toda a cozinha. Cozinhava sempre em abundância, e não havia problema com segundas porções. Toda a comida era caseira. Lembro-me de brincar que não era de admirar que eu — querendo dizer o hotel — estivesse sempre cheia; os hóspedes também!

Não é necessário ser avaro para obter lucro. Tudo o que é necessário é uma boa gestão. De qualquer modo, eu gostava de gerir o hotel. Nunca me considerava fora de serviço, embora tentasse manter as noites livres. Só desejava que Richard se envolvesse com o mesmo entusiasmo, mas em breve perdeu o interesse.

O hotel tornou-se um enorme sucesso. Era como um refúgio para idosos reformados, não muito diferente de uma casa de cura. Não se supõe que se mantenham pessoas num hotel quando ficam doentes, mas eu não só o fazia como realmente cuidava delas. De facto, dava cura aos hóspedes quando a pediam. Todos sabiam do meu trabalho e das demonstrações de cura de domingo de manhã que dava em Brighton e Worthing — a única oportunidade que tinha de praticar o meu dom nessa altura, embora mesmo assim tivesse sempre de estar de volta para servir o almoço à uma hora.

Uma das minhas residentes era uma professora reformada que se mantinha muito reservada. Era muito idosa e sabia que estava a morrer, mas não queria ir para o hospital. Implorou-me que a mantivesse no hotel acontecesse o que acontecesse, e na verdade morreu lá aos noventa anos. Deixou-me uma caixa de chapéus que ainda guardo com carinho. Foi apenas uma de muitas pessoas que vieram para o hotel com um pé metaforicamente na sepultura e que pareciam encontrar uma nova vida.

A minha médica tinha uma lista de espera de pessoas sempre que eu tinha uma vaga, mas uma vaga só surgia quando alguém morria ou uma família se mudava. Numa altura, tinha três cegos como residentes, e tinha de cortar toda a comida deles. Sei que mantive pessoas que a maioria dos hotéis teria recusado, mas suponho que não era uma hoteleira típica.

Richard poderia ter partilhado o sucesso comigo, mas escolheu deixar-me seguir em frente com as coisas. Nunca mais pude contar com ele após o nosso primeiro ano no hotel. Fazia um esforço se e quando queria, mas o

único trabalho que consegui deixar inteiramente a cargo dele (ou assim pensava) era a contabilidade.

Não conseguia acreditar na primeira ocasião em que, sem aviso, ele atirou parte do jantar dos hóspedes, que supostamente estava a servir, para o chão. Algo o tinha perturbado. Quando o questionei, tudo o que disse foi: «Ocupa-te dos teus assuntos.»

Claro que era infelizmente muito o meu assunto, e tornou-se ainda mais à medida que a sua condição se deteriorava. Sem razão aparente — talvez porque pensasse que eu o tinha olhado de forma estranha ou dito algo que o desagradara — ficava terrivelmente zangado, até violento. Nessas ocasiões, podia partir algo. Duas vezes arrancou a central telefónica da parede — um sério inconveniente num hotel — para que eu não pudesse ligar aos filhos ou ao médico. Houve vezes em que tive de chamar a polícia em autodefesa. Estava no limite das minhas forças quando consultei o Oficial Médico de Saúde, que claro veio ao hotel como parte das suas funções; ele disse que não podia fazer muito para ajudar.

Richard nem sempre era assim e eu tinha a certeza de que me amava a mim e aos filhos e que não era responsável pelas suas ações violentas quando ocorriam. Felizmente, sou bastante resistente e, embora por vezes estivesse desesperada, pensei que provavelmente conseguiria lidar com o problema se os surtos não fossem demasiado frequentes. Fiquei realmente alarmada, porém, quando um dia ele tentou acertar-me na cabeça com um martelo e conseguiu arrancar-me os dentes da frente.

Poderia até ter suportado isso se ele não tivesse rasgado a blusa das costas da cuidadora de crianças quando ela veio em meu auxílio. Raramente se comportava mal à frente de outras pessoas e era sempre encantador com os hóspedes e o pessoal, por isso desta vez percebi que algo tinha realmente de ser feito. Telefonei à minha médica, que veio a correr.

Encontrou-me num estado bastante alterado. Richard já se tinha acalmado nessa altura e ela teve uma longa conversa com ele. «Temos de fazer algo em relação a ti», disse-lhe ela, «e vou chamar alguns médicos.» Na verdade, voltou mais tarde com o Oficial Médico de Saúde e dois outros médicos. Primeiro questionaram-me a mim e depois falaram com Richard. Mal conseguia acreditar no que ele lhes disse. Eu estava a passar pela

menopausa, disse ele, e tinha-me tornado mentalmente desequilibrada. Tinha ataques terríveis de raiva que não conseguia controlar e ele precisava de proteção!

Fiquei atónita. Aqui estava o meu marido a atribuir-me as suas próprias falhas. Não tinha a certeza se devia sentir pena dele ou de mim própria. A forma como falou, tanto quanto o que disse, angustiou-me. Distribuiu charutos pelos médicos como se os tivesse chamado por minha causa. Haveria uma suspeita de insinuação de que eu, sendo psíquica, era a desequilibrada? Até pensei, na minha confusão, que os médicos acreditavam nele, mas ao saírem disseram-me que, a menos que Richard quisesse ajuda, nada podiam fazer para o internar no hospital.

Richard pedia-me sempre desculpa após as suas cenas, o que me provava que ele sabia o que estava a fazer e que era errado.

Fiquei preocupada quando encontrei garrafas de vodka vazias na cave e descobri que ele tinha diluído o uísque no nosso armário de bebidas para que eu não notasse que uma quantidade tinha desaparecido. Só então associei a sua violência ao álcool. Mais tarde, foi diagnosticado como maníaco-depressivo, a sua condição acelerada pelo álcool. Foi também diagnosticado independentemente como esquizofrénico. Os especialistas entenderão o que se quer dizer com estas descrições. Tudo o que sei é que a sua condição, seja ela qual for, não facilitava a vida comigo.

Detesto escrever nestes termos sobre um homem com quem casei, que amei e que me amava, particularmente porque era o pai dos meus enteados, mas o leitor não pensará pior do meu segundo marido por ele estar mentalmente doente. Ele não poderia ter evitado o seu comportamento, tal como se tivesse espirrado por causa de uma constipação comum.

Posso ter estado errada ao decidir romper o casamento, mas chegou um ponto em que não conseguia mais suportar viver com Richard. Não pensava que fosse bom para nenhum de nós permanecermos juntos. Agonizei durante dias antes de ir ver um solicitador. Ele aconselhou tratamento privado quando lhe disse que não havia outra razão para querer acabar com o casamento além da condição do meu marido. Richard acabou por concordar em ver um psiquiatra em Brighton que recomendou que ele entrasse numa casa de repouso como paciente. Para minha surpresa, ele concordou, mas assim que saímos, virou-se para mim e gritou: «Vou matar-

te. Estás a tentar internar-me.» Havia uma tensão terrível entre nós enquanto eu começava a conduzir de volta para Worthing. De repente, ele arrancou o volante do carro das minhas mãos e tentou atirar-nos para fora da estrada para o mar. Lutei com ele e de alguma forma recuperei o controlo do carro. Ele depois caiu em silêncio.

Quando chegámos a casa, telefonei imediatamente ao psiquiatra e contei-lhe o que tinha acontecido. «Não posso fazer nada», disse o homem, «a menos que o teu marido entre voluntariamente.»

Uma semana mais tarde, Richard anunciou que ia a Londres pelo dia. Não disse porquê, por isso não perguntei. Havia muito que desistira de questionar os seus movimentos. Saiu cedo e eu continuei com o meu trabalho. Pouco depois das três da tarde, reapareceu. O rosto dele era da cor de uma beterraba e parecia bastante estranho. «Diz a esse psiquiatra que vou entrar na casa de repouso», disse ele. Depois contou-me que, no comboio a caminho da cidade, se sentira muito peculiar, e que ao chegar a Londres havia polícias a virar todas as esquinas na sua direção onde quer que andasse.

Para minha grande alegria e alívio, ele entrou em tratamento no dia seguinte. Foi pouco depois disso que o psiquiatra me disse que Richard estava insanamente ciumento de mim e do meu trabalho. Acrescentou, porém, que Richard me amava profundamente, e percebi a verdade disto quando recebi uma carta dele em que me pedia para o perdoar pelo seu comportamento atroz. Prometeu que nunca mais o repetiria.

Estava tristemente demasiado habituada às suas desculpas para dar muito valor a elas, mas esperei que, quando regressasse a casa após dois meses, as coisas fossem muito melhores. Mas em breve voltou aos seus velhos truques, e desta vez foi ver o seu próprio médico — não o meu — e pediu para ser enviado para um hospital psiquiátrico para mais tratamento. Desta vez esteve fora seis semanas e parecia muito melhor ao regressar. Mas depois tudo começou de novo...

Finalmente, soube que a minha posição era intolerável. Não conseguia gerir o hotel e suportar Richard. Se fosse o tipo de pessoa que comete suicídio — o que não sou —, penso que bem poderia ter tirado a vida nessa altura, tão baixa e desanimada me sentia. Tinha sido feliz no meu primeiro casamento durante muito tempo; depois azedou. Estava tudo a acontecer de

novo, como uma repetição de uma fita, só que mais alta e mais estridente. Este foi o nadir da minha vida.

Após um dia verdadeiramente terrível de cenas, fui para a cama uma noite logo após o jantar. Era demasiado cedo para dormir e sentei-me na cama a pensar nos eventos horríveis do dia e no que fazer para acabar com a situação de uma vez por todas. Odiava admitir o fracasso. De qualquer modo, um divórcio é suficiente na vida de qualquer mulher. Mas simplesmente não conseguia continuar.

De repente, soube que a minha mãe estava comigo no quarto. Não a vi realmente, mas senti a sua presença. Isto não me surpreendeu de forma alguma porque tenho tido a sorte, em momentos importantes da minha vida, de receber orientação não só dos meus pais, mas também de outros ajudantes espirituais. Depois ouvi a voz dela. Era alta e clara, e a sua mensagem era inconfundível: «Tens de ser livre», disse ela. Depois disse-me que devia pedir o divórcio. Pensei para mim mesma que isso era mais fácil de dizer do que de fazer. Como se lesse os meus pensamentos, a minha mãe disse-me que, se pedisse o divórcio imediatamente, o conseguiria muito rapidamente.

Tinha o maior respeito pelas opiniões da minha mãe, mas não a considerava a maior especialista legal do mundo. Naqueles dias, normalmente demorava muito tempo a obter um divórcio, e eu não apreciava particularmente a perspetiva de um processo prolongado em que teria de arejar a minha roupa suja muito suja perante outras pessoas. Talvez se suportasse as coisas, melhorassem. Pregava a tolerância e a compreensão, por isso também as devia praticar.

Mas em vez de melhorar, as coisas pioraram. Nunca sabia de momento para momento quando Richard iria explodir. Era como andar numa corda bamba. A minha mãe tinha razão. Tinha de pedir o divórcio.

Ela tinha razão até quanto ao divórcio rápido. Penso que foi quase exatamente seis meses após a minha mãe ter vindo ter comigo que me foi concedido um decreto com base em crueldade. Já tinha encontrado um apartamento para Richard em Worthing, não demasiado longe do hotel, para onde ele foi viver. Na verdade, arranjou um emprego a tempo parcial como empregado numa firma de automóveis. Mais tarde, regressou a

Londres, onde conseguiu um emprego como empregado num hotel — o primeiro de vários empregos desse tipo.

Vigiei-o, pelo menos durante os quatro anos seguintes até conhecer o meu atual marido. Numa ocasião, pediu-me para casar novamente com ele, dizendo que tinha aprendido a lição, e na verdade aceitei-o de volta durante três semanas, por uma bondade mal colocada, até ver sinais de perigo e mandá-lo embora novamente. O meu enteado Brian tinha a principal responsabilidade de vigiar o pai, e foi muito bom para ele até à morte de Richard em 1982.

Richard foi, claro, uma vítima da sua própria natureza, e é um exemplo notável de um homem destruído pela incapacidade de se adaptar a novas circunstâncias. Após perder o emprego, nunca mais foi o mesmo homem. Numa ocasião, fez uma análise ao sangue no hospital que revelou que o teor alcoólico no seu sangue era incrivelmente mais alto do que a média. Ao ser informado disto pelo médico que tinha tirado a amostra, Richard virou-se para o homem e disse: «Nunca toco numa gota.» Este homem infeliz vivia num mundo de faz de conta. Infelizmente, outras pessoas tinham de habitar esse mundo ao lado dele.

Fiquei tão abalada com o meu segundo divórcio que senti que devia procurar uma vida completamente nova para mim. Embora Richard não tivesse sido de grande ajuda no hotel, e ultimamente um obstáculo positivo, pelo menos tinha tido um homem no local. Sem ele, decidi que gerir o hotel era uma responsabilidade demasiado grande, por muito que adorasse o trabalho e os meus residentes. Assim, um dia, ligeiramente mais velha e muito mais sábia, vendi o hotel, mudei-me para um apartamento na frente marítima e regressei mais uma vez ao meu trabalho psíquico.

CAPÍTULO OITO

A Associação Espiritualista da Grã-Bretanha em Belgrave Square, em Londres, é a sede do movimento espiritualista neste país. Quando vendi o hotel, fui trabalhar lá como psíquica residente de segunda a sexta-feira. Isto implicava viver em Londres durante a semana e regressar ao meu apartamento em Worthing todas as sextas-feiras à noite para o fim de semana. Trabalhava ocasionalmente na Costa Sul ao fim de semana, tanto como psíquica como curadora.

Era uma de oito ou nove psíquicos regulares na Associação na altura, e as pessoas que vinham lá pedir ajuda eram distribuídas por um ou outro de nós de acordo com a nossa disponibilidade. Sempre que possível, eram enviadas para o psíquico da sua escolha, mas muitas vezes não conheciam um psíquico pelo nome ou a sua escolha particular poderia estar marcada, caso em que tinham ou de ver outra pessoa ou marcar uma consulta futura. Recebia uma taxa da Associação e não cobrava pessoalmente às pessoas que vinham ter comigo. Adicionalmente, dava aulas em Belgrave Square, por isso nunca me faltavam consulentes e alunos.

Tinha o meu próprio modo de operar e deliberadamente não me envolvia demasiado com os outros psíquicos, embora tivesse um respeito muito alto por alguns deles. Para usar uma frase moderna, estava demasiado ocupada a fazer o meu próprio caminho. Só Deus sabe quantas pessoas ajudei nos meus quatro anos na Associação. As pessoas que ficavam insatisfeitas com as suas consultas tinham direito a pedir o dinheiro de volta, mas em apenas dois casos durante todo esse tempo tive de admitir o fracasso. Havia apenas duas pessoas com quem descobri que não conseguia trabalhar.

As pessoas continuam a aproximar-se de mim agora em reuniões públicas e a dizer-me quão produtivas acharam as suas consultas comigo em Belgrave Square. O que nem sempre percebem é que provavelmente não me lembro delas. Todas as pessoas são igualmente importantes para mim na altura, e embora muitas celebridades tenham cruzado o meu caminho de todo o mundo — algumas até voando através do Atlântico especialmente para me ver —, raramente me lembro do que me disseram ou do que lhes disse durante uma consulta de trabalho. Fiquei por vezes espantada ao ler algo na imprensa que supostamente disse a alguma pessoa famosa. Nunca tomo notas nem gravo conversas nem guardo registos, além

de uma agenda de consultas, mas não tenho objeção se o meu consulente o quiser fazer.

Se me lembro de exemplos de clarividência, é geralmente porque me foram repetidos ou gravados de alguma forma. Às vezes lembro-me das coisas mais importantes; às vezes das mais triviais — ou do que parecem as mais triviais, porque nem sempre é o que parece importante que realmente o é. Um incidente que nunca esquecerei, por razões que serão óbvias, diz respeito a Norah Blackwood, a quem muitas pessoas consideravam a médium principal na Associação. Estava a vestir-me uma manhã, e como não ia tomar uma reunião pública nesse dia, decidi vestir um fato de calças azul-marinho, que era o tipo de coisa que usava frequentemente para consultas, mas que nunca consideraria vestir se estivesse a aparecer perante uma audiência numa plataforma. De repente, tive uma imagem de Norah no meu quarto. Não a vi fisicamente. Era uma imagem mental.

«Tira esse fato de calças», disse ela. Fiquei algo irritada com este pedido estranho. «Não vais tomar a minha reunião pública com um fato de calças», continuou ela.

A imagem era tão forte que realmente mudei para um vestido, sentindo-me um pouco tola, e foi de vestido que cheguei ao trabalho em Belgrave Square. Em meia hora, bateram à minha porta. Minnie Bridges, outra psíquica, entrou. «Doris», disse ela, «a Norah Blackwood morreu.»

«Ela acabou de falar comigo», consegui dizer. «O que aconteceu?»

«Realmente não sabemos», respondeu Minnie, «mas acabámos de saber que faleceu ontem à noite.» Por isso, já estava morta quando me disse para mudar de roupa! Desci as escadas e, quando me deram o meu horário para o dia, o meu nome estava lá para tomar a reunião pública de Norah.

Tomar qualquer tipo de reunião com pouca antecedência era nessa altura uma segunda natureza para mim. Nem precisava de me preparar. Até estava vestida para a ocasião. Mas a minha mente voltou alguns anos à minha primeira reunião pública. Como tinha mudado nesse intervalo e crescido tanto em confiança como em experiência.

Desde que comecei a interessar-me pelo espiritualismo, tinha estado envolvida no movimento como indivíduo, e tornara-me também curadora, mas nunca me considerei uma psíquica pública ou uma curadora pública

porque não queria aceitar a responsabilidade. Os psíquicos jovens nem sempre percebem que a vida inteira de uma pessoa pode ser afetada pelo que um psíquico lhe diz. Tem-se, portanto, de ser muito cuidadoso, muito preciso, no conselho que se dá. Sentia-me capaz de aconselhar em privado, mas não em público.

Havia tido várias ocasiões em que me pediram para tomar a plataforma e substituir um psíquico que, por alguma razão, não tinha chegado, mas sempre recusei. Um dia, pouco após o meu segundo casamento, estava na cadeira numa reunião pública, e era meu dever introduzir o excelente médium que ia tomar a reunião. Tudo começou normalmente e ele teve comunicações para duas pessoas na audiência. No entanto, em vez de continuar, surpreendeu-me dizendo: «Agora, aqueles que me usam dizem-me que tenho de me sentar, e Doris Collins vai tomar o comando.»

Este era o desafio que sempre recusara aceitar, e fiquei absolutamente petrificada. Levantei-me e as minhas pernas pareciam ceder debaixo de mim. Abri a boca, mas não saiu palavra. Tentei concentrar-me, mas não via nem ouvia nada. Nenhum guia espiritual veio em meu socorro, e não tinha mensagem para ninguém na audiência.

Pensei para mim mesma que este era o fim da minha «carreira» como psíquica, pública ou não. Após este fiasco, a minha reputação seria inútil. O que raio podia fazer?

De repente, tive a ideia ligeiramente maliciosa de inventar mensagens, de deixar a minha imaginação correr solta, e antes de saber o que estava a fazer, ouvi-me a debitar o lixo mais incrível — ou assim pensava —, nomeando nomes e indicando datas enquanto inventava histórias. Fiquei bastante espantada por parecer estar a safar-me com isso, e quando a reunião acabou, as pessoas aproximaram-se de mim e disseram-me quão impressionadas estavam, como o que lhes tinha dito estava correto, e assim por diante. Pensei que tolos crédulos eram, e enquanto continuavam a felicitar-me, confessei que tinha inventado tudo.

Obviamente, não acreditaram em mim. Riram-se, sem dúvida pensando que estava a brincar. Mais tarde, soube que tinha dito ao Secretário da igreja onde a reunião tinha ocorrido que ele e a esposa, numa data específica, se mudariam de casa e comprariam uma loja. Ele trabalhava como socorrista numa fábrica e ficou muito surpreendido com a minha

mensagem, mas na verdade o que pensei ter inventado aconteceu realmente, na data exata. Havia exemplos semelhantes do meu disparate a provar ser verdade, mas não sabia disso na altura. Quase não dormi durante uma semana, tão perturbada estava com a minha deceção. Também estava preocupada porque, embora tivesse poderes clarividentes que usara com sucesso no passado, quando se tratava de usá-los em público, a minha mente ficara em branco.

Só mais tarde me disseram que o orador que eu tinha introduzido fora informado por aqueles que o usavam que eu devia começar o trabalho público. Por isso, atirara-me para o fundo, e espantosamente impressionei vários líderes de igrejas espiritualistas na audiência que agora me imploravam para aceitar compromissos nas suas igrejas. Sentia que isso não era possível. Não seria honesto da minha parte, mas foram tão insistentes que, apesar dos meus protestos, fui persuadida a tomar uma única reunião pública na Igreja Espiritualista de Woodford, onde estava em terreno familiar. Ore que os meus dons clarividentes genuínos funcionassem para mim desta vez.

Estava nervosa como um gatinho à medida que o dia se aproximava para a minha primeira reunião pública sozinha como Clarividente. Perguntava-me se a minha mente ficaria em branco novamente. Estava determinada a não deixar a minha imaginação correr solta se tudo o mais falhasse. No dia, sentei-me sozinha num pequeno quarto adjacente ao salão principal, e fechei os olhos em oração. O salão começava a encher e sentia-me algo agitada. Depois olhei para cima e vi o meu pai. Estava de pé à minha frente, bastante claramente, e repreendeu-me gentilmente:

«Do que estás preocupada?», perguntou ele. «A única maneira de lidar contigo era atirar-te e fazer-te nadar. Agora vai lá para fora e trabalha. Não estás sozinha. Receberás toda a ajuda de que precisas se a pedires. E à medida que a tua vida avança, precisarás de muito mais coragem no futuro do que precisas hoje. O problema contigo é que sempre foste demasiado independente. Não fazes este trabalho sozinha. Muitas pessoas estão lá para te ajudar se lhes pedires.»

Imediatamente, senti-me eufórica. Sabia que não ia falhar. Toda a gente disse que a minha primeira reunião pública foi um sucesso, e desde então não olhei para trás. Anos mais tarde, tomei reuniões duas vezes no Royal Albert Hall para o serviço anual de recordação dos espiritualistas. No

intervalo, quando me pediram para substituir Norah Blackwood com muito pouca antecedência, conduzir uma reunião era uma segunda natureza para mim.

Após a morte de Norah, a minha carga de trabalho na Associação aumentou ainda mais e era frequentemente marcada com muita antecedência. Como seria de esperar em Belgrave Square, o principal centro psíquico do país, os médiuns que lá trabalhavam eram todos muito talentosos, embora variassem no grau de experiência. Espero que não seja visto como uma crítica a um deles se contar a seguinte história sobre ele; não é de todo essa a intenção. Ele estava a dar uma sessão a uma senhora durante a qual se ouviram três pancadas altas, que ele inicialmente ignorou. Quando se repetiram, disse: «Deve ser alguém a tentar fazer-se sentir. Entre, amigo.» Então, uma claraboia abriu-se e entrou um operário que tinha ficado preso no telhado e estava a sinalizar que tinha dificuldades em voltar a entrar!

Houve um evento particular que aconteceu por essa altura e que tenho razões para lembrar. Durante uma das minhas aulas, uma mulher do nosso grupo foi contactada, através de mim, por um homem que lhe disse que tinha sido morto pela esposa e agradeceu-lhe por cuidar dos filhos dele.

Esta foi uma mensagem invulgar mesmo para alguém tão experiente como eu no recebimento de mensagens, mas fez completo sentido para a nossa mulher do grupo. O marido dela era médico e tinha atendido uma família onde a esposa fora julgada por homicídio após a morte do marido. De acordo com os registos do julgamento, o marido chegara a casa uma noite, após ter bebido, e desencadeou-se uma discussão terrível durante a qual a esposa agarrou a gravata do marido e puxou-a com força. Ele caiu para trás na cama no que a esposa pensou ser um estupor alcoólico, mas na verdade fora estrangulado. A esposa foi absolvida de homicídio mas condenada e presa por homicídio involuntário, e o médico e a esposa dele, que era uma das minhas consulentes, tinham cuidado das crianças, dois filhos com dezassete e dezasseis anos na altura.

O que não percebi na altura é que o marido da minha consulente, o médico, me tinha consultado previamente em privado. Não poderia ter sabido isto porque a senhora não usava o nome de casada. Ele confirmara subsequentemente que eu lhe dissera que tinha uma mensagem para ele de um homem que falecera recentemente de forma trágica. O homem

expressara a sua gratidão à minha consulente e à esposa dele pelo que estavam a fazer pela família, e disse também que lamentava muito o que acontecera e que ninguém tinha culpa.

Não havia forma de eu ligar as duas mensagens, uma ao marido e uma à esposa, usando um apelido diferente, mesmo que me lembrasse da primeira mensagem quando recebi a segunda. O que é ainda mais estranho é que mais de um ano depois o marido enviou o filho de dezoito anos para me ver sob um nome falso para que eu não pudesse ligar o rapaz a nenhum dos pais. Aparentemente, a mensagem foi repetida através de mim pela terceira vez. Estou em dívida para com o médico, o pai do rapaz, por esta informação que confirma algo que de outra forma não saberia, nomeadamente que transmiti mensagens semelhantes da mesma pessoa a três pessoas diferentes em três ocasiões distintas.

Claro que nunca sei na altura se as mensagens que recebo e transmito são importantes ou triviais. Uma mensagem de um homem que foi estrangulado acidentalmente pela esposa pode ser mais significativa do que uma mensagem sobre um par de arenques defumados, mas quem sabe? É uma questão para o destinatário, e muitas vezes uma comunicação aparentemente sem importância pode ter o maior significado.

Não sei por que razão a história dos arenques defumados fica na minha mente. Talvez porque foi noticiada na imprensa. Aconteceu em 1972, dois anos após eu ter recebido pela primeira vez uma mensagem do homem que fora estrangulado. Tinha sido contratada para tomar o serviço anual de reunião da Greater World Church Association. Houve uma grande reunião num Friends House cheio em Euston Road. Trabalhei durante mais de uma hora e, num momento, uma senhora veio ter comigo do mundo espiritual que indicou que queria contactar o marido. Muitas vezes me perguntam como encontro uma pessoa específica na audiência. Não posso dar o que a maioria das pessoas consideraria uma resposta satisfatória. Simplesmente sei onde a pessoa está. «Vou» até ela. Isto não significa que saio fisicamente da plataforma — embora pudesse se quisesse, claro — mas que aponto para onde a pessoa está.

Nesta ocasião, porque a senhora me disse ou porque o senti, ou por qualquer outra razão, sabia que o marido dela estava na galeria. Sinto, vejo, sinto, ouço, sei — e além disso não consigo explicar.

A senhora disse-me que o marido era chef. Tinha sido formado no Savoy e conseguia cozinhar os pratos mais ricos e raros, mas o seu maior prazer pessoal, que ela sempre preparava para ele quando chegava a casa para o chá ao sábado, era um par de arenques defumados. Encontrei o homem na audiência. «Vejo-o a comer arenques defumados», disse-lhe eu. «É a sua esposa, a apresentar um prato de arenques defumados como uma espécie de prova.»

O homem, que se tornara espiritualista, na verdade não precisava de prova de que era realmente a esposa que queria falar com ele, mas mais tarde disse-me que, se alguma vez precisasse de prova, eu não poderia ter encontrado melhor evidência do que os arenques defumados. Há uma nota de rodapé nesta história peixeira. Alguns dias mais tarde, noutra reunião, vi o mesmo homem na audiência, mais uma vez na galeria. Algo me fez chamar por ele. «Desta vez não são arenques defumados, são arenques», disse eu, e contei à assembleia o nosso encontro anterior. Disse-lhes que o homem era um grande chef mas que gostava de ir para casa comer um par de arenques defumados, mas que nesse dia ia para casa comer arenques. Isto aconteceu ser verdade, como o homem confirmou, e por alguma razão toda a gente se riu às gargalhadas. Não sou uma pessoa engraçada e não conto facilmente piadas, mas dir-se-ia que eu era a atração principal no Palladium.

O espiritualismo não é uma questão de riso, mas não há razão para que seja sempre abordado com seriedade mortal. O seu propósito é ajudar, e há muitas formas diferentes de proporcionar ajuda. Há também métodos diferentes de comunicação entre os mundos espiritual e físico. Daí as diferenças na forma como os médiuns operam.

Muitas vezes me perguntam se as mulheres são melhores médiuns do que os homens. Não penso assim. A qualidade não tem nada a ver com o sexo. É possível que, porque um psíquico é um sensível e a sensibilidade tende talvez a ser mais um atributo feminino do que masculino, as mulheres sejam melhores psíquicas, mas não tenho a certeza de que isso seja verdade. Há muitos psíquicos masculinos muito bons, mas parecem praticar mais mulheres. Isto pode dever-se a nada mais significativo do que o facto de a maioria dos psíquicos masculinos estar empregada a tempo inteiro, ao passo que muitas psíquicas mulheres são donas de casa que podem trabalhar psiquicamente a tempo parcial se tiverem tempo.

Nas minhas aulas, tinha geralmente tantos alunos masculinos como femininos. Fazia sempre questão de entrevistar cada novo candidato. Não havia virtude em alguém vir estudar comigo a menos que sentisse que ele ou ela tinha algum potencial psíquico que eu pudesse moldar. Tinha geralmente cerca de uma dúzia de alunos em cada sessão em Belgrave Square.

Um dos candidatos era um homem chamado Philip McCaffrey. Perturbou-me por alguma razão. Sentia que ia ser um incómodo na minha aula. «Não penso que seja a pessoa certa para estudar sob a minha orientação», disse-lhe eu.

«Porquê?», perguntou ele.

«Não tenho razão, exceto que penso que devia ter um homem para o ensinar», disse eu de forma algo lamechas. Sentia que ele era insistente.

«Vi-a trabalhar», respondeu ele, «e quero estudar consigo.»

«Penso nisso», disse eu. «Continuo com as minhas entrevistas se esperar lá fora à porta.»

Isto foi uma coisa algo atrevida de eu dizer a um distinto corretor de seguros, ex-oficial naval, com cerca de quarenta e muitos anos. Na verdade, era apenas oito anos mais novo do que eu, e aqui estava eu a tratá-lo como um adolescente. Mais tarde, disse-me que quase saíra mas que algo o impedira. Da minha parte, considerava-o sincero. Tinha-me dito que estudara religião comparada e que se interessara tanto pelo trabalho psíquico como de cura porque acreditava que tinha dons nessa direção.

Concordei finalmente em aceitá-lo, e ele agradeceu-me.

Durante várias semanas, dificultou a minha aula fazendo perguntas para as quais eu pensava que ele sabia as respostas. Só podia pensar que estava a tentar marcar pontos sobre mim de alguma forma. Outros alunos perguntaram-me por que razão o aturava, e eu respondi que tinha a certeza de que ele era potencialmente muito psíquico.

Acontece que esta aula em particular progrediu excelentemente, e Philip com ela. Gradualmente, tornou-se mais consciente e estávamos muito em sintonia. Mais do que um aluno dessa aula que começou comigo trabalha agora como psíquico na plataforma pública.

Um dos meus alunos era um oficial de alfândega cuja mãe eu conhecia bem, e todas as sextas-feiras à noite levava-me a jantar antes de eu regressar para o fim de semana a Worthing. Uma sexta-feira à noite, Philip veio ter comigo e disse: «Disse ao Julian. Sou eu que a levo a jantar esta noite.»

«Quem disse isso?», exigi eu.

«Fiz todos os arranjos», foi a resposta dele, como se isso fosse final.

Fiquei tão surpreendida que concordei. «Para onde vamos?», perguntei eu.

«Não lhe digo», disse ele. Acabou por ser um restaurante encantador em Richmond com um guitarrista latino-americano.

Durante o jantar, sem aviso, Philip disse de repente: «Vou casar consigo.»

A proverbial pena teria dificuldade em derrubar alguém tão sólido como eu em qualquer circunstância, mas confesso que fiquei bastante espantada. Duas vezes mordida, pensei, três vezes tímida. «Deve estar fora de si», disse eu de forma pouco graciosa. «Não caso com ninguém.»

«Oh, sim, vai», disse ele com suprema confiança. «Sei isso há muito tempo.»

Após o jantar, Philip levou-me de carro até à estação e pôs-me no comboio para Worthing. Depois disso, jantámos juntos pelo menos uma vez por semana, e fui ficando cada vez mais interessada nele à medida que o conhecia. Então, um dia no apartamento dele em Kensington, quis medir o meu dedo para ver que tamanho de anel eu usava. Fiquei completamente atordoada quando me perguntou que tipo de anel eu gostaria.

Protestei que, tendo feito dois casamentos maus, não ousava arriscar um terceiro. Philip, como Jack, nunca tinha casado antes; mas eu tivera mais do que a minha quota-parte de casamento.

«Não sou uma pessoa fácil de viver», disse eu, tentando dissuadi-lo, «porque tenho de ser livre.»

A resposta dele interessou-me. «Estudei-a muito de perto», disse-me ele, «durante mais de dois anos, e sei que a única forma de a manter é dar-lhe espaço para respirar. Não a vou prender.»

O facto de Philip ser ligeiramente mais novo do que eu não me preocupava. Preocupava-me mais que ele fosse católico e eu não. Quando criança, tivera uma experiência traumática após um ataque de peritonite que me manteve no hospital durante seis semanas. Fui enviada para convalescer em Folkestone numa casa gerida por freiras. Em todos os corredores parecia haver uma escultura de Jesus na cruz, uma coroa de espinhos na cabeça e sangue a correr pelas mãos e pés. Isto perturbou-me terrivelmente e senti que as minhas próprias mãos tinham pregos cravados nelas. Aos domingos, espirrava quando o incenso era balançado. As freiras deslizavam silenciosamente pelos pavimentos de madeira altamente polidos, e havia uma atmosfera misteriosa no lugar. Sentia-me encerrada como se estivesse na prisão.

Claro que isto era uma grande tolice, mas para uma criança de oito anos impressionável foi uma experiência desagradável, e fiz tudo o que sabia para escapar das freiras. Suponho que deve ter colorido o meu pensamento mais tarde na vida porque, embora todas as pessoas sejam iguais para mim independentemente da religião, hesitei em casar com um católico — até Philip me dizer que as duas irmãs dele tinham casado com judeus, após o que me senti muito melhor!

Havia também o problema de que eu estava prestes a fazer uma visita profissional importante aos Estados Unidos e ao México, e este era realmente um momento ridículo para embarcar novamente no casamento, mas Philip não aceitava um não como resposta. Finalmente, sugeri que ficássemos noivos. «Podemos pensar no casamento mais tarde», disse eu. Philip concordou imediatamente e perguntou-me que tipo de anel de noivado eu queria. Como eu tinha escolhido os meus dois anéis anteriores, decidi que poderia ter mais sorte se deixasse a escolha desta vez a ele.

Ficámos noivos em março de 1973, pouco antes da minha primeira grande exposição nos Estados Unidos. De repente dei-me conta de como era estúpido, na nossa idade, estarmos noivos e não casados. Simplesmente senti que tinha de casar com o Philip, já que tínhamos chegado tão longe, e num impulso disse-lho. Ele reagiu como se estivesse à espera que eu o dissesse e correu a tirar uma licença especial. Casámos a 30 de março, quatro dias antes de eu partir para a América. Só a família mais chegada soube, e decidimos manter o casamento em segredo por enquanto, pelo menos até depois da digressão americana.

Uma das pessoas a quem tivemos de contar foi o meu velho amigo Peter Sellers, que já me tinha procurado muitas vezes para consultas privadas. Ele tinha voado de Itália (onde estava a rodar um filme) para ser o meu convidado de honra no jantar e baile anual do sindicato dos médiuns, do qual eu era vice-presidente. Durante o jantar, o Peter levantou-se e fez um discurso engraçado que deliciou a assistência. Eu, porém, não fiquei nada deliciada quando ele anunciou a todo o mundo que o Philip e eu éramos marido e mulher.

O nosso segredo deixou de o ser e o evento, num hotel de Londres, transformou-se numa festa de celebração ruidosa. O Peter juntou-se à banda e tocou bateria toda a noite até nos dispersarmos.

Assim, a pequena Doris Cooper que se tornou Doris Lawless e depois Doris Collins (nome pelo qual ainda hoje é conhecida profissionalmente) passou a ser Mrs. Philip McCaffrey.

CAPÍTULO NOVE

Já tinha passado três meses na América durante a segunda metade de 1972, e foram três meses extraordinários. Regressei no início de 1973, logo após o casamento com o Philip. Pelo menos na segunda vez já tinha alguma ideia daquilo em que me estava a meter.

O trabalho psíquico e a cura são iguais em todo o mundo, mas nos Estados Unidos são-no ainda mais. Se isto parece ridículo, o que quero dizer é que na América tudo é feito em escala gigantesca e a um ritmo alucinante. Acho que, no pouco tempo que lá passei naquela fase da minha vida, me tornei mais célebre do que em mais de trinta anos a trabalhar em casa. De facto, as pressões sobre mim, e os incentivos financeiros que me ofereceram para me desenraizar e fixar residência permanente na América, foram tão persuasivos ao ponto de eu ter ponderado seriamente a possibilidade antes de decidir finalmente ficar em Inglaterra e casar de novo. Tive tantas ofertas bem remuneradas para ficar nos Estados Unidos, incluindo uma para ser curandeira residente numa clínica que dois médicos estavam a abrir na Califórnia, mas preferi o modo de vida britânico ao qual estava habituada.

Ficou-me porém bem claro que poderia sempre regressar, e tantas vezes quantas quisesse. Haveria sempre muito que fazer sempre que tivesse tempo para atravessar o Atlântico, e de facto já voltei muitas vezes. Tenho agora muitos bons amigos na América e é sempre um prazer visitá-los.

A diferença essencial entre os psíquicos britânicos e os americanos é que nós somos formados para provar a sobrevivência, ao passo que muitos americanos são formados para prever o futuro. Eu também prevejo coisas no decurso normal do meu trabalho, mas hesito em fazer previsões da maneira deliberada como eles o fazem. Interesso-me mais pela vida pessoal das pessoas do que por acontecimentos mundiais. A única vez que previ publicamente um acontecimento foi já perto do fim de 1976, e fui mais ou menos forçada a isso. Pediram-me que participasse num programa de rádio como membro de um painel. O tema era o ano que aí vinha e a conversa gravada seria emitida no dia de Ano Novo. Falámos dos acontecimentos atuais no mundo e, sem aviso, o moderador perguntou-me o que previa para 1977.

Embora não fosse coisa que eu fizesse normalmente, senti-me obrigada a colaborar, pelo menos até ao ponto de considerar a pergunta. Lembro-me de fechar os olhos e concentrar-me, e de repente ter consciência de um desastre aéreo terrível. Vi um avião e senti uma explosão. Tive noção de uma carnificina horrível.

Não acredito em dizer às pessoas que vão morrer ou que vão ser envolvidas em tragédias. O meu objetivo é confortar e não alarmar. Posso avisar alguém para não seguir determinado caminho se acreditar que pode ser perigoso, mas isso é completamente diferente. Nesta ocasião tratava-se de um acontecimento impessoal que eu sabia que ia acontecer, mas não sabia onde nem em que circunstâncias. Registei portanto exatamente o que tinha visto, e o programa foi emitido em vários países. A previsão ficou assim registada.

No início de 1977 estava a embarcar num avião para regressar a Inglaterra a partir da Florida. Estava a conversar com uma companheira de viagem e perguntei-lhe se sabia quanto tempo íamos parar em Nova Iorque no caminho de volta. «É um voo direto para Inglaterra», respondeu ela. Olhei para o meu bilhete — como pudera esquecer-me? — e claro que era um voo direto. Devia ter-me enganado, mas tinha a forte sensação de que

estava certa. O Alan Whicker ia no mesmo avião e lembro-me de falar com ele.

A certa altura fui à casa de banho para me recompor e, enquanto lá estava, vi um clarão forte e ouvi um estrondo. Isso trouxe-me imediatamente à memória a minha previsão sobre um desastre aéreo, e por um momento horrível pensei que tinha previsto um acontecimento terrível do qual eu própria era participante. Teria de facto previsto a minha própria morte?

Regressei ao meu lugar o mais depressa possível e tudo parecia normal. Ninguém parecia preocupado. Sentei-me muito calma e não disse nada. Sabia, porém, com absoluta certeza, que a previsão que fizera se realizaria. Não tinha imaginado coisas, porque a voz do comandante se ouviu no altifalante: «Minhas senhoras e meus senhores, não há motivo para alarme, mas temos de regressar a Nova Iorque. Não podemos continuar sobre o Atlântico…» Aparentemente tínhamos perdido dois motores!

Portanto eu tinha razão quanto a parar em Nova Iorque, e também tinha visto um clarão real e ouvido um estrondo real. Mas o acidente que previra não era daquele voo em particular. Sabia, no entanto, que não tardaria muito. Quase exatamente uma semana depois houve um desastre terrível em Tenerife. Já me esquecera dos pormenores do que tinha previsto quando o moderador do nosso painel me telefonou a dizer quão exatamente eu tinha previsto o que de facto acontecera.

Mas, como já disse, prefiro deixar a previsão de acontecimentos futuros para os outros. Os americanos podem ser mais curiosos quanto ao futuro do que nós, e talvez seja por isso que os psíquicos americanos tão prontamente os presenteiam com previsões. Isso não significa, porém, que os psíquicos americanos sejam de modo algum inferiores aos britânicos. O dom psíquico não conhece nacionalidade; atravessa todas as fronteiras.

Fora inicialmente convidada para a América pelo Dr. Charles Pons, optometrista de Glendale, Califórnia. Ele tivera uma sessão comigo em Londres e deve ter ficado impressionado, porque não só me convidou para ficar em casa dele como se ofereceu para me patrocinar. Interessara-se por fenómenos psíquicos depois de visitar as Filipinas para ver os chamados cirurgiões psíquicos, o mais famoso dos quais era Tony Agpaoa. Terei algo a dizer sobre estas pessoas notáveis mais adiante, quando contar a história

da minha própria visita. Aparentemente tinham curado a diabetes do Dr. Pons.

Fui uma das muitas médiuns e curandeiros que o Dr. Pons viu enquanto esteve em Inglaterra, e ele disse aos amigos americanos que eu era a «melhor». Sem dúvida exagerava, mas a recomendação não prejudicou a minha reputação. Apresentou-me a Lee Atkinson. Ela e o marido eram empresários de psíquicos e ela arranjou-me contactos para aparecer em rádio e televisão em muitas zonas diferentes dos Estados Unidos.

Por alguma razão fui uma sensação. Nunca tinha experimentado o tipo de sucesso nem a quantidade de publicidade que estava a alcançar. As minhas audiências ficavam rendidas com o que eu dizia, e numa ocasião a central telefónica do estúdio não conseguiu dar vazão à enxurrada de chamadas que chegavam para mim. Decidi trabalhar normalmente e levar as coisas com calma.

É-me mais fácil recordar o que aconteceu na América porque grande parte ficou registada de uma forma ou de outra. Hilly Rose, por exemplo, escreveu um livro em 1978 no qual me mencionou. Tinha um programa de rádio em Los Angeles, e fui-lhe apresentada por Lee Atkinson. Tanto no livro como nas notícias da imprensa foram relatadas algumas das coisas que fiz e disse e que tanto impressionaram as pessoas, mas a mim não me parecem particularmente dignas de repetição. O que é interessante é que no ano seguinte voltei a aparecer no programa dele, mas desta vez sem sair de Inglaterra.

Emiti de Romford para a Califórnia via Telstar. O programa foi transmitido de costa a costa para uma audiência estimada em duzentos e cinquenta mil pessoas. Infelizmente não conseguia ouvir nenhuma das pessoas que telefonavam para a estação com perguntas para mim, e todas as perguntas e respostas tinham de ser retransmitidas pessoalmente pelo Hilly Rose. O que a princípio pareceu uma catástrofe acabou por se revelar uma bênção disfarçada, porque até os céticos que pensavam que eu obtinha os meus resultados por alguma forma de leitura de pensamento não podiam acreditar que eu conseguisse ler a mente de pessoas que nem sequer ouvia, quanto mais via, a uma distância de seis mil milhas.

O programa durou uma hora, com apenas cinco minutos de intervalo. A resposta foi avassaladora. Aparentemente acertei em cheio, por assim dizer, vezes sem conta, e a minha precisão causou sensação.

No seu livro, Hilly Rose explica como investigou psíquicos no seu programa durante dois anos. Diz que estava a começar a aborrecer-se com eles quando lhe fui apresentada. «Alguns eram engraçados, outros esquisitos», escreveu, e «apenas uma era tão incrivelmente precisa que quase conseguia converter um agnóstico.» Foi um elogio muito generoso, pelo qual estou humildemente agradecida. Talvez tenha ficado impressionado com o que lhe disse sobre ele próprio. Tinha uma rapariga jovem a trabalhar para ele e eu disse-lhe na rádio que ele ia casar com ela. Ele riu-se da ideia na altura, mas não passou assim tanto tempo até me enviar um bilhete de avião de ida e volta para o casamento deles em São Francisco.

Sempre soubera que a clarividência funcionava à distância, mas até eu fiquei surpreendida com o meu aparente feito no programa do Hilly Rose. A virtude atraente dos americanos é que não têm medo de experimentar. Foi corajoso da parte do Hilly apostar que eu conseguiria funcionar com sucesso do outro lado do oceano, mas ele estava disposto a tentar.

Outras pessoas deram-me oportunidade de curar através da rádio e da televisão. Só comparativamente há pouco tempo é que os programas com chamadas telefónicas se tornaram comuns na radiodifusão britânica. Na América eu aparecia, por exemplo, num programa de rádio e pessoas com doenças telefonavam-me para ver se eu as podia ajudar. «Olá, Doris», começavam geralmente, e eu identificava imediatamente o problema. «Oh, tem dores de costas fortes», podia eu dizer. «Como raio soube?» era quase sempre a resposta. Levaria demasiado tempo explicar e nunca o fiz. Em vez disso, colocava as mãos, mentalmente claro, na zona afetada. Muitos dos que telefonavam diziam-me que sentiam de repente calor numa parte do corpo, e as dores desapareciam muitas vezes quase imediatamente. Por mais estranho que pareça a quem nunca experimentou cura à distância, há na América muita prova gravada dos meus resultados neste campo.

Uma das pessoas que me pediram para curar — embora não à distância — foi Sidney Omar, o famoso astrólogo. A ex-mulher dele, Jeraldine Saunders, ouvira-me na rádio e suplicou-me que visse o Sidney, que estava doente. Ela foi buscar-me e levou-me de carro a Santa Monica. O ex-

marido era um nome conhecido em todos os lares americanos. Eu sabia pouco de astrologia e nunca funcionara como adivinha, mas sempre mantive a mente aberta quanto a coisas que não entendo, e sabia que o Sr. Omar era muito respeitado entre as pessoas que diziam entender astrologia.

Quando entrei na sala onde ele estava sentado, apontou-me o dedo e disse: «Dê-me um número.» Evidentemente interessava-se por numerologia, tendo escrito um livro sobre o assunto. Disse o primeiro número que me veio à cabeça — já não me lembro qual foi — e ele garantiu-me que eu escolhera escolhido um número «mestre», o que significava que eu estava bem. Fiquei muito aliviada e prossegui dando-lhe cura para o que ele tinha. Depois perguntou se lhe dava uma sessão, e dei por mim a contar-lhe uma série de coisas muito pessoais. Evidentemente eram de natureza confidenciais e, embora me lembre de certas coisas que disse, não as posso repetir. Só um assunto acho que o Sidney não se importaria que eu revelasse: Sidney Omar, o nome pelo qual era conhecido profissionalmente, não era de facto o seu nome verdadeiro, e acho que ele ficou bastante espantado quando, durante a sessão, lhe revelei o seu nome real — um nome que quase ninguém conhecia fora da família mais chegada.

Tornámo-nos depois grandes amigos, e ele foi uma das muitas pessoas que tentaram persuadir-me a ficar na América. Fiz uma previsão acerca da ex-mulher dele, Jeraldine, que continuava a ser tão boa amiga mesmo depois do divórcio. Ela era diretora de cruzeiros, e previ que ela ia escrever algo que se tornaria bem sucedido em todo o mundo. Ela riu-se de mim com ar incrédulo, mas quem se lembrar de The Love Boat e se der ao trabalho de descobrir quem o escreveu, verificará que o nome dela era Jeraldine Saunders.

Há duas outras histórias que gostaria de contar sobre a América, e ambas começaram com o que me pareceu uma grosseria fora do comum. Em Inglaterra, até as pessoas menos informadas que considerem o espiritismo como treta e os médiuns como charlatães, é pouco provável que me digam na cara que sou uma fraude. Mas na América, onde em geral as pessoas são muito amáveis e educadas com uma inglesa visitante, tive dois confrontos deselegantes desse tipo.

A minha primeira visita a Nova Iorque foi na companhia de outros dois psíquicos britânicos, Kathleen St George e Coral Polge, a artista psíquica, e

do célebre curandeiro Tom Johanson, marido da Coral. A Coral e eu trabalhávamos muitas vezes juntas perante uma audiência. Ela desenhava retratos de pessoas do mundo dos espíritos e eu ligava-as às pessoas da plateia.

Estávamos a trabalhar juntas perante uma audiência no Hunter College. Entre sessões estava a descansar no meu quarto, e pedira que não me incomodassem porque o trabalho era esgotante e precisava desesperadamente de recarregar baterias. Fui contudo incomodada pelo telefone. Era a senhora que organizava o nosso programa e, com voz um tanto intimidada, disse: «O senhor Alan Burke está aqui e quer ver-a.» Respondi-lhe que tinha absolutamente de descansar e não podia ver ninguém. Dez minutos depois o telefone tocou outra vez. O senhor Burke, pelo visto, não aceitava um não como resposta, mas fui muito firme quanto a não ver nem ele nem ninguém porque precisava daquela hora de tranquilidade. Fechei os olhos e deixei-me adormecer, sem pensar quem seria este senhor Burke nem porque tinha de me ver com tanta urgência.

Fui acordada por uma pancada na porta. Abri a porta de robe e dei com quatro homens. Fiquei invulgarmente zangada. «Quem são e o que querem?» perguntei com brusquidão.

«Sou Alan Burke», disse um dos homens, «e vim provar que é uma fraude.»

Antes que eu pudesse reagir, os quatro homens entraram no quarto e percebi que três deles eram uma equipa de filmagem.

Corri para a casa de banho para me vestir. Na altura não sabia que o senhor Burke, de vez em quando, tentava desmascarar psíquicos no seu programa de televisão e que muitas pessoas tinham medo dele. Certamente me apanhou em desvantagem.

«Já a vi trabalhar», disse ele, «e não acredito no que faz.» Pareceu-me evidente que ele fazia da grossaria a sua imagem de marca.

Acho que nunca na vida estive tão zangada, mas decidi que a melhor maneira de lidar com ele não era responder da mesma forma, mas antes provar-lhe que eu era genuína. Instintivamente deixei fluir a clarividência, e ao fazê-lo ouvi as câmaras começarem a rodar. Disse-lhe tanto sobre ele e a família que ele ficou completamente atónito, e disse-me que estava

totalmente convencido da minha honestidade. Chegou a oferecer-se para me trazer de avião todas as semanas de Inglaterra para participar no seu programa, e confirmou a oferta na televisão no programa seguinte, quando disse que considerava muitos psíquicos «malucos» mas que eu era a única que conhecera que era completamente genuína.

A princípio pensei que era um dos homens mais grosseiros que já tinha conhecido, mas hoje percebo que o julguei mal apesar do seu infeliz jeito de me pôr as costas em pé. Talvez pensasse que eu não responderia tão bem se não criasse uma situação de antagonismo. Seja como for, ele e eu tornámo-nos amigos chegados e algum tempo depois apresentou-me à ex-mulher. Disse-lhe que eles voltariam a casar. Vi que ele não acreditava, mas eu tinha razão. Há coisa de três anos recebi um telegrama dele a informar-me do casamento. «O amor é melhor na segunda vez», escreveu ele.

Se ele foi grosseiro, o que havia eu de pensar do repórter que veio entrevistar-me para o National Enquirer? Não marcara hora — como me disse depois, para que eu não pudesse investigar quem ele era — e as primeiras palavras dele foram: «Não acredito numa única palavra do que me vai dizer.»

Perguntei-lhe porque raio se dera então ao trabalho de vir. Respondeu que tinha de escrever sobre mim porque o editor o mandara. Chamava-se Hal Jacques. Era um jornalista calejado que já cobrira literalmente milhares de reportagens na vida. Hoje é um amigo muito querido, e fico-lhe a dever pormenores de algumas das coisas que lhe disse, que ele publicou no jornal e depois me confirmou por carta.

Na verdade não lhe disse nada muito diferente do que dizia a outras pessoas, mas ele é uma das poucas pessoas que registou na altura exatamente o que eu falei. Nesse aspeto, o testemunho dele será interessante para quem quiser saber o tipo de coisas que muitas vezes sou impelida a dizer.

O Hal não era um consulente no sentido normal. Não viera ter comigo para uma consulta sobre ele próprio; viera investigar-me. Parece porém que, depois de cerca de vinte minutos de conversa normal, levantei de repente a mão. «Tenho de interromper», disse eu, segundo ele. «Não

tencionava dar-lhe uma leitura, mas estão a dar-me uma mensagem que lhe diz respeito. Quer ouvi-la?»

Ele inclinou-se para a frente, interessado. «Estão a falar-me de uma casa em Londres», continuei. «Mostram-me uma oficina onde há pessoas a fazer costura. Estão a coser casas de botão em coletes de homem. Isto diz-lhe alguma coisa?»

Dizia, e muita. O Hal tinha apenas seis anos quando os pais emigraram de Londres para Nova Iorque, e eu estava a recordar-lhe, mais de cinquenta anos depois, a oficina no porão do East End onde os avós tinham vivido e onde as crianças faziam trabalhos simples de alfaiataria.

Não admira, pois, que o repórter cético que não ficara particularmente impressionado nos encontros anteriores com outros psíquicos estivesse agora a ouvir-me com toda a atenção.

Aparecem-me sempre nomes, e os nomes Sarah e Leah vieram-me com muita força. A avó materna do Hal chamava-se Sarah, mas ele não conhecia ninguém chamado Leah. Só dias depois perguntou à tia sobre Leah. «Não sabes?», respondeu a mulher. «Leah era o nome do meio da avó. Chamava-se Sarah Leah.» Só então o Hal se lembrou de que, em criança, chamava à avó pelo nome judeu Soorahlaya. Sempre pensara que significava «pequena Sarah». Na verdade Soorah era Sarah e Laya era Leah, e ele nunca se tinha apercebido disso até eu abrir a porta da memória da avó.

As muitas outras coisas que lhe disse não me parecem de grande interesse, mas foram suficientes para que ele me descrevesse como a médium-psíquica mais precisa que alguma vez encontrara. Ainda assim, só me deu 99 em 100 de precisão porque eu mencionara um nome que ele sabia que estava errado. Nem a tia conseguia identificar ninguém na família que tivesse morrido e se chamasse Sam. O único Sam era o tio, que estava vivo e de boa saúde no Canadá — ou assim pensava ele até uma prima de Toronto telefonar a dizer que o tio Sam morrera havia algum tempo. A partir daí não consegui fazer nada errado aos olhos do meu repórter cético.

Fez tanto como qualquer outra pessoa para dar a conhecer aos americanos quem eu era.

CAPÍTULO DEZ

Sou hoje uma viajante experiente e o meu nome é conhecido em muitas partes do mundo. Há uma viagem que nunca esquecerei: a minha primeira visita à Austrália, em 1974.

A simples menção da Austrália sempre tivera para mim uma conotação romântica. Lembro-me do meu pai contar-me que o pai dele — o meu avô — lá fora quando era jovem e desaparecera. Ao fim de cerca de dez anos, o meu bisavô pusera anúncios em jornais australianos, graças aos quais pagaram a viagem de regresso do meu avô a Inglaterra. O meu pai ficara muito impressionado por o pai ter, segundo dizia, assistido ao primeiro Test Match na Austrália entre os dois países.

Havia outra ligação australiana — o meu irmão Fred. Ele emigrara quando eu ainda era criança, e foi enquanto geria o hotel que me ocorreu tentar encontrá-lo, mas na altura não fiz nada.

Dos filhos do meu pai, o George já morrera — tal como, claro, a Emmie — e o Johnny desaparecera há muito do meu mundo. Só o Fred me dizia realmente algo. Sempre tivera um fraquinho por ele, como acho que ele tinha por mim.

Os três filhos da minha mãe — Will, John e Stuart — tinham morrido, e eu perdera o contacto com a Lily. O Fred era o mais próximo de todos os meus irmãos. Levava-me às aulas de música e a passear quando estava de licença da Marinha Mercante, e o que eu adorava nele era que nunca me criticava nem criticava o que eu fazia; compreendia-me melhor do que os outros.

Sabia que ele desertara do navio na Austrália com vinte e um ou vinte e dois anos e nunca mais voltara a casa em todos aqueles anos. Teria agora sessenta e muitos. A mãe lia-me as cartas dele, mas desde que ela morrera quase não tivera notícias. Tudo o que sabia era que ele escrevera de Brisbane, mas não tinha morada e, de qualquer maneira, provavelmente já se mudara.

Ainda assim, não parava de pensar nele, e havia aquela sensação persistente de que tinha de o ver. Parecia-me lembrar-me de que ele trabalhara num rancho e comprara uma quinta que perdera por causa de seca ou fome — mas se era realidade ou fantasia de criança, não sabia.

Uma das últimas cartas dele para a minha mãe — a madrasta — dizia que casara e tivera uma filha.

Então, um dia, ouvi a voz do meu pai a dizer-me que eu ia à Austrália ver o Fred. Pouco depois, estava a olhar para fotografias antigas quando caiu uma carta que o Fred escrevera à mãe há mais de trinta anos. Já vira aquelas fotografias várias vezes sem nunca encontrar a carta. Tinha a morada antiga dele em Brisbane.

Arrisquei e escrevi-lhe para lá, com a indicação «Reencaminhar, por favor». Quinze dias depois chegou resposta. O Fred ainda vivia na mesma casa, mas escrevia do hospital, onde recuperava de um enfarte grave. «A tua carta quase me provocou outro», disse ele, contando-me como ficara emocionado por ter notícias minhas.

Na carta seguinte perguntei-lhe se alguma vez pensava em vir visitar a terra natal porque eu queria tanto vê-lo, e ele respondeu que a saúde já não lhe permitia fazer a viagem. Tinha tido o próprio negócio durante muitos anos, mas reformara-se por causa da doença. Contou-me que a filha, Cheryl, que agora era assistente social, estivera dois anos em Inglaterra em férias-trabalho e tentara, sem sucesso, encontrar-me. Planeava porém regressar de férias com mais duas raparigas e prometia que me procuraria.

De facto, as três raparigas vieram ficar comigo no hotel, e a Cheryl contou-me o quanto o pai queria ver-me. Levei-as a uma reunião em Brighton onde eu estava a trabalhar. A Cheryl ficou muito impressionada, pelo visto, escreveu ao pai. A carta seguinte dele foi interessante. «É estranho, Doris», escreveu. «Sempre soube, mesmo quando eras pequenina, que havia qualquer coisa muito diferente em ti. Acredito plenamente no que fazes porque já tive experiências parecidas. A minha mulher e eu fomos de férias à Tasmânia e visitámos uma prisão antiga. Tive a sensação estranha de já lá ter estado e até levei a minha mulher ao sítio onde ficavam as cozinhas e descrevi-lhe tudo.»

Estava pronta a arranjar qualquer pretexto para ver o meu irmão Fred, mas tinha problemas na minha vida que dificultavam a viagem. Só depois de casar com o Philip voltei a pensar no assunto. O Philip é um homem muito bondoso e um dia disse-me: «Doris, se é o desejo do teu coração, vai.»

Foi o empurrão de que precisava e comecei a fazer planos. Falei nisso ao Maurice Barbanell, que era então diretor do Psychic News, e ele disse que esperava que eu fizesse algum trabalho na Austrália e não fosse só por causa do Fred. «Eles precisam muito de trabalhadores psíquicos», disse, sugerindo que escrevesse a Don Davis. O Don era presidente da Associação Australiana de Curandeiros Espirituais e, quando lhe perguntei se haveria algo que eu pudesse fazer na Austrália por uma ou duas semanas, respondeu: «Meu Deus, se há?»

A minha visita-relâmpago planejada transformou-se em algo completamente diferente — três meses de ausência nos quais também fui às Filipinas e à Nova Zelândia. Quando contei à Marjorie Horton que ia à Austrália, ela disse-me que tinha um irmão na Nova Zelândia e sugeriu que me acompanhasse até à Austrália e depois seguisse para visitar o irmão, deixando-me lá. A Marjorie, enfermeira-chefe reformada, era boa amiga e aceitei logo a ideia. Foi ela que me meteu na cabeça ir também à Nova Zelândia depois da Austrália.

Foi enquanto discutia falar disso com o Philip que me ocorreu incluir as Filipinas no itinerário. Como curandeira espiritual, queria muito conhecer os curandeiros psíquicos filipinos de quem tanto ouvira falar, e parecia uma oportunidade demasiado boa para perder. O Philip, abençoado seja, alinhou nos meus planos ambiciosos, embora não pudesse acompanhar-me por motivos de trabalho. Acho que ficou contente por a Marjorie viajar comigo pelo menos parte do caminho. Assim começou uma longa e exaustiva digressão que nunca teve um momento aborrecido para mim, nem, espero, para as audiências da Austrália e da Nova Zelândia, que fizeram tanto alarido à minha volta como os americanos tinham feito.

Fomos primeiro às Filipinas, onde a nossa chegada esteve longe de ser auspiciosa. Tínhamos de mudar de avião em Hong Kong e esperar muito tempo no aeroporto. De repente tive uma sensação estranha quanto à minha bagagem que se tornou uma convicção absoluta: algo correria mal na transferência da BOAC para a Qantas. Tão forte era a sensação que pedi para ver as malas, mas disseram-me que era impossível e que nunca acontecia nada.

Com efeito, quando chegámos a Manila às 23 horas, não havia bagagem. Não tinha nada além da roupa que trazia vestida, nem sequer uma escova de dentes, e a roupa da Marjorie nunca me serviria. Estava um calor

sufocante mesmo a essa hora da noite e eu estava literalmente dividida entre o funcionário da companhia aérea que preenchia os formulários e o motorista de táxi que mandaram buscar-nos.

«Por favor venha, por favor venha», o motorista puxava-me pelo único vestido que tinha, «tenho de a levar para o hotel.»

«Não posso ir enquanto não resolver o assunto da bagagem», tentei explicar. A companhia aérea preparava um papel que me autorizaria a comprar o essencial no dia seguinte até a bagagem aparecer.

«Venha agora», insistiu o motorista. «Lei marcial.»

«Lei marcial?», perguntei. «O que tem isso a ver comigo?»

«Recolher obrigatório», respondeu. «Meia-noite. Ninguém na rua depois da meia-noite. Senão prisão.»

Eu conhecia a história da Cinderela, mas isto era ridículo.

Houve mais puxões e o motorista anunciou que a pena por violar o recolher não era só prisão por uma noite, mas: «Amanhã varremos todos a rua.»

Normalmente sou muito calma, mas estava a ficar quase zangada. Só a posteriori é que vejo o lado cómico. Por fim consegui o papel da companhia aérea e o motorista deixou-nos no hotel quando o relógio bateu as doze. Tinha tanta pressa de se ir embora que nem esperou pela gorjeta.

O nosso hotel ficava na rua principal, em frente à Embaixada Americana, e tínhamos um dos melhores quartos com vista para a rua. A primeira coisa que fiz foi lavar a roupa interior e pendurá-la a secar para o dia seguinte.

De manhã, munida da autorização da companhia aérea, fui comprar roupa. Tinha dormido só de combinação. Em todo o lado me cumprimentavam educadamente: as empregadas juntavam as mãos, inclinavam-se e depois desatavam a rir à gargalhada. Falavam entre si na língua delas, que infelizmente eu não entendia — mas o que era evidente é que não podiam, ou não queriam, ajudar-me. Parecia quase um ritual e, depois de três lojas, comecei a achar que estava entre as pessoas mais estranhas que já encontrara.

Na quarta loja tive sorte. Pelo menos encontrei uma empregada que falava inglês. Disse-lhe que queria um vestido e roupa interior, e ela também começou a rir.

«Qual é o problema?», perguntei. «Porque é que toda a gente se ri?»

«Bem, senhora», respondeu ela, «nós somos gente muito pequena e a senhora é senhora muito grande. As empregadas demasiado educadas para lhe dizer.»

Sugeriu que me fizessem «uma camisa muito fina». Expliquei que também precisava de algo para usar por baixo. «Podemos fazer muito comprida», respondeu, prestável.

De facto, um dia antes de deixarmos Manila, entregaram no hotel uma camisa linda de linho cor de creme, magnificamente bordada à frente. O problema era que chegava abaixo dos joelhos. Serviria a um elefante, e, por grande que eu seja, ainda não chego a esse tamanho. Imaginava-me a conduzir uma reunião em Sydney com aquele traje.

Assim, apesar do grande calor, usei mais ou menos a mesma roupa todos os dias.

Esse não foi o meu único problema. Ao quarto dia em Manila, começaram a juntar-se multidões na rua em frente ao hotel às sete da manhã. O calor era intenso e, por volta do meio-dia, a Marjorie e eu estávamos a descansar em cima das camas quando bateram fortemente à porta e entrou o gerente acompanhado por dois soldados com metralhadoras.

A Marjorie parecia aterrorizada. Acho que eu estava mais indignada. «Que raio querem?», gritei.

«Viemos revistar», disse um dos soldados.

«Revistar? Revistar o quê?», perguntei.

«Armas», respondeu. «Munições.»

«Munições?», repeti. «Que quer dizer com isso? Não temos munições nenhuma.»

Um dos soldados ficou de pé por cima de nós, apontando a arma na nossa direção, enquanto o outro fazia uma busca bastante minuciosa ao

quarto e à casa de banho. Sentia que a Marjorie me pedia mentalmente que não reagisse, e de facto o instinto dela estava certo porque, quando continuei a protestar, a arma aproximou-se a centímetros da minha cara.

A cena de duas senhoras inglesas no estrangeiro de repente confrontadas com soldados armados com metralhadoras pode ser engraçada em teoria, mas na prática não teve graça nenhuma. Teríamos sido apanhadas no meio de uma revolução? Era por isso que a rua estava cheia de gente? Esperava que ninguém estivesse a pensar em plantar armas ou munições no nosso quarto. Quem sabe se não teríamos de varrer a rua depois de a multidão se ir embora? Não precisámos de nos preocupar. Não encontraram nada, e nessa tarde o Presidente da Roménia e o seu séquito passaram a toda a velocidade pela nossa janela, tão rápido que, mesmo que não tivessem cortinas nos vidros do carro, duvido que alguém da multidão o visse. Estava aparentemente em visita de Estado, e todos os edifícios ao longo do percurso tinham sido revistados por soldados com metralhadoras.

Por mais agitada que a nossa estadia nas Filipinas estivesse a ser, nada foi tão extraordinário como a experiência em primeira mão do trabalho dos cirurgiões psíquicos — e de um em particular, Romy Bogorin.

Como alguém que praticava cura espiritual há muitos anos, estava naturalmente interessada em aprender o mais possível sobre os curandeiros filipinos. A sua fama de supostamente milagrosa correra mundo. Havia vários curandeiros pelas ilhas, o mais famoso dos quais era Tony Agpaoa. Amigos meus tinham ido ter com ele para serem curados e, numa ocasião, fiz parte de um grupo que angariou dinheiro para enviar um jovem psíquico jovem com problemas graves de coração.

Sabia que um número surpreendentemente grande de doentes, depois de perderem a esperança na medicina convencional, não hesitava em poupar e voar para o outro lado do mundo para o consultar.

Havia porém quem dissesse que Agpaoa e os seus seguidores eram fraudes e que conseguiam alguns dos supostos resultados por truques de ilusionismo; que eram prestidigitadores e não curandeiros.

Já estava combinado que eu conhecesse os irmãos Romy e Joe Bogorin, e a escolha do hotel deveu-se ao facto de os irmãos terem o consultório no próprio hotel. Ficara acordado que eu tiraria fotografias deles a trabalhar e enviaria um relatório diário, que gravei em cassete, para Londres. Tanto a

Marjorie como eu queríamos também consultá-los como pacientes. Eu tinha um pequeno problema no peito e preocupava-me com as veias de uma perna.

Achei que seria boa ideia ver como os Bogorin trabalhavam, por isso fui como paciente sem os contactar primeiro. Entrei na sala de espera, preenchi um formulário sobre o meu estado de saúde e problemas. Depois pediram-me que me despisse e entrasse na sala de tratamentos e me deitasse numa das macas. A Marjorie acompanhou-me e permitiram que ficasse.

Entrámos na sala e deitei-me na maca como indicaram. A Marjorie sentou-se numa cadeira ao lado. Os irmãos Bogorin trabalhavam com dois assistentes masculinos, e não era raro tratarem mais do que um paciente ao mesmo tempo. Nesta ocasião entrou o Romy, o mais velho, apresentou-se. Era pequeno para os padrões britânicos e de aspeto magro e rijo. Devia ter uns trinta e poucos anos, calculei. Vestia camisa branca de manga curta e calças escuras.

Não pareceu surpreendido por eu ter ido tanto para tratamento como para investigar o que faziam, e começou logo a trabalhar. Tocou-me com as mãos, exatamente como eu tocara tantos dos meus pacientes ao longo dos anos, e depois pediu-me que me virasse de barriga para baixo. Isso surpreendeu-me um pouco porque no formulário só mencionara o peito e a perna, mas ele disse que sentia que o meu pescoço era mais importante. Confesso que tinha um pequeno problema na nuca desde o acidente de carro nas Índias Ocidentais muitos anos antes; de vez em quando fizera tratamento, mas aprendera a viver com aquilo, a ponto de nem me lembrar de o mencionar no formulário.

Não sei exatamente o que aconteceu a seguir. Senti-me tonta, mas sem dor, e lembro-me vagamente de ver o Romy Bogorin atirar qualquer coisa ensanguentada para uma bacia. Lembro-me perfeitamente da Marjorie dizer: «Oh, meu Deus!»

Mais tarde ela contou-me que o Bogorin abrira a parte de trás do meu pescoço e retirara o que parecia ser um coágulo de sangue. Perguntei-lhe como ele fizera aquilo, e ela respondeu que ele simplesmente passara o dedo pelo pescoço.

Isto pode parecer incrível, e o leitor acredita ou não. Tudo o que direi é que a Marjorie era enfermeira-chefe formada, que fora enfermeira de bloco

operatório durante muitos anos, pelo que o testemunho dela não pode ser ignorado com segurança.

Depois desta espantosa «cirurgia», se é que era isso, deram-me cura geral por todo o corpo e mandaram-me descansar três horas, voltando todos os dias para mais cura geral. O conselho de descansar era completamente desnecessário porque eu mal conseguia fazer outra coisa; estava completamente grogue. Quanto ao pescoço, senti uma ligeira dor durante dois dias, depois dos quais melhorei muito.

No dia seguinte foi a vez da Marjorie receber cura, e a minha oportunidade de a ver ser tratada. Vi o Romy juntar as mãos em oração, dizer umas palavras na língua dele, presumo, e tocar rapidamente no peito dela. Para meu espanto — embora talvez devesse ter esperado depois do que a Marjorie me contara —, ele pareceu abrir-lhe o peito e retirar algum tecido. Não conseguia perceber como fizera aquilo.

Quando a Marjorie voltou para cura da próxima vez, o Romy perguntou se eu, que também era curandeira, gostaria de abrir o corpo da minha amiga. Fiquei bastante abalada. «Não podia fazer isso de maneira nenhuma», respondi. «Em Inglaterra nunca fazemos coisas assim!» Parece engraçado agora, mas mostra bem o estado de confusão em que me encontrava. Murmurei qualquer coisa sobre não ser muito higiénico.

Ele riu-se, pegou-me num dedo, ergueu-o no ar enquanto rezava. Depois pousou-o no corpo da Marjorie abaixo do estômago.

Sei que muitos leitores acreditarão quando digo que o corpo dela pareceu abrir-se ao meu toque. Admito que estava em estado de choque considerável. Ouvi o Romy dizer-me: «Puxe, puxe. Tire toda essa porcaria», e havia qualquer coisa estranha na minha mão. «Atire para a bacia», instruiu ele. Mais tarde a Marjorie disse-me que sentira algo ser puxado, embora o que fosse — se não do interior dela — não possa dizer. «E agora vamos fechar o corpo», disse o Romy, colocando-me as mãos no sítio onde abrira. De repente estava selado outra vez.

Esta experiência foi tão extraordinária que, se não a tivesse visto com os meus próprios olhos, não acreditaria. Estou convencida de que o Romy Bogorin e outros são curandeiros genuínos e não prestidigitadores. Acredito também que, sob a orientação dele, de algum modo realizei o «milagre» eu própria, embora como o fiz simplesmente não sei, e tenho a

certeza de que não conseguiria fazê-lo sozinha nem que a minha vida dependesse disso.

Há quem não acredite em mim ou diga que me estou a iludir, mas não posso fazer mais do que relatar o que acredito serem os factos. Há outras pessoas — ou talvez as mesmas — que não acreditam, apesar de todas as provas, que eu vejo e falo com pessoas do mundo dos espíritos. Muitas pessoas sensatas só conseguem aceitar aquilo que elas próprias experienciam. A cautela sempre é boa ideia nestas matérias, desde que se mantenha a mente aberta. É porém muito estúpido fechar a mente, sobretudo perante provas, por mais bizarras que sejam. A minha própria experiência com um disco voador é um exemplo disso. Como a maior parte das pessoas, ouvi e li histórias sobre objetos voadores não identificados durante anos, mas até há pouco tempo nunca vira um. Para mim, as provas, embora impressionantes, eram inconclusivas, mas não fechei a mente e disse que, por não ter visto tal objeto, ele não existia. Pelo contrário, mantive a mente verdadeiramente aberta.

Em agosto de 1982 estava na Suíça, em casa de Fred e Sylvia Pestalozzi, que têm uma bela casa no lago Zurique. Regressávamos depois de jantar em casa da filha deles quando algo grande e escuro projetou a sua sombra sobre o carro. Fiquei bastante assustada com a rapidez, mas o Fred, que conduzia, disse que era uma ave grande, provavelmente uma coruja. Achei difícil aceitar, mas pensei que ele vivia na zona e devia saber que tais aves existiam.

Pouco depois chegámos e o Fred guardou o carro na garagem e fechou a porta. Quando caminhávamos para a casa, apareceu um objeto no céu por cima de nós, cerca de duzentos metros à nossa esquerda, e desapareceu diante dos nossos olhos. Os três vimos claramente. Era menos um disco voador do que um charuto voador com uma luz forte na frente.

O que era exatamente não sei, mas que o vimos tenho a certeza. Era sem dúvida um objeto voador de algum tipo, e desapareceu instantaneamente como se se tivesse desmaterializado. Parecerei ainda mais estranha aos que duvidam de mim quando digo que já tive outras experiências de materialização e desmaterialização, às quais me referirei mais adiante, e percebo que posso estar a desafiar a credulidade do leitor ao escrever seguidamente sobre curandeiros que abrem corpos com um dedo, objetos voadores não identificados e materialização e desmaterialização. Só posso

pedir ao leitor que mantenha a mente aberta. Não fui só eu que vi o charuto iluminado no céu, nem só eu que observou os Bogorin a trabalhar.

Os cirurgiões psíquicos nunca usam anestesia, mas parecem nunca causar dor apesar de trabalharem de uma forma que, pelos padrões médicos normais, seria considerada muito amadora. Quando perguntei ao Romy Bogorin como operava, ele só conseguiu dizer que ele e os outros curandeiros filipinos tinham treinado muito arduamente e que Deus trabalhava através deles. Não conseguia explicar o dom a não ser dizendo que fora transmitido pelos antepassados ao longo de muitas gerações. Na aldeia de onde vinha não havia médicos, e de qualquer modo as pessoas não podiam pagar cuidados médicos. Havia sempre um curandeiro, porém, mas ele não era considerado mais notável do que o carpinteiro ou o construtor local.

Especulei se talvez um poder muito estranho emanasse do solo vulcânico das ilhas Filipinas. Curiosamente, essa possibilidade foi sugerida por uma história que ouvi poucas semanas depois de uma mulher na Austrália.

Ela contou-me que lhe tinham partido o maxilar enquanto lhe extraíam os dentes do siso.

Infelizmente o dano parecia estar muito perto do cérebro, disse ela, e quer ela quer o médico estavam nervosos quanto a uma operação, por isso decidiu esperar para ver se o maxilar cicatrizava sozinho. Devia ser um desejo irrealista porque estava com dores atrozes e mal conseguia comer outra coisa que não comida de bebé. Bebia uma garrafa de uísque por dia, com palhinha, para aliviar a dor.

Disseram-lhe de um curandeiro filipino chamado Placido, e decidiu visitá-lo. Pediu a uma amiga que tomasse conta da filha se ela não regressasse, dizendo que não tencionava voltar se não a conseguissem curar nas Filipinas.

No primeiro dia em Manila apanhou disenteria, e o Placido disse que não podia operar enquanto ela não estivesse curada dessa maleita. Levou-a então e enterrou-a na areia vulcânica até ao pescoço durante vinte e quatro horas! A disenteria desapareceu e ela sentiu-se espantosamente bem, o que a surpreendeu imenso porque obviamente não conhecia os poderes curativos da areia vulcânica, que acredito não serem diferentes dos do Mar Morto para quem tem doenças de pele.

No dia seguinte o Placido pôde operar. Esta senhora contou-me que ele pusera um dedo na face esquerda dela e ela sentira uma espécie de estalo, e na mão dele estava um pedaço de osso. Fez depois o mesmo na face direita. «Abra a boca», disse ele, e, nervosamente, porque não conseguia fazê-lo convenientemente há meses, ela tentou obedecer-lhe. Para espanto seu, conseguiu abrir a boca até ao máximo, e a dor horrível desaparecera. Ele disse-lhe que o alívio duraria três anos, depois dos quais devia voltar para mais cura. Quando a conheci os três anos estavam quase a terminar e ela estava a caminho de ver o Placido outra vez. Não tivera dores nesse intervalo.

Esta é apenas uma de muitas histórias que ouvi em primeira mão, mas claro que nada foi tão convincente como a prova dos meus próprios olhos. Enquanto estávamos no hotel em Manila, chegou um grupo de pessoas — a maior parte com cancro avançado — vindas de Inglaterra. Tinham-lhes dito que não havia esperança, e sabiam que se agarravam a um canudo. Pareciam mortos ambulantes. Dois dias depois, após tratamento dos Bogorin, estavam todos a dançar na sala de baile. Não posso dizer se a cura foi permanente ou temporária, mas foi certamente o mais próximo de milagroso que já vi.

Talvez a visão mais espantosa que já presenciei tenha sido uma operação do Romy Bogorin, que pareceu tirar os olhos de um paciente, pô-los na face do homem, limpar as órbitas com água e voltar a pôr os olhos no lugar. Digo «pareceu» porque não consigo explicar logicamente; o bom senso diz-nos que não se podem tirar os olhos a um ser humano como se tira a uma boneca. E no entanto não creio que tenha imaginado; estou convencida de que vi.

Tudo aconteceu tão depressa que não consegui perceber como o feito fora realizado, e compreendo perfeitamente qualquer leitor que pense que sou crédula e facilmente enganável. As pessoas que me conhecem bem não creem, acho, isso de mim, e eu também não creio de mim própria. Tenho a certeza de que estava a ver um curandeiro e não um mágico. De qualquer modo, o historial de curas bem-sucedidas do Bogorin não poderia ter sido alcançado por ninguém que não fosse um curandeiro genuíno.

Felizmente a Marjorie Horton também esteve presente quando realizaram esta operação em particular. Ela é uma pessoa de formação científica e cética que, na sua capacidade profissional, assistiu a centenas

de operações. É uma testemunha firme dos factos que relatei. Acredita que viu o que eu acredito que vi.

CAPÍTULO ONZE

A receção na Austrália não foi menos entusiástica do que na América. Os americanos são pessoas maravilhosamente calorosas e generosamente hospitaleiras. Querem gostar de nós. Os australianos não são menos calorosos nem menos hospitaleiros, mas talvez sejam menos emocionais. São muito terra a terra, e na Austrália temos de fazer prova dos factos. Quando o fazemos, porém, não há limite para o entusiasmo deles.

Durante noventa e quatro dias de aparições pessoais em reuniões públicas e em programas de rádio e televisão, devo ter feito prova dos factos porque fui recebida com entusiasmo delirante. Felizmente sou uma pessoa terra a terra senão o elogio poderia ter-me subido à cabeça. É uma experiência única — algo que não conhecera antes — receber uma ovação de pé, e mais do que uma vez. A primeira vez em Melbourne senti-me como se flutuasse, leve como o ar.

Os atores devem conhecer a sensação, mas apanhou-me de surpresa. Afinal, só estava a fazer na Austrália o que fazia há anos em casa.

Quando saí de Sydney pela última vez naquela visita, a caminho da Nova Zelândia, estava exausta mas eufórica. Chamaram o meu irmão ao palco e toda a gente cantou «Now is the hour for me to say goodbye». Foi uma experiência muito emotiva. Não tão emotiva, porém, como o nosso encontro em Brisbane mais de três meses antes.

Quando saí do avião o Fred estava à minha espera com a mulher e a filha. Claro que não o via desde que eu era pequenina, mas reconheci-o imediatamente. Ele disse que também me reconhecera, porque eu era muito parecida com a mãe. Também à minha espera estavam vários jornalistas e fotógrafos, e quase antes de poder cumprimentar o meu irmão fomos levados para a sala VIP onde fui entrevistada para televisão. A história da psíquica inglesa que descobrira o irmão perdido há muito na Austrália era aparentemente muito noticiosa. Via que o Fred estava um tanto atónito com

o que estava a acontecer. Avisei as equipas de câmara que tivessem cuidado para não lhe provocar outro enfarte!

O Fred estava absolutamente encantado por ter voltado a contactar com um membro da família antiga depois de tantos anos, e essa alegria foi partilhada por mim e, creio, pela mulher e pela filha dele. Fiquei com eles quinze dias antes de começar o programa atafulhado que me tinham organizado. Aconteceu tanto nas semanas seguintes que um acontecimento se confunde com outro na minha memória, e as experiências de que me lembro vividamente podem não ser as mais interessantes. O Don Davis, responsável por planear a digressão, guardou registos de muito do que aconteceu, e consegui refrescar a memória consultando-o.

Acho que ficou particularmente impressionado por eu curar pessoas por telefone ou através da rádio, e uma história em particular que registou foi a de uma vítima de poliomielite que andava de cadeira de rodas há dezassete anos. Este homem aceitara a sua maleita mas o que não conseguia suportar era a dor incessante e agonizante causada pelo inchaço dos joelhos. A dor nunca o abandonava, nem de dia nem de noite. «Os meus joelhos estão tão inchados», contou o homem ao Don, «que a minha mulher, quando me compra roupa, tem de abrir as calças de baixo para cima para caberem nos joelhos, que estão sempre quatro vezes o tamanho normal.»

Este homem ouviu-me no Mary Hardy Show, onde eu dava cura a pessoas que telefonavam. Infelizmente não conseguiu ligação. Mais tarde nesse dia viu-me na televisão, no Don Lane Show, onde eu dava clarividência. De repente deu-se conta de que a dor habitual nos joelhos estava a desaparecer, e olhando para baixo espantou-se ao ver que ambos os joelhos estavam novamente do tamanho normal.

O Don Davis seguiu este homem durante nove meses, e regista que nesse período a dor nunca voltou nem o inchaço reapareceu.

Este é claro um exemplo de cura em massa, ou cura por controlo remoto, porque eu não fora pedida para curar este homem — na verdade nem sabia da sua existência — e não o tratara nem pensara no seu problema. Houve um caso semelhante na Austrália de uma mulher que eu desconhecia e que aparentemente curei de hepatite sem o saber. Ela seguiu-me de Melbourne a Sydney para atestar esse facto. Embora isso a tivesse espantado, estava

bem dentro da minha própria experiência. Quando curo em público, no fim da reunião peço a toda a gente que dê as mãos.

De algum modo gera-se uma energia e um poder de cura tremendo, e muitas vezes as pessoas foram curadas instantaneamente nessas circunstâncias sem eu lhes tocar pessoalmente.

Outro exemplo semelhante foi o caso de uma senhora de Melbourne que me escreveu porque, dizia, queria partilhar comigo o seu «grande milagre pessoal». Fora ao dentista para uma revisão antes de me ver pela primeira vez. Após um exame demorado, disseram-lhe que precisava de tratamento, cujo tipo o dentista anotou num cartão. Marcou nova consulta e pediu-lhe que levasse o cartão.

Regressou ao consultório na data marcada, tendo entretanto visto-me na televisão e numa reunião pública. De modo algum falara ou contactara comigo exceto por ter sido uma das muitas pessoas na enorme audiência do Dallas Brooks Hall. O dentista pegou no cartão e examinou-lhe a boca.

«A que dentista foi desde que lhe dei este cartão?», perguntou.

«A nenhum», respondeu ela. «Porque pergunta?»

A resposta do dentista deixou-a atónita. «Tudo o que está neste cartão — e o trabalho é extenso — está feito na perfeição», disse ele.

Esta senhora juntou dois e dois e concluiu que fora curada pela cura em massa na minha reunião. Mostrei a carta dela ao Don, que me perguntou se poderia investigar mais. Aceitei logo, e ele entrevistou a senhora e o dentista, que pôde confirmar a estranha história — estranha para algumas pessoas, mas não para mim, porque tenho tanta experiência deste tipo de coisas.

Sou por vezes afetada mais intensamente do que o habitual, e um desses casos aconteceu na Tasmânia. A minha fama, tal como era, fora espalhada por toda a ilha por um certo repórter que me pusera à prova logo que cheguei a Hobart. Apresentou-me ao fotógrafo do jornal, cujo braço estava ao peito há meses. Mal conseguia levantar um livro da mesa sem sofrer dores. Desafiaram-me a experimentar a minha cura nele.

Ora, eu não consigo curar por encomenda. Só posso tentar, e o que acontece está fora do meu controlo. Como já disse tantas vezes, Deus é o curandeiro; eu sou apenas o seu canal. Através de mim, Deus já fez os

surdos ouvir, os mudos falar, os cegos ver e os aleijados andar. Mas isso não significa que eu esteja obrigada a ter sucesso, e não gostei da ideia de um desafio que poderia resultar em má publicidade se eu falhasse. Concordei contudo em dar cura ao fotógrafo, com a firme convicção de que conseguiria ajudá-lo.

Pelo visto a notícia correra como um relâmpago pelos escritórios do jornal, porque em minutos apareceram cabeças e caras por todo o lado para assistir à demonstração. Isso não me preocupou porque estou habituada a audiências. O repórter escreveu depois um relato completo do que aconteceu. Pelo visto peguei na mão do fotógrafo com a minha esquerda enquanto coloquei a direita no cotovelo dele. Depois movi a mão de cima para baixo, do ombro ao pulso do paciente. Em seguida dobrei-lhe o braço no cotovelo e mandei-o levantar uma cadeira.

Ele olhou para mim espantado enquanto tentava levantar a cadeira, e com espanto ainda maior quando conseguiu o que julgava impossível. Ergueu a cadeira cada vez mais alto e disse: «Meu Deus, não tenho dores. Isto é espantoso.» O repórter pediu-lhe então que levantasse uma mesa pesada, o que ele fez com total liberdade e à vontade.

O relato deste incidente nada extraordinário pode ter tido algo a ver com o facto de a minha reunião pública seguinte, no Teatro da Universidade de Hobart, ter atraído 1500 pessoas, das quais 500 tiveram infelizmente de ser recusadas. Sempre foi meu hábito ficar na sala no fim de uma reunião até o último espectador se ir embora. Numa sessão de cura costumam ficar algumas pessoas em cadeiras de rodas, e isso dá-me oportunidade de falar com elas.

Foi em Hobart que me senti profundamente tocada ao encontrar uma dessas pessoas. Tinham-lhe retirado um tumor cerebral e trouxeram-no de cadeira de rodas para a sala por terreno irregular antes de fecharem as portas, causando-lhe grandes dores. Quando o Don Davis me acompanhava pelos corredores vazios depois da reunião, viu a sombra de uma cadeira de rodas no segundo patamar. «Oh, meu Deus, Doris, esqueci-me», desculpou-se. «Este homem precisa desesperadamente de si.»

Estava muito cansada depois de três horas e meia em palco, mas claro que fui ter com o homem. A mulher conduzira muitos quilómetros para me ver, e os pais dele também estavam com eles. Estava parcialmente

paralisado e não conseguia andar. Pior ainda, não conseguia falar. A mulher disse que ele não falava há três anos e por isso não me podia responder.

Coloquei as mãos na cabeça dele e rezei com força para que a dor fosse aliviada. O Don disse depois que as minhas mãos tremiam violentamente. Em seguida coloquei o indicador da mão direita debaixo do queixo dele e levantei-o até olhar nos olhos dele. Eram grandes e castanhos, e as lágrimas corriam-lhe pelas faces.

Olhei-o fixamente e disse: «O que me vais dizer?» A posteriori foi uma pergunta estranha a um homem que não falava, mas devo ter-me sentido impelida a fazê-la.

Nunca esquecerei o olhar atormentado nos olhos dele quando abriu os lábios e, de algum modo, conseguiu articular lentamente as palavras «Eu — amo — te.» As palavras foram formadas com esforço e proferidas com precisão meticulosa.

«Oh, meu Deus», disse a mulher. «Ele não me dizia isso há sete anos.» Chorava descontroladamente.

Se a declaração do homem era para mim ou para a mulher não consegui ter a certeza, mas na altura ambas pensámos que era para mim. Por isso perguntei-lhe: «E o que vais dizer à tua mulher?»

Ele virou-se para ela e ela abraçou-o. Depois, da mesma maneira que falara antes, disse «Também te amo a ti.»

Por algum motivo esta experiência comoveu-me mais do que a maior parte, e segundo o Don, que esteve presente o tempo todo, marido e mulher, a mãe e o pai dele, o próprio Don e eu estávamos todos a chorar.

O Don acompanhou-me a todo o lado na Austrália. Alguém lhe mandou uma caixa grande de toranjas enquanto estávamos em Toowoomba, e ele disse que prepararia uma e ma traria de manhã antes de descermos para o pequeno-almoço. Acordei às duas da manhã com uma sensação estranha. Deixara a mala, que continha algumas joias, numa prateleira ao lado do televisor, e algo me disse para a mudar de sítio. Tão forte foi o pressentimento que me levantei da cama, fui buscar a mala e coloquei-a entre as duas camas de solteiro do meu quarto. Voltei a adormecer.

De manhã, mal o Don chegou com a toranja, dois homens no corredor gritaram-lhe: «Verifiquem tudo o que têm. Fomos roubados.» Com efeito, alguém mexera em toda a minha bagagem durante a noite, mas não levaram nada, presumivelmente porque não havia nada de valor para levar. O ladrão ou ladrões, que deviam ter andado pelo meu quarto enquanto eu dormia, não viram a mala nem as joias, quer porque estava num sítio escuro quer porque não quiseram aproximar-se muito da cama.

Disse ao Don que quem entrara nos quartos tinha chave e que voltaria. Ele riu-se de mim, mas durante duas noites empurrei uma mesa e cadeiras contra a porta antes de me deitar, que voltava a pôr no sítio de manhã antes de o Don chegar com a toranja. Ao terceiro dia o Don disse-me que o ladrão voltara na noite anterior e fora apanhado no quarto ao lado do meu por um agricultor que ocupava o quarto com a mulher. O homem preso era namorado de uma das empregadas de limpeza.

Contei esta história porque pensei que era o mais próximo que eu chegaria de um crime na Austrália, mas na verdade envolvi-me num caso de assassínio — de forma indireta, apresso-me a acrescentar, numa visita posterior que lá fiz. Estava a falar com uma jornalista quando me apareceu uma senhora que deu o nome e disse que era tia da jornalista. «Vivi no vosso país, não aqui», disse, e contou-me que fora assassinada.

Perguntei à jornalista se tinha uma tia com aquele nome. Não só era verdade como a tia fora morta seis anos antes em Inglaterra, perto de Bath, onde vivia. A tia descreveu-me então o que acontecera. Saíra para fazer compras e, ao regressar, estacionara o carro na entrada da casa. Ouviu um barulho na garagem e foi ver. Havia dois homens que a agrediram com uma barra de ferro e uma espécie de machado, matando-a. Disse que ficara ali até o marido chegar e a encontrar.

A jornalista ficou tão impressionada com o que considerou uma descrição incrível que me suplicou que conhecesse a mãe dela, irmã da morta. Aceitei, e enquanto falava com a mãe, a morta apareceu-me outra vez e deu-me mais pormenores, incluindo o quanto o marido ficara angustiado quando encontrou o corpo.

Esqueci-me completamente do assunto, mas um dia, já em Londres, o meu marido telefonou-me a dizer que a Brigada de Homicídios de Bath o

contactara. Tinham ligado para o escritório dele e dito: «A sua mulher é Doris Collins? Queremos entrevistá-la.»

Absurdamente, o Philip respondeu: «Meu Deus, ela nunca matou ninguém!»

Tranquilizaram-no. Só queriam falar comigo. A jornalista australiana aparentemente contactara a polícia britânica devido ao que eu lhe contara, e estavam a fazer averiguações. O Philip combinou que eu falasse com um inspetor-chefe.

Perguntei-lhe se acreditava em clarividência. Disse que não tinha experiência disso. Perguntou-me se eu conseguia contactar novamente a senhora assassinada. «Não sei se consigo», respondi. «Posso tentar, mas não é só estalar os dedos e ela aparece.» Mesmo enquanto dizia isto, porém, comecei a ouvir a voz dela. «Ela está aqui», disse triunfante.

O inspetor pediu-me que obtivesse toda a informação que pudesse. Ela explicou outra vez como o assassínio acontecera e deu-me descrições da casa e dos dois homens envolvidos. «Isto faz sentido?», perguntei.

A resposta não me surpreendeu. «Se tivesse estado na cena do crime», disse ele, «não poderia ter descrito melhor.»

Perguntou-me então se, caso prendessem suspeitos, eu estaria disposta a identificá-los, com o que queria dizer se eu conseguiria dizer se correspondiam às descrições que a morta me dera; claro que eu não os vira realmente.

Acho que o desiludi quando disse que essa não era a minha função. Uma coisa era transmitir uma mensagem da mulher assassinada; outra bem diferente era tornar-me agente dela para perseguir os assassinos. Isso era assunto para a família e para a polícia. Não podia ser responsável por perseguir os criminosos. Talvez me sentisse como um padre a quem foi confiado um segredo em confissão.

O inspetor perguntou-me então se falaria novamente com ele caso houvesse desenvolvimentos significativos. Respondi que esperaria até lá e que depois teria de considerar o assunto. Acredito que todos somos castigados de uma forma ou de outra pelo nosso mau comportamento, e tinha a certeza de que os assassinos seriam castigados de qualquer modo, fossem ou não apanhados.

Nunca mais soube nada nem tive curiosidade de perguntar, mas presumo que os assassinos não tenham sido presos.

Noutra ocasião, mais recente, dei por mim a descrever um assassínio. Foi nos Estados Unidos. Estava num programa de rádio em Boston com chamadas telefónicas, e uma mulher ligou a perguntar o que acontecera ao filho, que desaparecera dois meses antes. De repente recebi uma imagem muito sombria de um homem morto deitado em arbustos perto de água. Fora baleado.

Tinha a certeza de que era o filho da mulher, mas como lho dizer? Nunca prevejo desgraças de livre vontade, mas é diferente relatar algo que já aconteceu. Não me lembro das palavras exatas, e sem dúvida foram as mais suaves que consegui, mas, sem dizer mais do que o necessário, disse à mulher que o filho estava morto, esperando assim acabar com a incerteza com que ela vivera nas últimas semanas.

Estava a dar uma palestra na Universidade de Boston no domingo seguinte quando a mulher se aproximou de mim pessoalmente. Perguntou se lhe podia dar mais informações. Contei-lhe o que já vira, e depois tive a imagem de uns homens a baterem na cabeça do morto antes de o tirarem do carro e o arrastarem pela relva.

Segundo a mulher, citada num jornal local, eu disse-lhe então que não conseguia continuar a pensar na morte do filho dela. Tinha uma dor de cabeça fortíssima. Disse também que fiquei muito nervosa e que só conseguia dizer «Deus te abençoe, querida.»

O meu testemunho na rádio causou sensação local, sobretudo quando, uma semana depois, o corpo do homem foi encontrado debaixo de um monte de folhas perto de um pântano de arandos. Fora baleado três vezes na cara. Mais uma vez, não sei se o crime foi resolvido, nem tenho curiosidade. Só me lembro de que o episódio me deixou muito angustiada — mas a minha angústia não era nada comparada com a da família do homem assassinado, a quem eu, quisesse ou não, dera a notícia da morte em público.

O que hei de fazer se alguém me perguntar diretamente: O meu marido matou alguém? Essa pergunta espantosa foi-me mesmo feita na Nova Zelândia, para onde fui depois da minha primeira visita à Austrália. Participei numa segunda-feira num «Talkback Show» na rádio, durante o

qual respondi a perguntas telefónicas durante mais de três horas. A resposta foi excecional, tanto que me pediram para voltar no dia seguinte. Pelo visto tanta gente tentou ligar-me na segunda vez que os Correios pediram contenção aos ouvintes, que estavam a entupir a central.

Foi nesse programa de rádio que me fizeram a pergunta extraordinária. Claro que não conhecia a autora da chamada nem nada sobre ela. Tratei a pergunta como qualquer outra: apliquei-lhe a mente e esperei para ver o que me vinha. Na verdade, recebi uma imagem muito clara de um homem, que descrevi. A autora da chamada manifestou espanto, dizendo que eu dera uma descrição exata do marido, que fora condenado por duplo homicídio e estava a cumprir pena.

Interrompi-a para dizer que ele era inocente.

Não consigo explicar porque tinha tanta certeza da inocência dele; era qualquer coisa que eu simplesmente sabia. E depois deixei-me levar um pouco e, embora não soubesse nada das circunstâncias, comecei a dizer coisas sobre o assassínio que deram títulos nos jornais. Não sabia onde me estava a meter; nestes casos, quando começo, algo toma conta de mim e ou não sei o que estou a dizer ou não me importo.

Pelos jornais vi que disse à autora da chamada que o marido nunca tinha estado na casa do casal assassinado; que os corpos tinham sido retirados da casa numa carrinha ou reboque; que houvera discussões graves na casa deles na semana antes dos crimes; e que «outra mulher» estava envolvida nos assassínios. Disse também que o condenado era demasiado simples para ter planeado os crimes e a remoção dos corpos.

O que mais atenção atraiu, porém, foi a minha afirmação de que fora colocada uma cápsula de cartucho à porta da casa do casal assassinado. Fora essa cápsula que a Acusação usara com tanto êxito para condenar o marido da autora da chamada, mas se ele não fora responsável por ela lá estar, se de facto fora plantada, isso — juntamente com outros assuntos — poderia mudar completamente a questão da culpa ou inocência.

Pela única vez sei o fim da história, embora não os pormenores. O chefe da polícia local estava entre os ouvintes do programa, e quer pelo que eu disse — e claro que na altura eu não sabia nada das circunstâncias — quer por outros motivos, mandou fazer mais averiguações, em resultado das

quais houve novo julgamento e o marido da autora da chamada foi finalmente absolvido.

CAPÍTULO DOZE

Gordon Dryden foi o apresentador do Talkback Show da Nova Zelândia que me trouxe certa fama em Auckland.

Perto do fim da minha segunda aparição no programa dele, entrou um jovem e sentou-se. Quando saímos do ar, o Gordon apresentou-mo. «Este é o Johnny Walker», disse.

O único Johnny Walker que eu conhecia era o senhor colorido da garrafa de uísque, pelo que os leitores perceberão que não sou desportista nem sigo desporto. A última coisa que faria seria ligar a televisão numa tarde de sábado para ver futebol.

«Ah, sim», disse eu. «Muito prazer em conhecê-lo.»

«Ele é a nossa esperança olímpica», continuou o Gordon. «É o nosso recordista da milha.»

Olhei para o grande atleta, de quem me envergonho de dizer que nunca ouvira falar, e disse: «Vai ter um problema, não vai?»

«O que quer dizer com isso?», perguntou ele.

«Tens um joelho muito doloroso», respondi. «Está a causar-te muitos problemas na corrida.»

«Como sabe?», perguntou ele, pois não era público.

«Estou neste programa há duas ou três horas como psíquica», retorqui. «É assim que sei.»

O jovem contou-me então que há muitas semanas não conseguia treinar como queria. Andara por todo o lado em busca de ajuda, mas os conselhos médicos que recebera não tinham curado o problema, e estava preocupado.

Foi então que o Gordon me desafiou a ver o que conseguia fazer. «Tu és curandeira, Doris», disse ele. «Cura-o.»

Concordei em tentar se o próprio atleta o quisesse. Ele pareceu cauteloso. «O que vai fazer?», perguntou.

«Não sei», respondi, «até começar.»

Evidentemente pensou que não tinha nada a perder, e o Gordon levou-nos para uma salinha no andar de cima. Coloquei a mão no joelho do jovem e ele estremeceu todo, como se tivesse medo — embora eu tenha a certeza de que não era esse o motivo.

Passados alguns minutos disse-me que a dor desaparecera, levantou-se de um salto e fez alguns exercícios. «Não conseguia fazer isto há semanas», disse.

Pouco depois, soltando um grito de triunfo, desceu as escadas a correr para o estúdio de emissão e gritou: «Gordon, ela é mesmo do caraças!»

Soube que era mesmo um grande elogio. Fez mais exercícios e perguntou-me se a cura duraria. Tinha a certeza de que sim e disse-lho.

Três meses depois, já em Inglaterra, liguei a televisão numa tarde de sábado para ver um filme antigo. O canal estava sintonizado num que transmitia desporto, e vi um corredor de colete preto atravessar o ecrã a grande velocidade. «Eu conheço aquele rapaz», gritei para o Philip. O meu marido ergueu os olhos. «É o John Walker», disse ele, «o campeão neozelandês. Acabou de bater o recorde mundial da milha.»

Mais tarde, John Walker contou a história do seu ponto de vista a um jornalista americano. Admitiu que, nos dois anos antes de me conhecer, sentira dores crónicas no joelho depois de treinos intensos; o joelho inchava e tinha dificuldade em esticar a perna. Não o incomodava durante as corridas, mas era mau de manhã ao levantar-se, durante os treinos e depois das provas.

«A Mrs. Collins pôs as mãos na minha coluna e nos meus joelhos», contou. «Senti vibrações a passar pelos dedos dela. Foi arrepiante, incrível. Depois de uns cinco minutos, pediu-me que me levantasse e já não tinha dores.

«No sábado seguinte corri quinze vezes quatrocentos metros. Se o joelho me fosse doer, teria doído então. No dia seguinte fiz uma corrida de vinte e sete quilómetros. Sem problema!»

Achou-me «espantosa». «Sem dúvida me fez muito bem», disse, «embora eu não saiba bem o que ela fez. Nenhum outro tratamento resultou comigo.»

No ano seguinte o Philip contou-me que o Johnny Walker ganhara a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Montreal.

Não foi o único atleta que encontrei na Nova Zelândia. Na verdade, conheci lá mais desportistas do que em qualquer outro sítio. Outro foi Dick Quax. Fora um dos maiores corredores neozelandeses durante vários anos, tendo ganho a medalha de prata nos 1500 metros nos Jogos da Commonwealth em Edimburgo cinco anos antes. Na altura da minha visita, embora acabasse de vencer o título nacional dos 5000 metros, a imprensa e o público começavam a dar-lhe como acabado a nível mundial. O que talvez não soubessem é que ele estava atormentado por lesões que mais tarde obrigaram a operações às duas pernas.

Ouviu-me no rádio do carro e irrompeu pelo estúdio dentro, manifestando, disseram-me, a determinação de «arranjar um bocado disto», com o que suponho que queria dizer cura. Infelizmente a cura não vem em frascos. Na verdade, nem o vi; não sabia quem ele era nem que queria falar comigo.

Se eu acreditasse em coincidências — o que não acredito, porque não há coincidências —, diria agora que, por coincidência, quando ia a caminho do aeroporto de Auckland, parámos num semáforo. Quando parámos, um carro encostou na faixa ao lado e parou uns metros à nossa frente. O condutor do nosso carro disse: «É o Dick Quax, um dos nossos melhores atletas.»

Por algum motivo disse eu: «Ele vai ser muito bom. Aliás, no próximo ano estará ao nível mundial.» Era o oposto do que a maior parte das pessoas pensava; a opinião geral era que ele já fora de nível mundial mas estava em declínio. O próximo ano era o dos Jogos Olímpicos, e eu parecia estar a prever sucesso ao mais alto nível precisamente na altura dos Jogos.

O meu amigo, que conduzia o carro, seguia atletismo e acreditava em mim. Por isso acompanhou a carreira de Dick Quax com especial interesse. Um treinador profissional de topo disse-lhe que os treinos do Quax estavam a correr muito bem e que ele era «material de medalha mesmo». Quax chegou a correr a um décimo de segundo do recorde mundial dos 5000 metros. Quando, porém, não se apurou para os 10000 metros nos Jogos Olímpicos, o meu amigo pensou que eu exagerara.

Contou-me depois que, quando Dick Quax cruzou a meta para ganhar a medalha de prata nos 5000 metros nos Jogos, a primeira pessoa em quem pensou fui eu. Fez a graça de que a minha clarividência funcionava tão bem num cruzamento movimentado como no estúdio de rádio!

Ajudei ainda outro atleta na Nova Zelândia. Um homem escreveu-me a dizer que me vira curar numa plataforma pública e perguntava se eu o podia ajudar. Fora golfista profissional e tivera de abandonar o jogo. Podia curá-lo se ele viesse à minha próxima reunião?

Este pedido colocou-me numa dificuldade. Uma coisa é dar cura em privado, outra bem diferente é fazê-lo em público. O que quero dizer não é que a técnica seja diferente, mas que não posso dar prioridade a uma pessoa num local público. Não é como marcar lugar no teatro. A maneira como trabalho é escolher pessoas, normalmente entre as que se aproximam na reunião, em quem sinta inspiração para curar. Por vezes sou levada a ir ter com alguém na plateia que não se aproximou, alguém em cadeira de rodas, por exemplo.

Há sempre um momento numa sessão de cura em que convido as pessoas que precisam de cura a subir ao palco se quiserem e puderem. Normalmente há tal é a enchente que tenho de pedir aos assistentes que controlem a situação. Normalmente escolho catorze ou quinze pessoas da audiência, com as quais trato uma a uma.

Respondi com pesar ao golfista que não o podia tratar de maneira diferente de qualquer outro membro da audiência, e não sabia lá se ele estaria na minha próxima reunião. Mais uma vez, por uma dessas coincidências em que não acredito, ele foi uma das cerca de doze pessoas entre literalmente centenas que se aproximaram do palco e que eu escolhi para tratar.

Quando chegou a vez dele, apresentou-se como o golfista que me escrevera. Chamava-se Ross Newdick. «Recusou ver-me», disse ele.

Estavam cerca de três mil pessoas na sala. «É estranho que o tenha escolhido», respondi. Disse que tinha um problema grave nas costas e numa perna. Já não conseguia bater com o taco, por isso abandonara o golfe e abrira uma loja de bebidas. Dei-lhe cura e depois disse: «Imagina que tens um taco de golfe nas mãos. Agora, bate!»

Ele fez o movimento, cauteloso no início e depois aparentemente sem esforço. Muito excitado, levantou-se de um salto, beijou-me, disse que já não sentia dores e que estava curado. Acredito que mais tarde tenha voltado à carreira de golfista.

Para mim, como já disse, todos os pacientes são iguais e não importa se são famosos ou desconhecidos. Durante o meu trabalho como clarividente fui consultada por muitas pessoas muito conhecidas, e direi duas palavras sobre algumas delas mais adiante, na crença, talvez, de que o leitor prefira ouvir falar de Peter Sellers do que do Sr. Jones ao lado, embora as experiências do Sr. Jones sejam provavelmente igualmente interessantes e igualmente válidas. Outra razão para escrever sobre famosos é que as pessoas prestam atenção ao que eles dizem. Se a Sra. Smith disser algo sobre mim, ninguém fora do círculo dela saberá; mas se alguém como Douglas Bader tiver algo a dizer, provavelmente aparecerá nas colunas do Daily Telegraph.

O que não posso, nem nunca, farei é revelar confidências, e só posso escrever sobre pessoas que elas próprias tenham divulgado o meu trabalho ou que me tenham autorizado a referi-las. As histórias dos três atletas na Nova Zelândia foram amplamente divulgadas. Há uma ou duas outras histórias de cura com pessoas conhecidas que me sinto à vontade para escrever.

Uma diz respeito à atriz Anna Polke. No caso dela fora diagnosticado cancro da mama quando me consultou. Não queria terapêutica médica convencional, e embora eu lhe dissesse para não ignorar os conselhos médicos, aceitei ajudá-la na medida das minhas possibilidades. Para minha alegria — e muito mais para a dela —, após várias sessões os caroços no peito desapareceram. Um ano depois apareceu um caroço no outro peito que, após cura, também desapareceu. Mas ela estava naturalmente preocupada com a possibilidade de o problema alastrar, e o especialista insistia que fosse internada para cirurgia exploratória. Perguntou-me o que achava, e disse-lhe que só ela podia decidir. Decidiu seguir o conselho médico e fez a operação. Não encontraram nada.

Não tiro nenhuma conclusão especial disto, limito-me a relatar os factos. A cura espiritual está agora a tornar-se mais amplamente aceite pela própria profissão médica, e é objeto de estudo entre cientistas e pensadores religiosos. Recentemente fui uma de vinte curandeiros que passaram um

fim de semana a discutir o tema com os monges da Abadia de Worth, em Sussex.

Foi uma ocasião muito interessante. O abade beneditino do mosteiro era um homem encantador e inteligente que contou como lhe tinham pedido para curar uma mulher que procurara a sua ajuda durante uma visita a Lourdes. Nesses casos, era prática dele rezar, mas nessa ocasião, instintivamente, impôs as mãos na cabeça da mulher enquanto rezava. Ficou espantado com o alívio que ela sentiu. «Aconteceu então algo», admitiu, «que eu não entendi. Tentei esquecer o incidente, mas sei que é meu dever aceitar este conhecimento.»

Expressou a opinião de que, numa comunidade de homens que escolheram um estilo de vida de compaixão, amor e fé, deve existir a possibilidade de alguns monges terem o dom da cura.

Um dos monges mais jovens lembrou que um carpinteiro chamado Jesus impusera as mãos nas pessoas e as curara. «A instrução dele», disse, «não foi só ir pregar, mas também curar.»

Foi então que me convidaram a demonstrar a minha cura, e comecei pelo próprio abade. Diagnostiquei uma situação artrítica no joelho direito dele, e ele admitiu que não tinha plena mobilidade no joelho. Após a cura, disse que sentira energia entrar na perna, que em minutos parecia mais móvel. Percebi que ele próprio era curandeiro, e disse-lho. Acho que ficou mais surpreendido, porém, quando lhe transmiti uma mensagem da mãe, que me aparecera enquanto o curava e falou comigo sobre o filho. Disse-me que o que eu relatara era completamente exato.

Em seguida tratei um oficial do exército reformado com uma anca esquerda artrítica que fazia com que uma perna fosse mais curta do que a outra. Após a minha cura, as pernas ficaram com igual comprimento. Acredito que os monges ficaram impressionados, e fizeram-me perguntas sobre a técnica. Disse-lhes que a cura tem de ser simples. «Não se devem perder em pormenores», disse, e, referindo-me ao célebre curandeiro Harry Edwards, salientei que ele simplesmente arregaçava as mangas e punha mãos à obra. «É o que têm de fazer», acrescentei.

Houve um final divertido à minha visita a Worth Abbey. Um dos monges aproximou-se de mim e perguntou se eu lhe podia dar uns dez minutos. «Para quê?», perguntei.

A resposta fez-me rir. «O abade», contou-me, «disse que a cura era maravilhosa mas que a adivinhação do futuro era fantástica. Quero um bocado do que lhe deu!» Não era adivinhação do futuro; mas percebi o que ele queria dizer.

Outra pessoa conhecida que descreveu a cura como maravilhosa foi o artista de mímica Adam Darius. Enviou-me o jovem bailarino Kazimir Kolesnik para tratar um pé lesionado. Tinham-lhe dito que a lesão levaria seis meses a curar, mas ele conseguiu dançar normalmente ao fim de apenas nove semanas. Acreditava que eu fora responsável pela sua impressionante melhoria.

Pouco depois foi o próprio Adam que veio ter comigo. Durante a colocação de uma lente de contacto, arranhara gravemente a córnea do olho direito. Estava com muitas dores quando o levaram para o hospital, onde vendaram o olho inchado. Tinha de manter os dois olhos fechados porque, quando abria o bom, não conseguia deixar de abrir o mau também. Estava portanto praticamente cego e não podia sair sem ajuda.

Estava muito deprimido, sem saber se conseguiria cumprir os seus compromissos internacionais. Levaram-no a minha casa para cura. Saiu de lá pelos próprios pés. O olho ainda estava injetado e parecia cheio de areia, mas pelo menos estava aberto. Em quatro dias o arranhão desaparecera completamente, para espanto dos médicos.

Recebi cartas de ambos, Kazimir e Adam, agradecendo-me o que fizera por eles. «Tenho no meu repertório», escreveu Adam Darius, «uma peça intitulada “O Aleijado e a Madonna”, baseada numa história de cura milagrosa. Quando me abriu os olhos, o seu rosto era mesmo o da Madonna.»

Doris Collins a Madonna! Que elogio encantador, ainda que imerecido — mas não devo deixar que esse tipo de coisas me subam à cabeça. Fico até um pouco embaraçada só de relatar alguns dos elogios que me fizeram, mas talvez me permitam a indulgência de citar só mais um — desta vez não de uma personalidade famosa, mas de um cavalheiro suíço, Willy Roosli, hoje meu bom amigo.

Não é inglês, mas não alterei a língua dele, porque acho deliciosa. Gostava de falar a língua dele tão bem como ele fala a minha. Foi isto que escreveu:

«Em janeiro de 1981, o Sr. Roosli sentiu uma dor forte no joelho.

«A dor era tão forte que sentia que o joelho ia rebentar.

«Foi ao médico. O médico disse ao Sr. Roosli que não havia hipótese de melhorar.

«Seguiram-se cerca de doze terapias de eletrochoque. Depois disso, a pressão lateral ainda lá estava — e muito dolorosa. Então o médico disse-lhe para se habituar a viver assim o resto da vida.

«O Sr. Roosli ouviu falar de Doris Collins.

«Em junho de 1981, o Sr. Roosli recebeu uma cura.

«No dia seguinte à cura conseguiu jogar futebol e desde então tem praticado todos os desportos sem mais dores.»

Pode pedir-se melhor testemunho?

CAPÍTULO TREZE

Embora sempre me tenha interessado aprender o mais possível sobre os meus dons psíquicos, aceitei-os como um facto, tal como aceitei que sou grande e não pequena. Nunca me dei ao trabalho de investigar os mistérios do universo, e se tenho mais do que a média de conhecimentos sobre alguns dos aspetos mais estranhos da existência, é porque me foram revelados.

A maior parte de nós acredita que há forças boas e más no mundo, e é muito melhor, se possível, concentrarmo-nos em tudo o que é bom na vida. Nunca quisera pessoalmente investigar o fenómeno do mal, e não sei se teria aceite um convite particular que recebi em 1977 se soubesse no que consistia.

Pediram-me que examinasse uma caixa preta e, através de clarividência, desse toda a informação que pudesse sobre ela. Não sabia nada dela, nem de quem era nem o que continha, mas recebi uma imagem forte de um homem mau que morrera. Sentia que fora fortemente influenciado pelo sexo, por vezes de natureza anormal. Tinha olhos penetrantes, hipnóticos, que lhe davam um poder invulgar sobre as pessoas. Não só afetava a saúde delas, como destruíra alguns dos que se lhe opuseram.

Este homem estivera ligado a alguma ordem religiosa — vi as vestes rituais — e de facto alguns dos seus seguidores consideravam-no um homem santo. Às escondidas da mulher, praticara rituais de «magia negra», trancando-se num quarto privado para esse fim.

O conteúdo da caixa incluía os seus escritos sobre magia negra e outros temas; vi isso com toda a clareza. Havia também um objeto de cores vivas que não consegui identificar.

Comecei então a receber mensagens muito perturbadoras. O homem morto, que me disse ter morrido recluso, insistia que não queria que abrissem a caixa. Queria que destruíssem o conteúdo. Repetiu várias vezes que a caixa devia permanecer fechada. Prosseguiu dizendo que algumas pessoas a tinham aberto contra a vontade dele e que ficaram doentes ou sofreram acidentes. Ameaçou depois que abateria quem quer que tentasse abrir a caixa. Não parava de me dizer que vendera a alma ao Diabo.

O que eu disse foi gravado na altura por Tom Johanson, que estava presente nessa ocasião.

Pelo visto a caixa — mais um pequeno baú — chegara às mãos do editor Colin Smythe. Pertencera outrora a um homem a quem o Sunday Mirror chamou «o arcebispo do mal» e eu vi depois fotografias dele com paramentos de arcebispo — embora não fosse mais arcebispo, pelo menos de nenhuma igreja reconhecida, do que eu. Dois homens que abriram a caixa sofreram acidentes graves em circunstâncias invulgares; e dois jornalistas calejados ficaram violentamente enjoados enquanto a inspecionavam. Corria o rumor de que a simples presença da caixa numa sala provocava dores de cabeça, tonturas e depressão.

Apesar dos avisos que eu transmitira da parte do morto — e claro que na altura eu não sabia nada sobre ele nem sobre as circunstâncias da caixa —, decidiram abri-la. Colocaram-na no meio da sala do escritório de Colin Smythe, e a tarefa de a abrir foi dada a Tom Johanson, que usou luvas de borracha para o efeito. Insistiu também que eu usasse luvas de borracha quando chegasse a vez de examinar o conteúdo.

Quando levantaram a tampa, senti uma sensação de redemoinho. Outros presentes relataram sensação de tontura, e um observador sentiu uma dor aguda na nuca. Juro que por duas vezes a caixa se afastou de mim. Quando olhei para dentro, vi montes de livros, cadernos, documentos, mapas e

fotografias. Não me interessei por examiná-los de perto. No fundo estava um envelope. Continha uma faixa de cores vivas.

Felizmente ninguém sofreu mais do que um ligeiro enjoo ou dor de cabeça por abrir esta «caixa do mal», mas que estava rodeada — aliás, impregnada — de algo mau e doentio, disso tinha eu a certeza absoluta.

Vim a contactar com o mal de forma muito mais direta quando, quatro anos depois, visitei a África do Sul, mas não o procurei. Não acredito em associar-me deliberadamente a pessoas más se puder evitá-lo, mas o mal é infelizmente um facto da vida — por vezes penso que é o bem que se extraviou — e talvez não seja muito surpreendente que hoje se escrevam e publiquem tantos livros sobre presságios, possessão e afins. Podem ser divertidos de ler, mas não de encontrar.

Trabalhei em Joanesburgo, Pretória, Port Elizabeth e Cidade do Cabo, dando normalmente demonstrações públicas conjuntas de clarividência e cura. Foi para mim uma experiência muito interessante.

Fiquei inicialmente com uma senhora inglesa em Joanesburgo. Tinha uma criada, de cerca de quarenta anos, que foi especialmente prestável comigo. Ao terceiro dia, a criada trouxe-me o chá da manhã como habitualmente e disse-me: «A senhora é feiticeira.»

Não tinha a certeza se era elogio ou censura, e perguntei: «O que a faz pensar isso?»

«Sinto», respondeu ela.

«Eu não lido com feitiçaria», disse eu.

«Não, a senhora é boa feiticeira», foi o comentário dela. «Sinto que faz coisas boas.» Não tardaria a aprender que muitos negros sul-africanos têm um sentido psíquico natural altamente desenvolvido.

A criada confiou-me que tinha filhos que deixara aos cuidados da mãe na aldeia natal. Eu via-a todas as manhãs a levar um balde de água da casa para uma cabana no jardim. Mencionei isso à minha anfitriã, que me explicou que a cabana era onde a criada morava; segundo o costume local, não dormia dentro de casa. Fiquei algo curiosa.

«Como é a cabana?», perguntei.

«Não a deixarão entrar», disseram-me. «Não gostam.»

No domingo seguinte encontrei uma mulher negra, vestida com elegância embora de forma muito colorida, com o seu melhor traje, e de óculos escuros. Não reconheci logo a criada. Perguntei à anfitriã se os olhos da mulher estavam maus. «Não», respondeu, «é moda. Está arranjada para a missa de domingo.»

Na manhã seguinte disse à criada como ficara bonita e como as roupas eram lindas. Isso pareceu agradar-lhe, pois disse: «Quando a Madam sair, quer ver as minhas roupas?»

Pensei que mas traria, mas não — queria que eu visitasse os seus aposentos. Tendo em conta o que me tinham dito, senti-me muito privilegiada.

A cabana era pouco mais que um anexo no jardim, servindo de quarto-sala. Não vi água canalizada; daí o balde matinal. Os móveis eram confortáveis e práticos em vez de elegantes, mas havia uma cama de boa qualidade. O que me intrigou foi que estava elevada sobre tijolos em vez de assentar no chão como seria normal. Perguntei a razão, mas a criada não respondeu. Algo me disse que o assunto era tabu, por isso deixei cair.

Durante a minha estadia em Joanesburgo deram-me quatro dias de férias que passei maioritariamente no Parque Nacional Kruger, com um escocês maravilhoso chamado Crow como guia e condutor do jipe. Estava muito calor e levantávamo-nos muito cedo, mal amanhecia, para ver os animais a alimentar-se. Fora uma estação chuvosa, o que significava que os animais não precisavam de sair muito, pelo que, do ponto de vista de observação de animais, não foi das experiências mais bem-sucedidas. Como se quisesse compensar, o Sr. Crow falava — e como falava! Vivia no país há muitos anos e era uma mina de informações e cheio de histórias. A certa altura disse-me que tinha um ou dois amigos que eram feiticeiros, o que naturalmente me fez lembrar da cama sobre tijolos. Perguntei-lhe.

«Ah, isso explica-se facilmente», respondeu. «É por causa do tokoloshe.» Descreveu o tokoloshe (às vezes escrito de forma diferente) como uma espécie de papão em que muitos africanos acreditavam ser enviado por um mau feiticeiro para os agarrar pela garganta a meio da noite. Se elevassem a cama do chão, a criatura não os alcançava.

Investigações que fiz depois indicam que o tokoloshe é geralmente uma criatura semelhante a serpente, descrita de várias formas como anã, meio

homem meio subterrânea. O importante é que supostamente é servo ou agente de quem lança maus feitiços. Há mesmo pessoas que, mediante pagamento, lançam tais feitiços.

Se alguém quer vingança, por exemplo, pode ir ter com um feiticeiro lançador de feitiços — por vezes chamado umthakathi — que talvez lhe dê algo para plantar dentro ou perto da casa do inimigo. Esse objeto, que supostamente carrega o poder do feitiço, chama-se muthi ou muti, provavelmente da palavra zulu umuthi, que significa remédio. Há muthi bom e mau.

Alguns destes conhecimentos vieram a ser úteis quando encontrei a Senhora Caranguejo. Espero que ela não se importe com o nome que lhe dei, mas a comparação com um caranguejo foi irresistível quando a vi pela primeira vez. Foi numa reunião pública em Joanesburgo, onde a conduziam pelo corredor entre as cadeiras em direção ao palco. Vinha o mais perto possível de andar de lado, e os assistentes não tiveram trabalho para a fazer avançar.

Acabaram por a sentar na primeira fila da plateia, e quando estabeleci contacto mental, captei sensações muito estranhas. Havia qualquer coisa de muito mau naquela mulher.

Pediram-me que a curasse, mas a aura dela preocupava-me tanto que fiz algo que nunca fizera antes. Recusei deixá-la subir ao palco.

«Mas ela veio para ser curada», protestou o presidente da sessão.

«Lamento», insisti. «Vou curá-la se puder, mas não em público. Vejo-a depois de a reunião acabar.»

A reunião decorreu bem embora eu não conseguisse tirar completamente a Senhora Caranguejo da cabeça. Lá estava ela na primeira fila, ligeiramente à minha direita, e a olhar-me fixamente sempre que eu lançava um olhar na sua direção.

Quando as pessoas começaram a sair da sala, desci até ela. Nem sempre quero saber o que as pessoas têm quando vêm ter comigo para cura; prefiro trabalhar conforme sinto inspiração, e por vezes o conhecimento do que aparentemente está errado pode impedir-me de tratar o que realmente está errado. Descobri que muitas pessoas que julgam ter um tipo de problema na verdade têm outro, e até o melhor diagnóstico médico nem sempre revela a

causa do mal. As pessoas normalmente contam-me o que têm, ou o que supõem ter; mas eu raramente pergunto. No caso da Senhora Caranguejo, porém, senti que precisava de saber algo sobre o estado dela; pressentia talvez que estava para além da minha experiência anterior.

Disseram-me várias coisas mas de algum modo não as aceitei como exatas. Comecei portanto a dar cura à mulher do modo habitual. Era de meia-idade e branca, e pôs-se de pé enquanto eu lhe colocava as mãos nas dela.

Imediatamente senti nos ossos que havia mal presente, confirmando de forma ainda mais poderosa o que pensara ao vê-la pela primeira vez.

Posso ter sentido o mal antes, mas nunca o tocara. Um dos factos interessantes que o Sr. Crow me contara era que, segundo um feiticeiro seu conhecido, se sentirmos que estamos a tocar o mal, pôr álcool nas mãos funciona como barreira protetora. Mal pensava eu que este conselho estranho me seria útil tão depressa. É medida da forte impressão de mal que emanava da Senhora Caranguejo o facto de eu ter chamado em voz alta pelo Sr. Crow, que estava na plateia, para me arranjar álcool.

Ninguém se espantou. Talvez as poucas pessoas que ainda estavam na sala pensassem que eu era alcoólica, mas não me importei nada. Uma senhora que estava perto pode ter percebido o que eu pretendia, pois tirou um frasquinho da mala e disse: «Aqui tem perfume.» «É álcool, não é?», perguntei, borrifando um pouco nas palmas das mãos antes de voltar a pegar nas mãos da Senhora Caranguejo.

Imediatamente ela ficou selvaticamente violenta e começou a pontapear-me. Um torrente de palavras saiu-lhe da boca. Embora eu não as entendesse — mais tarde soube que gritava e praguejava em zulu puro, língua que normalmente não falava nem entendia! — era evidente pelo tom que me estava a amaldiçoar e a insultar. O ataque foi tão extraordinário que todos os que ainda estavam na sala se voltaram. Soube que havia um espírito maligno naquela mulher. Não era imaginação.

«Exijo que deixes esta mulher», disse eu, dirigindo-me ao espírito.

A mulher continuou a debater-se para se libertar do meu aperto; mas eu não larguei as mãos dela. Para meu horror ela deixou-se cair redonda no chão. Por um momento terrível pensei que estava morta, que a matara.

Nunca experimentara nada assim e estava interiormente aterrorizada, embora tentasse não mostrar.

Observei-a com atenção. Não havia movimento. E de repente vi que respirava e agradeci a Deus. Abriu os olhos e até sorriu para mim! Depois levantou-se como se nada tivesse acontecido e disse, muito simplesmente: «Obrigada.» Mal podia acreditar no que via. Minutos antes estava possuída; agora parecia completamente normal. Ganhando coragem, pedi-lhe que andasse. Fe-lo, direita como um fuso; já não se movia de lado como caranguejo.

Levei-a para o lado e falei com ela em privado. Ela sabia da possessão por um espírito maligno e contou-me uma história que na altura me espantou mas que vim a perceber que pode não ser assim tão rara como julguei. A Senhora Caranguejo fora governanta de um agricultor viúvo com dois filhos. Ao cabo de algum tempo, ele casou com ela, e o casamento foi razoavelmente feliz até o homem morrer subitamente, altura em que os filhos a acusaram de envenenar o pai.

Fizeram tudo para lhe tornar a vida impossível. Convencidos de que ela matara o pai, foram às autoridades e o corpo foi exumado, mas ficou provado sem sombra de dúvida que o homem morrera de causas naturais. Ela soube por uma amiga que os filhos também tinham ido a um feiticeiro local.

Começou a sentir-se muito mal e não conseguia tratar da quinta, por isso foi-se embora e arranjou emprego como porteira. Infelizmente adormecia constantemente e começou a falar numa língua que os amigos não entendiam, e depois começou a andar de lado como eu vira. O médico não conseguia diagnosticar nem ajudar. Tinha a forte sensação de que os enteados lhe tinham lançado uma praga e, tendo ouvido falar do meu trabalho, veio ter comigo convicta de que só eu a poderia curar. Dois anos depois recebi carta dela a dizer que estava saudável e continuava a trabalhar. Não voltara a ter os sintomas angustiantes.

Interessei-me muito pela história extraordinária da Senhora Caranguejo, e discuti-a com vários especialistas na África do Sul. Contaram-me outras histórias de histeria maníaca que possui mulheres, nomeadamente raparigas que recusaram um pedido de casamento e se tornaram vítimas de mau olhado comprado pelo pretendente rejeitado, maldoso ou ciumento.

Tornou-se-me bastante óbvio que eu removera uma espécie de maldição à vítima de um mau feiticeiro. Estou ciente de que há mal no mundo e de que há pessoas más. Sabe-se que acredito na reencarnação e perguntam-me muitas vezes o que acho que acontece a essas pessoas após a morte. O meu instinto diz-me que devem estar rodeadas de grande escuridão. Se nunca compreenderam o bem nesta vida, não se tornam subitamente anjos quando passam para o outro lado. Acredito que passamos para o estado de existência que compreendemos. Temos de ganhar o nosso lugar nos estados superiores, e a morte não nos coloca lá automaticamente. Por mais escura que seja a nossa situação, podemos chegar à luz se o quisermos, porque a progressão eterna está aberta a todas as almas. Nenhum homem fica sem mão amiga desde que estenda a sua para a grande fonte de toda a vida.

Entretanto temos de lutar contra o mal, e senti-me muito grata por ter conseguido libertar aquela senhora, sobretudo porque ela não era de modo algum responsável pela condição angustiante.

Estava a aprender cada vez mais sobre os estranhos poderes dos feiticeiros na África do Sul. Alguns certamente trabalhavam para o mal, mas havia muitos mais que trabalhavam para o bem. Perguntei se poderia conhecer um benévolo.

Através de várias diligências levaram-me a casa de uma enfermeira branca que tinha contacto com uma dessas pessoas. Ela perguntara-lhe se me receberia e ele aceitara; aliás, estava à minha espera quando cheguei. Era um homem baixo e entroncado que falava inglês quebrado, e passei quase duas horas com ele. Tinha uma pequena sacola preta com os seus dolos. Eram os símbolos com que lia o futuro. Consistiam sobretudo em ossos de animais e pedras. Pediu-me primeiro que lhes tocasse através da sacola e depois que os segurasse nas mãos. Depois atirou os ossos ao chão, como quem atira dados, apanhando-os e atirando-os vezes sem conta. Cada vez estudava os padrões que formavam no chão. Começou a contar-me coisas interessantes sobre mim, todas elas basicamente verdadeiras. Tenho a certeza de que era assim que recebia clarividência.

De facto disse-me que tínhamos o mesmo dom. A enfermeira garantiu-me que não lhe contara nada sobre mim. Prosseguiu dizendo que era o meu destino, não a minha escolha, trabalhar para as pessoas, e que isso fora decidido antes de eu regressar à Terra desta vez. «Tens sangue muito pesado», disse, explicando que isso significava poder de cura. Previu que

eu continuaria a viajar muito, mas que a minha vida nunca seria realmente fácil porque o caminho do serviço é solitário, e eu decidira trabalhar sobretudo sozinha, em vez de em grupo, porque assim obtinha os melhores resultados.

Depois foi ao jardim buscar algo para a minha proteção e, regressando com um pedaço de casca de árvore, disse-me para a pôr em água destilada e beber um pouco todos os dias. «Vai dar-te grande força», afirmou. A enfermeira ficou espantada. «Tens muita sorte», disse-me. «Eles nunca revelam segredos.»

Ainda tenho a casca, mas confesso que nunca tive coragem de a usar. A visita ao feiticeiro teve porém outro resultado prático. Há anos que estou consciente de muitos ajudantes do mundo espiritual. Um deles é um zulu que me tem ajudado enormemente no meu trabalho de cura. Um ajudante ou guia não é mais do que um assistente. Tal como um executivo contrata uma secretária, uma telefonista e uma rececionista para o ajudar, também eu tenho pessoas que me ajudam em diferentes funções, como explicarei mais no próximo capítulo. O meu guia zulu, um homem grande que sempre me deu força tremenda, apareceu-me pela primeira vez nos meus primeiros tempos como médium, quando trabalhava muito em transe. Costumava cumprimentar-me com as palavras «Vula» ou «Vula Momba». Nem eu nem os meus alunos sabíamos o que significava; sempre pensámos que era ou um olá ou o nome dele.

Ora, quando o feiticeiro foi ao jardim buscar a casca, fechou as portas-janela atrás de si; e quando regressou, minutos depois, encontrando-as fechadas, gritou para a minha anfitriã, a enfermeira: «Vula, vula!» Fiquei bastante surpreendida ao ouvir novamente a palavra. Quando a enfermeira o deixou entrar, perguntei ao feiticeiro: «O que disse?»

«Vula», respondeu. «Significa abrir.»

Contei-lhe do meu guia, e ele explicou que Momba era provavelmente o nome — há um rio Momba na Tanzânia — e que o que ele me dizia era provavelmente: «Abre-te a Momba para trabalhar contigo.»

Levara todos estes anos e uma viagem à África para que me revelassem isto!

CAPÍTULO CATORZE

Foi em 1979, pouco depois de regressar da África do Sul, que Doris Stokes e eu fomos honradas com o título de Espiritualista do Ano pelo Psychic News. Deram-me um cálice de prata, devidamente gravado, e um testemunho assinado em reconhecimento do meu trabalho como psíquica ao longo de mais de quarenta anos. Era altamente invulgar — talvez único — duas pessoas receberem a distinção no mesmo ano, e lembro-me de pensar que, se o merecia, era tanto pelo meu trabalho de cura como por qualquer outra coisa.

A verdade é, suponho, que não consigo colocar clarividência e cura em compartimentos completamente separados. Provavelmente uso os meus poderes clarividentes automaticamente enquanto dou cura. De facto, nos meus primeiros tempos, curava em transe. Hoje descubro que a minha cura é igualmente eficaz sem precisar de deixar alguém tomar conta da minha personalidade, que é o que acontece no transe. Há anos as pessoas impressionavam-se mais com cura em transe, mas agora prefiro manter a minha personalidade e muito raramente preciso de entrar em transe para obter resultados.

Já falei do meu guia zulu. Tenho também um guia médico que costumava estar presente em espírito para me ajudar quando curava — e não precisava de entrar em transe para ele aparecer. Foi-me dado pela primeira vez por George Daisley, um psíquico que agora vive na Califórnia, numa reunião pública em Ilford. Devia ter vinte e muitos anos e estava na plateia quando George, que escrevia ao contrário para que o escrito tivesse de ser lido ao espelho, anunciou que tinha uma mensagem para mim. Nunca nos tínhamos encontrado e éramos desconhecidos um do outro. «Tenho de ir ter com esta senhora», declarou, apontando para mim. «Tenho uma mensagem para ela de um médico que trabalha com ela.»

George disse que o remetente usava a mão dele, a de George, para ditar, e quando a mensagem ficou registada ergueu-a ao grande espelho, que era sempre um dos seus adereços, e eu li-a. Estava assinada Dr. Carl Klein, que me disse que continuaria a trabalhar comigo e que eu viajaria por todo o mundo a fazer a obra de Deus.

Não creio que estivesse consciente do Dr. Klein antes disso, mas como ele falava em continuar a ajudar-me, eu evidentemente não lhe era estranha.

Mais tarde disseram-me que, quando estava em transe, ele por vezes falava através de mim. Contou aos meus alunos que era judeu alemão torturado pelos nazis por se ter recusado a trabalhar para eles. Interessou-me tanto que fiz averiguações na Alemanha e soube que existira mesmo um médico com esse nome, de Berlim, que estivera num campo de concentração.

Vi-o muitas vezes desde então — um homem magro, perto dos sessenta, normalmente de pincenez *(óculos sem hastes)* ou por vezes óculos de aro dourado, e ocasionalmente (mas nem sempre) de bigode. Aparece-me muito menos hoje em dia, mas sinto muitas vezes a presença dele enquanto curo. É o meu maior ajudante e guia.

As pessoas perguntam-me muitas vezes como entro em transe e o que acontece depois. Quanto ao como, é um jeito que ou adquiri ou com que fui agraciada. Às vezes consigo fazê-lo muito depressa, quase como premir um interruptor. Concentro-me, tentando cair no esquecimento. Tento não pensar em nada, ou então em coisas agradáveis como caminhar numa praia e ouvir o mar, até me sentir desligada do mundo.

Acredito que há vários graus de transe — provavelmente cinco. O primeiro é a consciência de outra personalidade, e nesse estádio ainda consigo ouvir-me falar, embora as palavras me sejam postas na boca. Gradualmente perco cada vez mais de mim até ser completamente tomada. Depois disso não me lembro de nada, e tenho de depender dos observadores para me contarem o que disse ou fiz.

Em condições controladas, os meus alunos já me cravaram alfinetes enquanto estava em transe, e não senti nada. Nesse estado torno-me o mais possível a outra personalidade, e por vezes assumo a voz dela ou dele. Ocasionalmente o meu rosto — e até o corpo — muda. Sei isto por uma enorme quantidade de provas, mas talvez um dos exemplos mais interessantes seja o seguinte, testemunhado pelo meu marido Philip. Pouco depois de casarmos estávamos no nosso apartamento perto da praia em Worthing. Embora o Philip tivesse sido meu aluno, não falávamos de assuntos psíquicos no tempo livre. Ele lia numa tarde de domingo ensolarada enquanto eu cosia. Comecei a sentir-me muito sonolenta e fechei os olhos. O Philip conta-me que lhe disse: «Sinto-me muito esquisita. Quando voltar a mim dá-me um copo de água. Não me abanes.» A implicação é que eu sabia que ia entrar em transe sem o pretender.

O Philip, que claro estava consciente dos meus poderes psíquicos, ficou espantadíssimo quando de repente as minhas feições mudaram completamente e no meu lugar estava a mãe dele! As minhas feições tinham-se transfigurado e a minha personalidade estava ofuscada por uma mulher de aparência totalmente diferente. Mais espantoso ainda, parecia estar vestida ao estilo que a mãe dele usava. Depois falei com ele com a voz da mãe — ou, mais exatamente, ela falou com ele através de mim, recordando-lhe a época em que moravam por cima da loja do pai em Cheshire e os dias felizes que ele e as duas irmãs passaram na praia. Mandou lembranças às raparigas.

Nunca discutira a infância dele com o Philip. A mensagem tinha significado para ele porque a família tinha um chalé na praia na península de Wirral, e os almoços de domingo na praia eram o ponto alto da vida das crianças. Quando voltei a mim, o Philip trouxe o copo de água que eu pedira. Os leitores podem pensar que o Philip também adormeceu e que o testemunho dele não é fiável, mas ele foi treinado para observar fenómenos psíquicos e, de qualquer modo, há outras provas — ainda mais extraordinárias — sobre transfiguração.

Tenho um guia chinês chamado Chang Lung que me é particularmente útil no meu trabalho como clarividente e como professora. Tem cerca de quarenta anos, cara redonda, e costuma usar um chapéu preto e é muito bem-humorado. Os meus alunos disseram-me que por vezes me transfigura, tal como o meu guia médico alemão. Uma coisa é talvez assumir as características de outra mulher, outra bem diferente é adotar os traços de um chinês!

Claro que temos de ter muito cuidado com o transe, que implica a dominação consciente da própria personalidade para deixar outra pessoa entrar no nosso corpo. Acredito que a minha experiência me permite apenas dar entrada, por assim dizer, a alguém em quem possa confiar. De qualquer modo nunca permitiria que uma personalidade má tomasse conta. Como o semelhante atrai o semelhante, a possibilidade de ser «adotada» por uma pessoa má é reduzida, mas mais importante é o facto de o transe requerer vontade de ser tomado. É essencial que alguém esteja presente durante um transe profundo que compreenda que pode ser perigoso.

Sair desse estado não é diferente de recuperar de uma anestesia. Fico sempre sonolenta e não consigo funcionar imediatamente, pelo menos até beber um copo de água.

Transe profundo consome-me muita energia, e em parte por isso e em parte porque hoje consigo normalmente os mesmos resultados sem recorrer a ele, abandonei-o em grande parte. Mas não há dúvida da sua eficácia nas circunstâncias certas. Os meus alunos em Belgrave Square costumavam contar-me que, enquanto eu estava em transe, era comum ouvirem vozes vindas de todas as direções, sobretudo atrás da minha cadeira, e não apenas da minha boca.

Voltando ao meu guia chinês, claro que sei exatamente como ele é, mas um dia apareceu-me e disse: «Vais ter uma surpresa. O Richard vai desenhar-me.» O Richard era um dos meus alunos e na aula seguinte vi que estava de facto a desenhar algo. «É o Chang», disse-me. «Temo-lo visto muito claramente ultimamente. Era para ser surpresa.» Era um retrato quase exato do Chang que eu conhecia!

O Richard também me deu uma pintura a óleo, predominantemente vermelha e de estilo chinês. Tornei-me muito afeiçoada a ele e enfrentei um dilema difícil por causa dele. Foi internado de repente enquanto eu estava em digressão, e disse aos outros alunos que o visitaram que só melhoraria quando eu regressasse. Os médicos não sabiam ao certo o que ele tinha.

Quando o vi, soube imediatamente que morreria dentro de duas semanas e que tinha cancro. Pediu-me cura, que lhe dei, e disse que se sentia muito melhor. Perguntou-me depois quando sairia do hospital.

Fiquei num dilema. Podia ter-lhe mentido ou dito que não sabia, mas nunca lhe diria que ia morrer. Não sou Deus, e de qualquer modo o meu conhecimento podia estar errado. Não acredito em dar más notícias às pessoas exceto em certas circunstâncias como aviso, que se for atendido anula o desastre. Por exemplo, um jovem entrou uma vez numa reunião que eu dirigia e eu disse-lhe que havia algo errado com o carro dele. Negou, dizendo que tinha a certeza de que eu estava enganada. Insisti que era perigoso e que devia livrar-se dele. Uma semana depois pegou fogo. A minha mensagem impressionou tanto o jovem que se interessou muito pelo tema dos fenómenos psíquicos.

Alertar alguém para um perigo é aceitável, mas não para um desastre irreversível ou morte inevitável. Quando o Richard fez a pergunta, pensei um momento e respondi, o mais casualmente que consegui: «Não te preocupes, sais daí dentro de catorze dias.» A irmã telefonou-me a dizer que ele acreditara implicitamente no que eu dissera. E eu não estava errada. Exatamente catorze dias depois saiu do hospital para ser enterrado. O quadro dele e o desenho do Chang estão nas minhas paredes, por isso nunca o esquecerei.

Lembro-me de outro quadro, mas primeiro tenho de dizer algo sobre Fanny Cradock, a famosa cozinheira e autora. Ela e o marido Johnny serão recordados por milhões que viram as suas maravilhosas aulas de culinária na televisão. Conheci-os pela primeira vez numa festa que a Fanny deu em casa do editor Peter Banda em Gerrards Cross. Os Cradock interessavam-se há muito pelo espiritismo, sobre o qual estavam muito bem informados, e o Johnny, como não tardou a descobrir, tem grande poder de cura. Tinham porém sofrido tantos falsos começos e desilusões na busca da verdade que a Fanny admite que a princípio estava disposta a evitar-me como a peste. Ainda assim, mal me viu teve a forte sensação de que me conhecera numa existência anterior, e temos sido amigas desde então. Entrámos em conversa e a Fanny diz que, enquanto estava sentada aos meus pés, eu lhe afaguei a cabeça. Detestava quando o pai lhe fazia isso, mas não se importou que eu o fizesse.

Os Cradock consultaram-me muitas vezes desde então, mas a primeira ficou-lhes na memória. Vi primeiro o Johnny e, segundo a Fanny, ele saiu branco como a cal e disse-lhe que nunca tivera provas tão claras de um clarividente na vida. Quando me viu a ela, dei-lhe a notícia de que se mudaria para a Irlanda. Não tinha essa intenção na altura, mas não tardou que eu tivesse razão. Cheguei a prever o mês em que ela e o Johnny iriam. Mais tarde visitei-a lá e ela disse-me que estava infeliz. Disse-lhe que se mudaria para Guernsey. Tive uma imagem vívida imagem de St Peter Port. «Não acertaste bem», disse ela, «mas não andas longe. Estamos a pensar ir para as Ilhas do Canal. Aliás, estamos em vias de comprar uma casa em Jersey.»

O Philip e eu estávamos de férias pouco depois em Jersey e, por curiosidade, fomos ver a casa em questão. As pessoas que lá viviam mostraram-na gentilmente. «A Fanny nunca viverá nesta casa», disse ao

Philip. Um mês depois ela telefonou-me a dizer que o negócio caíra por terra. Pouco depois os Cradock mudaram-se para Guernsey.

Disse também à Fanny, que até então escrevera sobretudo livros de culinária, que escreveria a história da família e que, embora as vendas começassem devagar, o livro acabaria por ser muito compensador e daria um filme muito bem-sucedido. De facto já começara a trabalhar num projeto exatamente assim, mas em forma de ficção e como parte de uma série. Pouco depois falou com um editor num jantar que lhe pediu para ver o primeiro livro. Uma semana depois recebeu oferta de publicação. A série começou devagar mas ganhou balanço. Se algum produtor de cinema ler este livro, fará um favor a si próprio e à Fanny comprando os direitos — e a mim também, porque a melhor parte da minha previsão ainda está por cumprir!

Quando a Fanny fala de mim, é sempre lisonjeira. Diz que sou a clarividente que procurara toda a vida. Ao contar as minhas façanhas clarividentes, dirá: «Sabia que a Doris ia dizer algo importante. Ficou com aquele olhar.» Pedi ao Johnny que me ajudasse numa importante sessão de cura no Commonwealth Institute em Kensington pouco depois de ter sido nomeada Espiritualista do Ano, e a Fanny estava no palco — calada pela única vez, mas a observar e a tomar notas — juntamente com Michael Bentine, que presidiu à sessão, e o Philip, que também ajudava na cura.

A sala estava cheia até à bandeira, e foi de facto a minha maior sessão de cura em Inglaterra, só superada pelas audiências que vieram dois anos seguidos ao Albert Hall onde fui a clarividente da Spiritualist Association of Great Britain. Em geral, as minhas audiências na Grã-Bretanha foram menores do que as da América, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

Os meus leitores já saberão a esta altura que há muitos métodos diferentes de cura. Eu curo pelo toque, pelo pensamento positivo e pela oração; ou à distância, apenas pelo pensamento e pela oração. A clarividência sem dúvida desempenha o seu papel, como por exemplo quando consigo diagnosticar um problema que o paciente não sabe que tem. Por exemplo, um homem pode dizer que tem dores de costas fortes, e eu posso captar que tem tido dores de cabeça em resultado de um acidente de carro. Curei o meu próprio neto em 1973. Era o segundo filho da minha filha, Stuart, que tinha apenas três semanas quando a Margaret me telefonou em pânico de Belgrave Square a dizer que o bebé fora internado

com desidratação e que os médicos não davam esperanças. Fiquei arrasada com a fé que a Margaret tinha em mim e com a notícia de que a criança só tinha doze horas de vida.

A princípio custou-me falar enquanto pensava no problema. Depois disse: «Vamos começar a cura já. Ele vai ficar bom.» Comecei imediatamente a dar cura à distância concentrada ao Stuart. Ele sobreviveu à noite. Continuei a cura em intervalos frequentes, e três semanas depois voltou do hospital curado, exceto um buraco no coração causado pela desidratação. Não quero diminuir o maravilhoso trabalho de cura dos médicos e enfermeiros do hospital. Não pretendo substituir a profissão médica; apenas complemento os seus esforços. E quem saberá exatamente o que salvou o bebé Stuart? Só se pode dizer com certeza que os médicos inicialmente desesperaram de o salvar. Continuei a dar-lhe cura desde então. Sintonizo-me com ele uma vez por semana, regularmente. Os médicos dizem agora que dentro de um ano o buraco terá desaparecido. O Stuart é hoje um verdadeiro encantador, forte e traquinas — o mais resistente de todos os meus netos, aliás.

O que mais impressionou a Fanny na grande sessão de cura foram dois casos. O primeiro dizia respeito a uma criança de três ou quatro anos que nunca andara, e muitos médicos tinham dito que nunca andaria. Concordei em tratá-lo depois da reunião e sentei-o numa cadeira. Após alguns minutos de cura, segundo a Fanny, pedi à criança que se levantasse, o que ela fez para espanto dos pais. Depois pegou na mão da mãe, o rosto radiante, e trotou feliz com ela pelo corredor fora e pela porta. A Fanny foi uma das muitas pessoas que ainda estavam na sala e que seguiram a criança lá fora, vendo-a atravessar o parque de estacionamento até ao carro dos pais.

O outro caso foi o de um homem surdo há quinze anos. A Fanny ficou intrigada quando, após a cura, me afastei gradualmente dele e baixei a voz, fazendo-lhe perguntas. Ele respondeu a todas, tendo-me evidentemente ouvido com clareza.

Quase exatamente a mesma experiência é relatada por Ken Attiwill, marido de Evadne Price, a escritora, personalidade televisiva e astróloga. Embora australiano, alistou-se no Exército Britânico como artilheiro antiaéreo durante a última guerra mundial. Mais tarde foi promovido a oficial e ganhou a Cruz Militar.

Juntou-se à malograda 18.ª Divisão em Singapura, cuja tarefa impossível era tentar travar os japoneses. Foi durante esse período terrível que ficou surdo devido aos disparos de artilharia. Acabou por ser capturado em Java e passou três anos e meio num campo de prisioneiros horrendo.

Após a guerra, médicos e especialistas em ouvidos disseram-lhe que a condição era incurável. Usava um aparelho auditivo, que detestava, e ansiava por um milagre que o restituísse ao estado anterior. Mais tarde desenvolveu cataratas duplas e já não conseguia ver a sua bela quinta antiga em Sussex. Decidiu regressar à Austrália natal. A Evadne foi com ele, claro, e tornou-se os olhos e ouvidos dele. Os médicos foram porém mais bem-sucedidos com a visão do que com a audição, e quando me pediram para lhe dar cura, graças a Deus, era apenas para a surdez.

Conheci o Ken porque ele estava com a Evadne quando ela presidiu a uma das minhas grandes reuniões em Sydney. Segundo o relato publicado dele dos acontecimentos, fiz-lhe sinal e peguei-lhe nos dois pulsos. Diz que as minhas mãos estavam quentes e vibrantes e que energia foi transmitida para ele. Quando lhe disse que era surdo, indiquei duas cadeiras viradas uma para a outra. Ele sentou-se numa enquanto eu, de pé, lhe coloquei as mãos na cabeça, movi-as pelo pescoço e ouvidos e fiz-lhe perguntas sobre a origem e o efeito da surdez. «As mãos dela», escreveu, «pareciam tremendamente fortes. Contudo o toque era mais como uma carícia.» Pedi-lhe que tirasse os óculos e o aparelho auditivo. Depois que fechasse os olhos e relaxasse.

Tirei as mãos da cabeça dele, e ele ficou sentado à espera. Como se viesse de muito longe, relata, pensou ouvir uma voz a fazer-lhe uma pergunta. Estaria a «ouvir coisas», como se diz?

Depois percebeu que era a minha voz e que realmente me estava a ouvir.

«Qual é o meu nome?», ouviu.

«Doris», respondeu.

«Doris quê?»

«Doris Collins.»

«Tens a certeza?»

«Sim, tenho a certeza.»

Ouviu outra pergunta, muito fraca mas distinta. «Qual é o teu nome?»

«Ken Attiwill», disse ele.

«Tens a certeza?»

Riu-se disto. «Sim, disso tenho a certeza», respondeu.

Uma mão tocou-lhe então no ombro. Era o Don Davis, que estava comigo no palco. «Vira-te», disse ao Ken, «e vê onde está a Doris.»

O Ken ficou espantado ao ver que eu estava no palco a cerca de trinta metros dele. «Ouviste-me», disse eu, «porque respondeste às minhas perguntas… Eras surdo, mas agora podes ouvir.»

Ken Attiwill atesta que a surdez foi curada pela minha cura na reunião. Considera-o um milagre e é extravagantemente elogioso para comigo. Não fico embaraçada com isso porque, se de facto houve um milagre, eu fui apenas o instrumento.

Escrevi sobre este incidente porque é tão semelhante ao que a Fanny Cradock testemunhou independentemente, em que usei a mesma técnica para curar um surdo.

A Fanny também me recorda algo que aconteceu enquanto a acompanhava à nova casa na Irlanda. Ela conduzia o Rolls dela, que levava onze árvores de laburno de dois metros e meio, um tapete que os mudanças se esqueceram de enviar e móveis da casa antiga, além de uma montanha de bagagem. Pôs o carro no ferry, e quando chegámos de madrugada à alfândega em Cork, perguntaram-lhe se tinha algo a declarar. «Árvores», trovejou ela. Posso dizer que eu estava entalada no banco de trás debaixo das árvores e aparentemente não era visível para o jovem funcionário da alfândega, que depois perguntou o que havia na bagageira. «Um tapete», anunciou a Fanny orgulhosamente. Pediram-lhe que abrisse a bagageira, mas estava encravada e ela não conseguia. Pediu ao funcionário que tentasse, mas ele também não conseguiu. «Doris», gritou ela de repente, «abre tu a bagageira.» Nisso, como a floresta a caminho de Dunsinane, as árvores mexeram-se e uma senhora grande emergiu debaixo delas para espanto total do homem da alfândega.

Levantei-me com toda a dignidade que consegui reunir. «Isto é ridículo», disse eu. «Afasta-te!» E dirigindo-me à bagageira, ordenei-lhe que se

abrisse imediatamente. Como se eu tivesse dito «Abre-te Sésamo», ela abriu-se ao meu toque.

Não apresento isto como exemplo de poder psíquico. Foi mais força de vontade da minha parte, nascida da frustração pelo atraso e do meu intenso desconforto. Nem é este o incidente a que a Fanny se referia. Esse dizia respeito a um quadro.

Durante a viagem parámos para almoçar com John e Madeleine Stratton. Tinham sido donos do Bell House, o restaurante famoso mundialmente em Sutton Benger, e agora compraram o restaurante Ardwell's, entre Reading e Basingstoke, e uma casa perto. A Fanny aceitara inaugurar o restaurante para os bons amigos. Após uma refeição magnífica, estávamos a relaxar na nova casa dos Stratton quando admirei um quadro na parede. Representava uma casa muito bonita com um riacho de moinho e um lago.

Era de facto uma pintura antiga da própria casa onde estávamos.

Mais tarde olhei para o jardim e vi monges a atravessar o relvado e a desaparecer numa parede. «Este deve ter sido o local do antigo mosteiro», disse eu. A Madeleine Stratton disse então que ela própria vira monges uma noite, que julgava estar a cantar; e outras pessoas afirmavam tê-los visto, normalmente ao fim da tarde. Havia uma história de que existira um túnel subterrâneo do local da casa até uma grande abadia.

Quando olhei novamente para o quadro, convenci-me de que um assassínio monstruoso fora cometido no terreno do mosteiro, mas não quis dizer nada. Durante a viagem, porém, a Fanny contou-me que, quando ficara lá hospedada anteriormente, acordara com uma sede terrível. Havia cortinas muito grossas nas janelas e não encontrava o interruptor, por isso tacteou até à porta para ir à casa de banho. As cortinas da casa de banho estavam abertas, e o jardim parecia mágico à luz da lua quase cheia. Quando voltou ao quarto, abriu as cortinas para olhar outra vez para o jardim. Então gritou pelo marido. Para horror dela, recebera uma forma-pensamento de um monge encapuzado de hábito castanho inclinado sobre uma ponte de tábuas a afogar outro monge no canal do moinho.

Felizmente sabia que não havia nada com que os Stratton se preocupassem. O mal que lá acontecera fora expurgado há muito, e a casa deles era feliz.

Por algum motivo — acho que porque estava envolvido outro quadro — a experiência da Fanny fez-me lembrar algo que acontecera muitos anos antes, quando dirigia o meu círculo de ensino em Ilford. Um dia, depois de meditarmos cerca de quinze minutos, perguntei aos meus alunos, como era hábito, o que tinham visto ou pensado. Um jovem disse que vira uma igreja linda, que descreveu. Era numa aldeia rural e tinha um vitral maravilhoso com a Última Ceia. Sentara-se mentalmente num banco do fundo, em paz completa e sem vontade de regressar em pensamento a esta Terra. De repente a porta da igreja abriu-se e entrou o vigário com eu ao lado. Quando entrámos, o órgão começou a tocar o Largo de Händel.

Foi nesse momento que chamei a turma de volta à realidade, para grande desilusão desse aluno. Perguntou-me se eu conhecia tal igreja, e tive de responder que não.

Duas semanas depois um padre telefonou-me de uma aldeia em Essex a pedir-me que tentasse curar a mulher. Não tinha carro na altura e ele morava a alguns quilómetros no campo. Ofereci-me para os visitar numa tarde de sábado se conseguisse transporte. Quase imediatamente recebi um telefonema do secretário da igreja espiritualista de que eu era presidente, que disse: «Tenho a sensação de que talvez precises dos meus serviços.» Sabia que ele tinha carro e perguntei-lhe se me levaria no sábado seguinte a casa do padre para ver a mulher, o que ele aceitou com gosto.

Ao chegar, saí do carro e um senhor idoso do mundo espiritual aproximou-se de mim e disse: «Fui eu que te trouxe aqui. O vigário é meu filho. Podes dizer-lhe que caminho com ele pelo relvado da reitoria todas as manhãs e noites de domingo quando vai celebrar os ofícios, e que hoje estou muito perto dele porque sei que quer ajudar a mulher a melhorar?»

Bati à porta da reitoria e o vigário veio abrir e levou-me para a sala de estar onde me contou que a mulher estava a piorar há seis meses e ninguém sabia exatamente o que ela tinha, exceto que a condição era presumivelmente de origem nervosa. Tinha crises de depressão, tremores e falta de ar.

No centro da sala havia um quadro atraente num cavalete. Sentindo o meu interesse, o vigário disse-me que fora a mulher quem o pintara mas que ficara por acabar porque ela abandonara o passatempo.

Nesse momento ela entrou e pedi que ficássemos a sós para ganhar a confiança dela. Levou-me para outro quarto e conversámos algum tempo. Falei do quadro dela e ela disse que já não conseguia pintar. «Não vais acabar aquele que está na outra sala?», perguntei. «Um dia talvez», respondeu, «mas agora não.»

«Pintas um para mim?», disse eu.

«Não, acho que não consigo», respondeu.

«Tens de pintar», insisti. «Vou fazer-te uma encomenda. Quero comprar um quadro e tu vais pintá-lo.»

Ela animou-se mais e perguntou-me que tema me interessava. Durante a conversa dissera-me que gostava da Escócia, por isso sugeri uma paisagem montanhosa escocesa. Disse que pensaria no assunto, e depois dei-lhe cura. Quase exatamente um ano depois recebi uma bela aguarela da mulher do vigário, que interpretei como sinal de que recuperara da doença.

Após o chá, despedi-me da senhora, e o vigário ofereceu-se para me mostrar a igreja antes de eu partir. Quando ficámos a sós, contei-lhe do pai e da mensagem que me dera. Pareceu aceitar como perfeitamente natural. Abriu a porta da igreja e entrámos juntos. Diante de mim estava um vitral com a Última Ceia. A igreja era exatamente como o meu jovem aluno a descrevera quinze dias antes. Faltava porém uma coisa.

Não havia música.

Pensava que íamos sair quando o vigário disse de repente: «Temos um órgão novo. Deixa-me mostrar-to.» E sentou-se ao órgão e começou a tocar o Largo de Händel.

CAPÍTULO QUINZE

Já perto dos quarenta anos fui a um concerto local onde fiquei impressionada por um grupo de cantores. Não sei se a música é o alimento do amor, mas certamente ilumina o ambiente numa reunião religiosa. Um bom cantor pode fazer grande diferença num serviço religioso, e sempre que possível tentava ter algum acompanhamento musical nas minhas reuniões públicas.

O grupo em questão eram os Cantores Ivor Evans, e perguntei a dois dos membros se me ajudariam na minha próxima «atuação». Perguntaram-me o que queria que cantassem, e disse-lhes que podiam escolher o que quisessem desde que não fosse inadequado. Depois disto, marcámos uma sessão de ensaio com um pianista, e lembro-me de que uma das árias cantadas foi «Um Belo Dia» da Madame Butterfly. Eu própria cantei também, suponho que porque adorava a canção e para animar o ambiente.

Um dos cantores profissionais surpreendeu-me e deliciou-me dizendo que eu tinha boa voz e perguntando se alguma vez pensara em ter aulas de canto e treinar a voz. Respondi que estava demasiado ocupada com outras coisas, mas deixei-me convencer a falar com o próprio Ivor Evans. Era um barítono distinto — adorava a interpretação dele de «A Canção da Pulga» — que estivera na Companhia de Ópera D'Oyly Carte, e que agora dava aulas de canto. Normalmente dirigia o grupo e por vezes cantava nele, juntamente com a mulher, que era soprano.

Fui falar com ele, muito hesitantemente. «É pena teres esperado tanto tempo», disse ele. «Tens potencial para boa voz, mas precisas de aprender a controlá-la. A tua respiração está toda errada.» Disse-me que eu era contralto natural, e lembrei-me da minha avó escocesa que cantara profissionalmente como contralto. A minha voz era porém um pouco pesada e sombria de mais. «Precisa de mais luz», disse ele.

«Temos de subir o teu tom.» Depois perguntou se eu estava disposta a trabalhar arduamente se ele se comprometesse a ensinar-me.

«Só quero cantar por prazer», disse eu, algo bruscamente. «Não quero entrar no teu grupo.» Mas decidi experimentar, e muito grata ao Ivor Evans estou porque me ensinou a controlar a voz não só como cantora mas também como oradora, de modo que hoje consigo projetar a voz até ao

fundo da sala média sem precisar de microfone. Quase ninguém se queixa de que não me ouve.

Ao cabo de cerca de seis meses chegámos ao ponto em que o canto ameaçava tomar conta de mim. Sentia que tinha de parar ou o meu outro trabalho sofreria. O grupo precisava de outra contralto para reforçar o coro, e havia pressão para eu entrar. Após muita reflexão, senti-me obrigada a dizer ao Sr. Evans que o meu trabalho era mais importante para mim do que o canto.

Olhou-me um momento e acenou com a cabeça. «Não quero perder-te», disse, «mas claro que a decisão é tua.» Queria dizer-lhe o quanto lhe estava agradecida pela confiança em mim e pelo que me ensinara, quando ele disse de repente: «Ao menos cantas no festival com os meus cantores no Royal Albert Hall?»

Tive de aceitar. De qualquer modo era uma grande honra. Só quando cheguei a casa percebi como tudo era improvável. Se alguém me dissesse seis meses antes que eu ia atuar em público como cantora, e no Albert Hall ainda por cima, acharia que estava louco.

Chegou o grande dia, e aceitei o que estava a acontecer como algo perfeitamente natural, como se fosse coisa de todos os dias. Não fiquei nada intimidada com a ocasião, nem sequer nervosa. Afinal, estava na última fila do coro e quase invisível para o vasto público. Entreguei-me ao espírito da ocasião e decidi divertir-me.

Não estávamos a cantar há muito quando ouvi a voz — não a voz de alguém do nosso grupo ou de um ouvinte na sala, mas uma voz de muito longe e contudo tão clara e precisa quanto possível. «Um dia», disse-me, «estarás aqui sozinha!»

Estar aqui sozinha no Royal Albert Hall? Decerto a voz se enganava. Eu tinha boa voz mas nunca seria uma Kathleen Ferrier. Não era suficientemente boa para ser solista. De repente assustei-me. Seria a mensagem para me convencer a abandonar o outro trabalho, que considerava mais importante, a favor do canto?

Paradoxalmente, teve o efeito oposto.

Obrigou-me a pensar na situação e a fazer uma escolha. Decidi confirmar a decisão anterior de abandonar o canto. Pela única vez, uma das

minhas vozes estava errada porque eu escolhi que estivesse. Ou pelo menos assim pensei…

No Domingo da Memória, 11 de novembro de 1973, avancei da parte de trás do palco do Royal Albert Hall e fiquei sozinha mais de uma hora diante de um público imenso. A voz afinal tinha razão. Só que eu interpretara mal a mensagem.

A ocasião era o Serviço de Memória organizado pela Spiritualist Association of Great Britain. A noite só foi ligeiramente estragada para mim pelo facto de o meu querido amigo Peter Sellers, que devia ter falado na reunião, não ter conseguido regressar de Chipre, onde estava a rodar um filme, como pretendia. No lugar dele, o orador foi o Reverendo David Kennedy, pastor da Igreja da Escócia cujo livro A Venture in Immortality dava provas de sobrevivência da parte da mulher no mundo espiritual. Fez um discurso tão poderoso e interessante que se percebia porque o livro fora o livro.

A minha função — e a de Gordon Higginson, presidente da Spiritualists' National Union — era demonstrar clarividência. Apesar da minha grande experiência neste campo, por ser o Royal Albert Hall e a ocasião ser tão importante para tantas pessoas na audiência, estava mais nervosa do que quando estivera no mesmo palco como cantora. Não me lembro de grande coisa do que disse ou fiz nessa noite, mas felizmente os acontecimentos foram noticiados na imprensa. O que recordo vividamente é o mar de rostos que me confrontou quando comecei a demonstração. Sentia-me terrivelmente sozinha. Depois lembrei-me da velha voz, e isso deu-me confiança.

Decerto ninguém percebeu nessa noite, enquanto eu lá estava de vestido verde de chiffon fluido, cuidadosamente penteada e maquilhada, que de manhã andara de joelhos a consertar um vidro solto numa porta de vidro. O Philip aconselhara-me a descansar. «Devias estar a relaxar», dissera, «com uma reunião tão grande para dirigir.» Mas o trabalho é o meu descanso, sobretudo jardinagem e costura.

«Não te esforces demasiado esta noite», aconselhou-me mais o Philip. «A acústica do Albert Hall é notoriamente má, por isso concentra-te nas primeiras filas.» Infelizmente nem sempre é possível. Não controlo as mensagens que recebo para as pessoas. Podem estar na primeira fila ou na

última, ou em qualquer lugar intermédio. Não consigo chamar os espíritos à vontade. Só comunicam através de mim se quiserem, e embora admita que quase inevitavelmente recebo mensagens para transmitir, não tenho maneira de arranjar a localização das pessoas a quem se destinam. Assim, uma das primeiras pessoas a quem fui foi um jovem na última fila. «És da Austrália», disse eu, «e a rapariga ao teu lado está ligada a ti.»

«Só a conheci lá fora, e começámos a falar», respondeu ele.

«Pois bem, ela vai significar algo para ti», insisti.

O jovem telefonou-me dois anos depois para me recordar a recordar da previsão e dizer que acabavam de casar.

Uma revista americana referiu-se uma vez a mim, de forma divertida, como uma mulher «Especialmente dotada». Escrevendo na revista Probe the Unknown, que explora fenómenos paranormais, Robert Birchard referiu-se à mudança que detetara em mim quando começo a trabalhar num palco público. Descreveu-me como tomando conta do palco com um ar de autoridade completa. «Onde parecia calma, quase plácida», escreveu, «agora procedeu a surpreender toda a gente… com uma demonstração cintilante do pedaço de prima-donna muitas vezes escondido mas ardente que existe em todo o grande profissional, seja estrela de ópera, quarterback de futebol americano ou médium famoso.» Cito estas palavras não para tocar a minha própria trombeta mas porque há mais do que um fundo de verdade nelas. Sou como uma atriz, uma performer, quando trabalho em público, e projeto uma personalidade forte, muitas pessoas mo disseram. O que nem sempre percebem é que a verdadeira eu é uma criatura muito menos confiante; o meu eu de palco toma conta de mim.

O repórter do Psychic News que cobriu a grande reunião do Albert Hall escreveu que eu não mostrei sinais de nervosismo. Duvido que o tivesse feito se me tivesse visto duas horas antes. Ficou intrigado com uma mãe que tinha mensagem para o filho na audiência; a mãe morrera apenas quatro semanas antes. E divertiu-se com uma mulher do mundo espiritual que agradecia a uma amiga por lhe ter dado as meias de cama que usava quando morreu. Muitas vezes são estas mensagens pequenas, aparentemente triviais, que ficam na memória. Claro que o que pode parecer completamente sem importância para mim pode ter o maior significado para quem recebe a mensagem, como por exemplo a criança

que apareceu com mensagem para a mãe; ouvi-a distintamente dizer: «Olá, mamã, que bom chegar até ti.»

A minha participação neste bem-sucedido Serviço de Memória resultou em ser convidada a participar também no do ano seguinte. O famoso curandeiro Harry Edwards fez um discurso maravilhoso e voltou a ser minha função demonstrar clarividência. Coral Polge e Gordon Higginson deram uma demonstração dupla de arte psíquica e clarividência, e o Coro Masculino de Ebbw Vale encantou toda a gente com o seu canto lindo.

Dizem-me que os comunicadores espirituais que se manifestaram através de mim mostraram consciência invulgarmente completa das condições e problemas das pessoas na audiência a quem as mensagens se destinavam, mas relendo os relatos publicados da minha participação no Serviço não me convence de que a qualidade fosse diferente no Albert Hall do que teria sido em circunstâncias menos augustas. Aliás, o simples relato de uma série de mensagens semelhantes — pois num certo sentido todas as mensagens do mundo espiritual para pessoas vivas são semelhantes — tende a banalizá-las; se eu digo a alguém «Chama-se Will, não Bill» ou «Não é o teu Sid, é o Sid da Mary», isso pode verificar a mensagem para o destinatário mas não é particularmente interessante para um observador.

Só um item nos relatos pode ter interesse mais amplo. Um jovem que servira na Força Aérea Real apareceu-me com mensagem para uma senhora na audiência que, disse ele, andara a olhar para uma fotografia dele na semana anterior. Fui ter com uma mulher em particular, sentada no corpo da sala, que reconheceu logo o comunicador como um rapaz que conhecera e que morrera novo, e confirmou que de facto olhara a fotografia dele poucos dias antes. De repente cheirei um anestésico forte — aparentemente relatei isto à audiência — e disse à senhora que o jovem tentara ajudá-la oito ou nove anos antes quando ela estava no hospital. Ela lembrou-se bem da ocasião.

Uma equipa de filmagem gravou o segundo Serviço de Memória em que participei. Era para um filme alemão. Tenho experiência pessoal de que os alemães se interessam particularmente por clarividência. Mais cedo nesse mesmo ano recebera um telefonema de um produtor alemão que estava a fazer um filme sobre um tal Karl May. Nunca ouvira falar do produtor nem do Sr. May, mas isso porque não sou alemã. Se fosse, decerto saberia que Karl May era um famoso autor alemão, há muito morto, que escrevia

histórias de índios da América do Norte. Nunca fora à América mas escrevia sobre lugares que nunca vira com uma pretensa exatidão que desafiava o raciocínio normal.

O produtor pediu-me ajuda. «Já ouvimos falar de si», disse, «e queremos que autentique certas circunstâncias da vida de Karl May.» Deve ser altamente invulgar contratar uma clarividente como consultora especial num filme.

Fiquei muito intrigada e aceitei ajudar se pudesse.

Fui a Viena e o produtor disse que gostaria de sentar-se comigo para ver que comunicação, se alguma, eu recebia. Não me contou nada sobre Karl May, além de que era escritor de westerns, e eu não tivera oportunidade de me informar sobre ele, mesmo que o quisesse; como já disse, muitas vezes é melhor não saber nada sobre as pessoas que comunicam através de mim. «Não sei se ele se fará sentir para mim», disse eu, «mas podemos experimentar.»

Sentámo-nos os dois no meu quarto de hotel e esperamos. Muito em breve senti a presença de um homem que me disse que fora criado numa cabana de lenhador. Mostrava-me continuamente um machado.

«É o Karl May», disse o produtor excitado. «Foi criado numa cabana assim.»

O homem disse então que fora preso por roubar um relógio.

«Verdade», gritou o produtor.

«Mas eu não o roubei. Só o emprestei», insistiu a figura espiritual. Disse depois que começara a escrever na prisão por solidão, usando a imaginação para inventar personagens e cenas. O produtor ficava cada vez mais fascinado, pois era facto que Karl May começara a escrever enquanto estava preso.

O escritor morto disse então algo que até eu achei notável. Tivera duas mulheres, ambas clarividentes, e quando ficava bloqueado na escrita — nomeadamente quando precisava de informação realista sobre os personagens ou o seu passado — sentava-se com a mulher que entrava em transe e descrevia-lhe coisas que ele punha nos livros. Poderia ter sido este o segredo da autenticidade deles?

Fui depois convidada a assistir à rodagem da primeira cena do filme. Decorria numa prisão. Sabia psiquicamente que certos pormenores estavam errados e consegui sugerir alterações, mas confesso que achei a rodagem muito aborrecida, sobretudo porque após quatro horas de trabalho só tinham cinco minutos de filme pronto! Queria regressar a casa de qualquer modo, e sentia que provavelmente já contribuíra o mais que podia para o sucesso do filme. Aceitei porém o pedido do produtor de dar uma sessão no meu quarto de hotel para algumas das pessoas principais ligadas ao filme. («Séance» foi a palavra dele; não é uma que use normalmente; prefiro muito mais «sessão».)

A ocasião foi fotografada e noticiada na imprensa local. Entre os presentes estavam Helmut Kautner, que fazia o papel de Karl May no filme, e as duas senhoras que faziam as mulheres dele, Kathe Gold e Kristina Söderbaum. Desta vez não houve comunicação com Karl May, mas apareceu um visitante de tipo completamente diferente.

Um homem muito zangado regressou do mundo espiritual e tentou pôr uma coleira a uma das atrizes. O fotógrafo não viu isto mas eu vi com toda a clareza.

«Ela está a representar», disse o homem, «e eu proibi-o.» A voz era forte e ameaçadora.

Mais tarde a atriz em questão contou-me que o marido fora amigo de Hitler. Proibira-a de continuar a carreira de atriz e praticamente a mantivera «de coleira» enquanto foram casados; só após a morte dele se sentira libertada. Fora para a América e tornara-se fotógrafa de sucesso, e este filme era o primeiro papel de atriz desde a proibição do marido.

Compreendo perfeitamente os leitores céticos deste livro que tenham dificuldade em acreditar em tudo o que escrevo. Alguns podem até pensar que sou fraude, ou pelo menos estupidamente crédula. Nunca é fácil aceitar a verdade do que não se experimentou pessoalmente e, de qualquer modo, é menos fácil provar a «sobrevivência após a morte» do que provar que a Batalha de Hastings foi em 1066. Há provas concretas para substanciar acontecimentos históricos, ao passo que muitas das provas que confirmam fenómenos paranormais são de natureza mais abstrata e nem sempre se encaixam convenientemente nas ideias preconcebidas das pessoas. Se uma testemunha num tribunal diz que recebeu uma carta e a mostra, a existência

dela será aceite; mas se a mesma testemunha diz que recebeu uma mensagem do mundo espiritual, pode muito bem não ser acreditada.

Todos temos experiência de receber cartas, mas nem todos recebem mensagens dos que partiram.

É por isso que neste livro só procurei incluir relatos de assuntos que possam ser confirmados por pelo menos uma pessoa além de mim. Há muitas histórias que poderia contar mas que não podem ser corroboradas independentemente; omiti-as portanto deliberadamente, preferindo apoiar-me em provas, tais como são, que foram registadas ou que outras pessoas poderão confirmar.

Literalmente centenas de pessoas me escreveram ao longo dos anos, recordando-me assuntos em que estive envolvida; sou-lhes muito grata porque de outro modo não me sentiria à vontade para incluir tais assuntos neste livro. Um desses exemplos vale a pena citar, não porque revele algo muito invulgar do meu ponto de vista — embora a autora evidentemente o achasse muito invulgar — mas porque está tão bem documentado. A minha correspondente era uma senhora que perdera o filho num acidente. Veio ver-me trabalhar no Birmingham Civic Centre em agosto de 1976.

Segundo o testemunho dela, soube instintivamente que a minha segunda mensagem, sobre um rapaz morto num acidente, era para ela. Embora já tivesse ido a duas reuniões espiritualistas anteriores, não recebera mensagem do rapaz, chamado Robert, mas ele aparentemente aparecera à cunhada que acordara a meio da noite e o encontrara de pé ao fundo da cama. Sorria e disse: «Diz à mamã para não se preocupar.» Contra o conselho do marido, ela transmitira a mensagem.

Agora a mãe do rapaz estava na minha audiência, convencida de que eu falava do seu Robert mas demasiado nervosa para o reconhecer. Em vez disso duas ou três outras pessoas que pensavam que a mensagem podia ser para elas levantaram a mão, e falei com elas, mas tive de dizer que a mensagem não era para elas. Por fim uma amiga convenceu a senhora em questão a avançar, e mal ouvi a voz dela soube que era a pessoa certa.

Ela ouviu-me dizer: «Livros, livros, à minha volta», e isso fez-lhe os livros que o colégio do filho devolvera; estava demasiado destroçada para olhar para eles. Disse-lhe depois que ela trazia duas fotografias do filho, mas ela disse que eu me referia ao marido; era ele que tinha duas

fotografias na carteira. Ele estava no átrio lá fora e pedi que o trouxessem para a sala.

Este tipo de erro pode facilmente acontecer a um clarividente.

Presumivelmente vi duas fotografias e interpretei mal o significado exato. Numa reunião pública tenho de trabalhar muito depressa — há sempre muitas pessoas à espera — e tenho de obter resultados rápidos. Isso implica tomar alguns atalhos — interpreto as mensagens numa espécie de estenografia — e interpretações falsas são muito possíveis; é espantoso que não haja muitas mais. Por vezes, porém, prova-se que tenho razão quando o destinatário da mensagem pensa que estou errada.

Disse a essa mesma senhora, por exemplo, que Robert era um de três filhos. «Não», respondeu ela, «é um de dois.» A mensagem que recebia referia-se positivamente a três filhos. Talvez tenha sido imprudente da minha parte mas respondi logo: «Vou discutir contigo, querida, mas não com eles», referindo-me claro às pessoas no mundo espiritual.

Imaginem dizer a uma mulher que teve três filhos quando ela sabe que teve dois! Mas a minha aparente temeridade fez a senhora pensar, e ela disse-me que tivera um aborto espontâneo e perdera um filho. De repente vi essa criança, com cerca de seis anos. Estava ao lado do Robert, e estendi as mãos indicando o tamanho aproximado. A senhora perdera o bebé de facto seis anos antes, e regista que ficou extremamente impressionada porque, pelo que eu sabia, ele morrera antes de Robert nascer. Se fiquei impressionada foi porque o incidente forneceu alguma prova possível de que um bebé não nascido pode desenvolver-se no mundo espiritual.

O meu feito seguinte foi nomear a cunhada dela, Annie, e dizer que as duas mulheres tinham vivido juntas na mesma casa, ambas com quarto no andar de cima. Confirmou que assim fora há mais de vinte anos. Depois espantei-a dizendo que Robert visitara recentemente a cunhada.

Falei depois de uma arrecadação de jardim usada como oficina, e disse que alguns pertences de Robert ainda lá estavam. Voltando-me para o marido, disse: «Foste lá esta manhã, chegaste à porta, mudaste de ideias e voltaste para trás.» Era verdade. Ele fizera exatamente isso, esquecendo-se do que fora buscar. «O Robert estava contigo nessa altura», disse ao marido. E acredito que foi isto, mais do que qualquer outra coisa, que convenceu a senhora. O incidente, escreve ela, era tão insignificante e

trivial que não lhe dera um segundo pensamento, mas se eu não estivesse a receber uma mensagem do Robert, como poderia eu saber? Nenhuma outra alma no mundo além dela e do marido sabia deste pequeno incidente doméstico, que dificilmente teriam mencionado a mais ninguém.

«É a primeira vez que o Robert consegue chegar até ti», disse à senhora, «e está tão excitado.» Nisso, regista ela, pus as mãos acima da cabeça e sacudi-as. Era um maneirismo do Robert, e tanto ela como o marido concordaram que, durante toda a mensagem, eu parecia assumir a personalidade dele. Por algum motivo disse-lhe para se livrar de um par de sandálias do Robert, exatamente com as palavras e o tom de voz, e os mesmos gestos de mão, que ele teria usado.

Finalmente, antes de passar ao próximo membro da audiência, gritei «Mike — Mick!» O Robert tinha um amigo chamado Mick a quem a mãe erradamente chamava Mike. «É Mick, mamã, Mick», dizia ele. Agora tinha uma mensagem do Robert para o Mick. Era muito simples: «Diz-lhe que estou vivo.»

O relato da senhora sobre a minha reunião em Birmingham termina com a afirmação de que nunca mais teve outra mensagem como aquela. Não havia maneira de eu saber o que lhe disse e ela não acreditaria que fosse possível se não tivesse sido a destinatária. Termina com estas palavras:

«Que o meu filho Robert tenha chegado até nós através da Doris naquela tarde, não há dúvida, pois quem mais poderia saber todas estas coisas?

E tanto o meu marido como eu a abençoámos por nos ter provado que a vida após a morte é um facto, e que um dia voltarei a abraçar o meu amado filho quando o meu tempo aqui terminar.»

CAPÍTULO DEZASSEIS

As minhas faculdades psíquicas, clarividentes e de cura estão, até certo ponto, combinadas em tudo o que faço. Algumas pessoas vêm ter comigo como último recurso quando estão muito doentes, e claro que é a cura que precisam; mas não consigo separar a cura da clarividência. Como médium muitas vezes consigo ajudar as pessoas, mas o conselho que dou vem de mais do que uma fonte. Digo o que me vem à mente, ou, mais exatamente,

o que me é posto na mente. Não é o mesmo que bom senso porque por vezes o que aconselho parece o oposto do bom senso.

O que não posso fazer é tomar decisões pelos outros. Só os posso ajudar a tomar as suas próprias decisões.

Ao longo dos anos aconselhei pessoas de todas as condições sociais. Algumas não hesitam em atravessar o Atlântico de avião para uma consulta, mas trato toda a gente da mesma maneira. Ricos ou pobres, famosos ou desconhecidos, as pessoas têm problemas semelhantes e temos de lidar com elas da mesma forma. A maior parte das pessoas que me procuram foram recomendadas ou ouviram falar de mim boca a boca ou em resultado das minhas reuniões públicas. Não faço publicidade deliberada à minha existência. Algumas vêm por curiosidade mais do que por grande necessidade.

Todo o mundo, claro, tem muita curiosidade pelo desconhecido, e eu lido com o desconhecido. Acredito que é esta a explicação para o interesse crescente no trabalho dos psíquicos. Em lado nenhum este interesse é mais evidente do que entre as pessoas do «show business», tantas das quais me consultaram nos últimos anos. Muitas vezes vi o meu nome nos jornais, não por mérito próprio mas por associação com alguma celebridade que contou a um jornalista o que eu disse — coisa que, de outro modo, eu certamente teria esquecido!

Com todo o respeito por Irving Berlin, as pessoas do espetáculo não são diferentes das outras em aspetos essenciais. Mas, pensando melhor, ele pode ter razão. Muitos deles são muito psíquicos, e talvez isso os ajude a interpretar os papéis. Tal como eu tenho de lidar com duas esferas de inteligência, a deste mundo e a do além, também um ator tem de desenvolver elasticidade mental para ser muitas pessoas.

Algumas das pessoas mais ricas e bem-sucedidas que conheço são as mais infelizes — embora nem sempre seja o caso. O problema com muitos artistas é que nunca parecem satisfeitos com as suas conquistas, e precisam de constante reafirmação quanto ao futuro. Terá o último espetáculo ou filme ou disco sido mesmo tão bom como os críticos disseram? Terão realmente chegado lá, e se sim, perderão tudo? O pessimismo básico deles é, suponho, endémico numa profissão em que só és tão bom quanto o teu último sucesso.

Isto ajuda a explicar porque tantos famosos procuraram o meu conselho e ajuda, mas só posso escrever sobre os que me deram permissão ou que, como Peter Sellers, divulgaram eles próprios que me consultaram. Como já disse, todos os consulentes são iguais para mim, e não creio que tivesse conhecido alguma estrela de cinema ou televisão até estar a demonstrar clarividência uma noite no célebre Ambassador Hotel em Los Angeles.

Pedira a um grupo de músicos que tocassem e cantassem enquanto a audiência se juntava. Quando a sala encheu, os músicos saíram do palco sem levar os instrumentos e equipamento. Preciso de andar de um lado para o outro enquanto trabalho e não conseguia por causa da tralha. Por isso pedi a um homem bem-parecido na primeira fila que me ajudasse a limpar o palco. Usava jeans e camisa aberta e escolhi-o porque parecia alto e forte.

«Com certeza, minha senhora», disse ele de boa vontade, e em muito pouco tempo consegui trabalhar.

Houve uma receção para mim depois num quarto no andar de cima, e a primeira pessoa a aproximar-se e a apertar-me a mão quando cheguei foi o homem que me ajudara antes. Apresentou-se como Clint Walker, que milhões conhecerão como Cheyenne. Mais tarde convidou-me para jantar em casa dele, onde conheci a sua encantadora mulher francesa que fora cantora. Passámos uma noite deliciosa durante a qual ele tocou guitarra e cantou várias canções de natureza espiritual que compusera. Deu-me um livro de pinturas de índios americanos de Frank McCarthy que tanto ele como a mulher assinaram e que muito prezo.

Durante a noite pediu-me que lhe desse cura, o que fiz com prazer. Contou-me que a cura lhe salvara a vida e que era por isso que se interessava tanto pelo meu trabalho. Enquanto filmava, um bastão de esqui atravessara-lhe o peito, a escassos centímetros do coração. Esteve semanas no hospital, à beira da morte, e sentia que a cura que recebera, além dos cuidados médicos especializados, fizera a diferença vital. Faria tudo, disse-me, para promover o que chamava «a ciência da cura espiritual».

Dei cura a muitas outras personalidades do show-business. Quando Frankie Howerd partiu a pélvis, telefonou-me cheio de lamúrias a pedir cura, que lhe dei por pensamento à distância. «Vais melhorar depressa», disse-lhe. «Estarás em Londres dentro de pouco mais de uma semana.» «Não sejas parva», respondeu ele, «parti a pélvis.» O que não lhe disse foi

que estaria num hospital em Londres dentro da semana — o que era certamente verdade, porque fui visitá-lo lá. Teve uma recuperação quase milagrosa.

Há tantas histórias semelhantes que poderia contar, mas uma é muito parecida com a outra. Anthea Redfern, por exemplo, quando era casada com Bruce Forsyth, veio ter comigo porque julgava que não podia ter filhos. Disse-lhe que daria à luz uma criança mas também que eu encontrara grande conforto em adotar uma criança, por isso aconselhei-a a seguir o meu exemplo, e ela acabou por adotar uma menina. Mas não me surpreendeu quando, poucos meses depois, deu à luz uma filha, outra menina, como eu previra.

O meu querido amigo Michael Bentine, ele próprio autoridade no paranormal, pediu-me muitas vezes que ajudasse ele e a família. Previ mesmo antes de ele o escrever que o livro dele The Door Marked Summer estaria nas listas de bestsellers. É um dos meus maiores apoiantes e nunca deixa de cantar os meus louvores a quem se interessa pelos campos em que trabalho. Foi o Michael quem me encorajou a escrever este livro. Pediu-me que visse Pete Murray pouco depois de o filho dele ter morrido em circunstâncias muito trágicas. Hesito em mencionar este assunto mas foi tão amplamente noticiado na imprensa que sinto que devo fazê-lo. O jovem regressou e falou através de mim ao pai. Pelo visto o que disse foi tão espantosamente exato que trouxe grande conforto ao Pete.

Entre as celebridades, não são só as pessoas do espetáculo que se interessam pelo meu trabalho. Se me permitir escolher só um nome, referir-me-ei ao falecido Sir Douglas Bader, o ás da aviação que perdeu as pernas num acidente aéreo e cujo coragem foi exemplo brilhante para todos. Sempre que possível dou os meus serviços às Cheshire Homes, que organizam uma festa uma vez por ano. Tratam-me como uma espécie de clarividente residente para o dia. É trabalho duro mas os pacientes adoram, tal como as famílias e amigos, por isso também é recompensador. Numa dessas ocasiões — foi a primeira vez que o conheci — Douglas Bader abriu os procedimentos e, referindo-se a mim, disse a brincar: «Vou ser o primeiro a entrar.» E foi mesmo o meu primeiro consulente na festa daquele ano.

Não sei se ele acreditava quando entrou, mas decerto acreditava quando saiu, como depois contou às pessoas. Vi relatos na imprensa de que ele

estava convencido da vida após a morte, presumivelmente por ter conhecido tantos jovens pilotos que morreram antes do tempo.

A história seguinte foi impressa mais do que uma vez, e o Bader contou-a a milhões no Parkinson Show, e sei que lhe forneceu o que ele considerava prova substancial da minha boa-fé. Pelo visto fora visitar o velho amigo Henry Longhurst, o golfista, no hospital. Fora pouco antes da morte de Longhurst. Longhurst indicara que não tardaria, como disse, a descobrir se a relva era mais verde do outro lado.

Uma das mensagens que recebi para o Bader foi de um homem chamado Henry. «O nome diz-lhe alguma coisa?», perguntei. «Diz que a relva é mais verde.»

Depois disso Douglas Bader manteve contacto comigo e muitas vezes pediu o meu conselho. Na sexta-feira, 3 de setembro de 1982, telefonou-me pessoalmente dizendo: «Quero consultar-te profissionalmente.» Percebi que tinha uma necessidade muito urgente de me ver mas eu estava prestes a sair para uma reunião de comité da minha associação de cura. Disse-lhe que lhe telefonaria nessa noite se regressasse cedo; caso contrário, contactá-lo-ia na manhã seguinte.

Na verdade tentei contactá-lo na manhã de sábado mas ele já saíra para Londres onde planeava jantar nessa noite com um velho amigo. «Ligo-lhe amanhã de manhã», disse eu, «para marcar para segunda-feira.» «Não, é má hora», disseram-me. «Ele joga sempre golfe domingo de manhã, por isso deixa para a tarde.»

Douglas Bader passou-se mal após o jantar de sábado à noite e morreu de madrugada no domingo. Senti instintivamente que ele devia saber que ia morrer e que era por isso que quisera ver-me, e esta impressão foi reforçada quando Lady Bader, a viúva, foi citada num jornal a dizer: «Acho que ele marcou a última consulta porque percebeu que o fim estava próximo.»

Não é segredo que Peter Sellers estava muito ligado ao mundo psíquico, e eu não fui de modo algum a primeira psíquica que consultou; mas durante quase os últimos dez anos da vida dele devo ter sido importante porque estávamos em contacto constante.

Eu estava nos cinquenta e poucos e o Peter nos quarenta e muitos quando nos conhecemos pela primeira vez. Marcara consulta com nome falso. Não

é invulgar na minha experiência. Talvez as pessoas pensem que, se eu souber quem são, vou investigar, desvalorizando o que lhes digo. Na verdade nunca investiguei ninguém na vida; simplesmente não me interessa e, de qualquer modo, estou demasiado ocupada. As pessoas parecem achar que os nomes são importantes, mas não são para mim. Não vou pela reputação.

Encontrámo-nos no apartamento de uma amiga minha em Londres. O Peter entrou depressa e não o reconheci, mas durante a sessão tornou-se-me óbvio quem era pela evidência que recebia. Em particular a mãe dele, com quem era muito chegado, apareceu. Disse algo muito curioso: «Podes dizer ao meu filho que vou pôr o nome dele na imprensa em todas as oportunidades?»

Mais tarde o Peter contou-me que estava a passar uma má fase na altura — pelo menos achava ele — e de facto a partir daí o nome dele nunca mais pareceu sair dos jornais, nem sempre nas circunstâncias mais felizes. Talvez a mãe acreditasse que toda a publicidade é boa publicidade.

Estava casado na altura com a terceira mulher, Miranda, e tive de lhe dizer que o casamento não duraria. Sem dúvida muitas pessoas poderiam ter feito esse tipo de previsão a um homem como Peter Sellers, mas a minha informação veio-me clarividentemente, claro. Não tardou que conhecesse Liza Minnelli. Nessa altura o Peter e eu já éramos bons amigos e víamo-nos com frequência. Conhecera-o após o meu divórcio de Richard Collins e casei com o Philip no mesmo ano em que o Peter conheceu a Liza.

Felizmente o Peter aprovava o Philip, mas até o ver cara a cara estava muito desconfiado. «Pelo amor de Deus», insistiu, «deixa-me vê-lo. Não faças nenhuma estupidez.» (Olha quem fala, pensei na altura!) De qualquer modo, após o nosso casamento pediu ao Philip e a mim que fôssemos à casa dele em Belgravia receber uma bênção indiana. Estava muito metido em cultos indianos e tinha um guru em Nova Iorque. Fomos obrigados a agachar-nos no chão durante uns bons trinta minutos, até eu achar que os joelhos iam ceder, enquanto os três dávamos as mãos e o Peter cantava numa língua estrangeira. Numa ocasião posterior recebi um telegrama dele que continha palavras semelhantes às que nos cantara na pequena cerimónia:

SATCHITANANDA EXISTENCE KNOWLEDGE BLISS HARE OM HARE KRISHNA

SHANTI SHANTI SHANTI.

O interlúdio com Liza Minnelli não durou muito, mas eu soube desde o início. Não creio que o Peter acreditasse em mim quando lhe disse que o casamento com a Miranda acabaria, mas telefonou-me um dia a dizer que estava apaixonado pela Liza. «Tens razão, Doris», disse. «Conheci a rapariga dos meus sonhos. É absolutamente fantástica.»

Trouxe-a a ver-me enquanto estava no hospital a recuperar de uma operação. Tinham anunciado o noivado embora o Peter ainda fosse casado. A Liza disse-me que estava apaixonada pelo Peter mas que na verdade esperavam que casasse com um conhecido ator americano. Perguntou-me se devia fazê-lo, e lembro-me de dizer que não. O Peter e a Liza deram as mãos todo o tempo e olharam-se nos olhos, mas não tardou que ele me ligasse a dizer que ela o deixara.

Isso não me surpreendeu. Já dissera ao Philip que a aliança deles acabaria tão subitamente como começara. A Liza é uma personalidade fantástica, dinâmica; o Peter disse que ela o hipnotizara com o tremendo poder dela. O Peter era muitas pessoas — por vezes arrogante e difícil, por vezes um menino que precisava de mãe — e eu sabia que não podia resultar.

Mais tarde disse ao Peter que ele casaria uma quarta vez. «Disparate», respondeu. «Já tive que chegue», e depois contou-me de uma rapariga que saíra da vida dele antes do primeiro casamento e que nunca conseguira encontrar. Sabia que ela devia ter significado algo muito especial para ele. Acho que o que o impressionou mais do que as previsões sobre o estado civil dele foi a previsão de que faria três filmes num ano. Disse que era impossível, mas quando aconteceu começou a consultar-me muito frequentemente.

Que ator nato ele era. Confessou-me que vivia o papel que representava na altura. Tomava conta da personalidade dele. O problema era que conseguia ligar uma atuação num segundo, como quem acende uma luz. Estive com ele uma vez quando telefonou uma senhora que obviamente fora um interlúdio na vida dele e que julgava continuar importante; ele não lhe devia ter dito que a relação acabara. O Peter deu uma atuação

duplamente hilariante, falando numa voz para ela e noutra para mim com a mão no bocal.

Ela disse que se atrasara. «Ah, querida», disse ele, «tenho tanta pena. Despacha-te; sabes quanto sinto a tua falta.» Voltando-se para mim: «Meu Deus, espero que ela nunca chegue.»

Disse que chegaria o mais depressa possível. «Não consigo esperar, querido», disse-lhe. «Apanha o próximo avião.»

Depois para mim: «Espero que ela perca o avião, é uma chata.»

Ambos os discursos foram feitos com total convicção. Tive pena da senhora porque o Peter estava a ser duas pessoas. Isso era relativamente simples para ele porque conseguia ser várias pessoas, e isso sem dúvida explica porque houve tantos relatos contraditórios sobre o carácter e o comportamento dele. Era maravilhoso como amigo, mas deve ter sido muito difícil de aturar.

Era famoso pelos telegramas, muitas vezes páginas inteiras. Fui uma das muitas pessoas que recebiam uma mensagem zangada, seguida pouco depois de uma mensagem de pedido de desculpas. É algo desconcertante ser destroçado num momento e uma hora depois receber: «Por favor perdoa. Tudo bem.»

Embora Peter não fumasse e bebesse muito pouco, pelo menos na minha presença, levava as coisas ao extremo de muitas outras formas. Será que isso teria alguma relação com o seu coração fraco? Ele era muito consciente da saúde e, de facto, durante a maior parte do tempo em que o conheci, estava numa fase de grande cuidado com o corpo. Levava-me a restaurantes chineses e comia algas secas. Por isso, vi sobretudo o Peter Sellers moderado. Mas também vi a maneira como passava de um extremo ao outro, e voltava atrás. O que vi muito claramente foi o grande remorso que muitas vezes se seguia a períodos de mau comportamento ou de extravagância. Era um remorso semelhante à expiação que o levava a procurar conhecimento espiritual junto de gurus orientais. Disso tenho a certeza. A sua personalidade interior, que eu conhecia, tinha uma forte espiritualidade.

Às vezes, quando eu chegava, ele vinha à porta com um gravador na mão, para o caso de eu ser jornalista. Queria que as suas palavras fossem

gravadas para não poderem ser deturpadas. Acho, no entanto, que a deturpação, no caso dele, era por vezes acidental. Sendo tantas pessoas numa só, podia ser tudo para todos os homens, e acredito facilmente em duas versões completamente diferentes da mesma história sobre ele. Da minha parte, prefiro recordar o que havia de bom no seu carácter complexo.

Não voltei a ver Peter depois do seu quarto casamento, porque ele e a mulher, Lynne Frederick, viviam quase sempre na Suíça e nos Estados Unidos. Mesmo assim, manteve contacto comigo e, após a morte dele, Lynne disse-me que ele tinha falado dela sobre mim. Nunca a conheci enquanto Peter era vivo e foi no funeral de Peter que Lynne perguntou a Michael Bentine como poderia encontrar-me. Aconteceu que os Bentines nos tinham convidado, a mim e a Philip, para almoçar no sábado seguinte, e convidaram também Lynne. Cheguei deliberadamente cedo para poder falar com ela antes do almoço. Era um dia muito claro e ensolarado e toda a gente, exceto Lynne e eu, saiu para o jardim.

Pareceu-me uma rapariga muito triste e cansada. Mal ficámos sozinhas, Peter contactou-nos, dando a Lynne informações muito pessoais que só os dois podiam saber. Fiquei surpreendida quando, mais tarde, um relatório completo das mensagens de Peter apareceu nos jornais diários, mas suponho que tudo o que lhe dizia respeito era sempre notícia. Peter admitiu que nunca fora um homem fácil de conviver e disse que Lynne chegara a pensar em deixá-lo; mas que ele a amara e precisara dela e não a teria deixado ir de boa vontade. Acrescentou que casara com ela usando a aliança de casamento da mãe e que ela era a única mulher a quem alguma vez a dera. Revelou também os termos do seu testamento.

Lynne perguntou se podia fazer uma pergunta a Peter. «Pergunta, que tentaremos obter uma resposta», disse eu.

«Peter», disse ela então, como se o estivesse a testar, «daqui a pouco é o teu aniversário. Podes dizer-me o que vou fazer no teu aniversário como prenda especial para ti?»

«Sim, posso», veio a resposta. «Vais dar-me uma despedida maravilhosa, porque esta manhã organizaste um serviço memorial para mim em St Martin-in-the-Fields.»

Soube que os preparativos para o serviço no aniversário de Peter, 8 de setembro, tinham sido concluídos apenas algumas horas antes, e Lynne não

tivera oportunidade de mencionar o assunto a ninguém. Contou a um jornalista que a mensagem lhe dera grande paz de espírito e que aquela noite de sábado fora a primeira em que dormira bem desde que Peter adoecera. Segundo o mesmo jornalista, ela disse: «Tenho a certeza absoluta de que foi com Peter que fizemos contacto.»

Philip e eu recebemos convites para o serviço memorial e Michael Bentine alugou uma limusina para a ocasião e arranjou maneira de nos ir buscar. Ia, claro, com a mulher, Clementina. Mas, inesperadamente, o Príncipe de Gales, que esperava poder estar presente, não conseguiu ir e pediu a Michael que o representasse. O protocolo exigia que Michael chegasse no carro real e, além disso, a cerimónia não podia começar sem ele! A limusina levou-nos primeiro a Buckingham Palace, onde deixámos Michael, e depois à igreja, onde ficámos sentados na terceira fila. Reparei que Michael Caine estava quase mesmo à minha frente e as Beverley Sisters mesmo atrás. Lord Olivier e Spike Milligan estavam na mesma fila, e Sir John Gielgud quase tropeçou nos meus pés ao passar por mim. Para onde quer que se olhasse, havia celebridades do mundo do espetáculo de todos os tipos, bem como pessoas famosas de outras áreas.

Depois do serviço, Harry Secombe, que também não era nenhum peso-pluma, avaliou-me e exclamou alegremente em voz alta: «Vai ser preciso um buracão dos grandes para meter lá dentro tu e eu, Doris, quando chegar a nossa hora.» Num tom mais sério, cantara antes um hino, e de forma muito comovente. Lord Snowdon lera o Salmo 23 e David Niven fizera um discurso maravilhoso, no qual por acaso se referiu ao aparente desgosto de Peter por escrever cartas, mas ao seu uso característico de telegramas por vezes muito longos. «Tenho a certeza», disse ele, «de que muitos de nós recebemos um telegrama enigmático, seguido imediatamente de outro telegrama a anular os comentários menos agradáveis.» Eu, claro, era uma delas. «Ele deve», continuou David Niven, «ter sustentado sozinho as receitas dos Correios.»

Quando ele disse isto, vi Peter aparecer ao lado de Niven, juntamente com a mãe dele e outra senhora. E depois ouvi-o dizer: «Então os telegramas são o meu epitáfio, é?»

Philip teve de regressar ao escritório depois do serviço, por isso Clementina Bentine e eu voltámos a Buckingham Palace para buscar Michael. Fomos convidados a entrar para tomar um refresco pelo

Secretário Particular e Tesoureiro do Príncipe. Fez perguntas sobre a cerimónia e também sobre o meu trabalho, dizendo que tinha muito interesse no tema da cura, pois ele próprio recebera cura através de um colega do exército.

Nessa noite, Lynne telefonou-me a perguntar como eu achava que o serviço tinha corrido. Disse-lhe que vira Peter, e ela respondeu que sentira a presença dele. Mencionei também a mãe dele e a senhora que eu não reconhecera. Pela minha descrição, Lynne identificou-a como a tia favorita de Peter, a irmã da mãe.

Algumas semanas depois, recebi de Lynne um par de óculos que Peter usava regularmente. São uma recordação deliciosa de um homem que, de certa forma, foi o meu maior agente de publicidade — um carácter complexo que precisava de constante reafirmação e que, durante vários anos, foi um amigo muito querido.

CAPÍTULO DEZASSETE

Ao escrever este livro, tentei referir-me apenas a acontecimentos que podem ser verificados, pelo menos no sentido em que existe uma testemunha independente de tudo o que relatei. Quanto às minhas experiências pessoais, sei que o leitor tem, até certo ponto, de acreditar na minha palavra e que algumas das coisas que conto são difíceis de acreditar para certas pessoas. Exceto em questões de registo público, tentei portanto mencionar apenas incidentes que discuti na altura com outras pessoas que, se necessário, poderão confirmar que não os inventei para efeitos do livro.

Há muitos acontecimentos que parecem estranhos porque não são vividos regularmente por toda a gente; mas isso não significa que não possam nem aconteçam. Talvez por ser médium, atraia o invulgar ou seja mais recetiva a ele. Talvez porque me tenha sentado para desenvolver a mediunidade física, reconheça o invulgar pelo que é — um fenómeno natural — em vez de o considerar um produto da imaginação ou mesmo uma ilusão. Pode, claro, ser isso último, mas na ausência de provas de loucura da parte da pessoa que afirma tê-lo vivido, prefiro aceitar a realidade da sua existência.

Em 1980 fui à Finlândia cumprir uma série de compromissos públicos e privados que tinham sido organizados para mim e que me levaram por todo o país, de Helsínquia à Lapónia e à fronteira com a União Soviética. Teria cancelado a viagem, seguindo o conselho do meu médico, se não tivessem sido feitos planos extensos, porque desenvolvera uma úlcera na perna direita, que estava engessada, e andava na altura com a ajuda de duas canadianas. Expliquei o problema aos meus anfitriões e disse-lhes que teriam de tomar conta de mim, o que eles aceitaram fazer.

Foi em Rovaniemi, no Círculo Polar Ártico, que tive uma experiência muito extraordinária. Voámos para lá cedo de manhã, pois havia apenas um voo por dia a partir da capital, e a neve no chão tinha mais de um metro de espessura. Fui recebida pelo homem que seria o meu intérprete e em cuja casa ficaria. Fomos de carro até ao seu belo apartamento moderno, onde me apresentaram à dona da casa, que não falava uma palavra de inglês. Havia uma pequena loja em frente da janela do meu quarto e diverti-me imenso a ver as mulheres fazerem compras. Chegavam com o que pareciam cadeiras de baloiço em esquis, e era muito engraçado ver senhoras idosas que mal conseguiam andar colocar as compras nas cadeiras, subir para os esquis na parte de trás das cadeiras e descer a colina a grande velocidade como se o Diabo viesse atrás delas. Era como ver trenós puxados por cães sem os cães, mas tenho a certeza de que aqueles artefactos eram muito práticos.

Acordara cedo para apanhar o avião e, claro, não estava nas melhores condições de saúde, por isso disse ao meu anfitrião que queria descansar bem antes da noite, em que teria uma sessão pública. O meu quarto era duplo, com uma cama grande. Tirei o vestido, deitei-me na cama e cobri-me com um cobertor. Pensei que, se me metesse realmente na cama, depois não ia querer levantar-me. Fechei os olhos para os descansar.

Mal me tinha acomodado, e certamente não estava a dormir nem a dormitar, quando ouvi uma algazarra à minha volta. Havia pessoas no quarto. Talvez, pensando que eu estava a dormir, tivessem vindo ver a estranha criatura vinda de Inglaterra que estava no meio delas. Com cautela, mais por educação do que por medo, abri ligeiramente um olho e tinha razão: havia pessoas no quarto, mas eram pessoas pequenas, que não chegavam mais alto do que a cama. Subiram e puseram-me almofadas atrás das costas, aconchegando-me dentro do cobertor como se eu fosse uma criança.

Senti-me como Gulliver, mas sabia que a intenção delas era cuidar de mim. Seriam lapões, perguntei-me? Ouvira dizer que os lapões não eram muito altos, mas estas pessoas eram minúsculas, como anões. Tão subitamente como tinham aparecido, desapareceram. A algazarra cessou e ficou um silêncio total. Adormeci.

Acordei por volta das três da tarde. Só estava em casa a senhora, mas não a podia interrogar. Por isso lavei-me, vesti-me e comecei a preparar-me para a sessão da noite enquanto esperava pelo regresso do meu intérprete. Quando lhe contei o que acontecera e lhe perguntei quem eram as pessoas pequenas, ele olhou para mim sem saber o que dizer. Falou com a anfitriã e depois disse simplesmente que ela lhe tinha dito que ninguém entrara no apartamento. Havia qualquer coisa estranha na expressão dele e decidi não insistir no assunto, porque era óbvio que não pareciam saber do que eu estava a falar.

A sessão foi um grande sucesso e no dia seguinte viajei para Tampere, onde conheci o homem que me acompanharia de volta a Helsínquia e seria intérprete durante três dias. Ele dera aulas na Universidade de Londres e falava um inglês impecável, mas disse que talvez achasse o trabalho difícil porque não sabia nada sobre o meu trabalho. Disse-lhe para não se preocupar e, para o tranquilizar, contei-lhe também muitas coisas sobre ele próprio, o que pareceu deixá-lo espantado. No dia seguinte fomos dar um passeio pelo campo e relatei-lhe a minha experiência em Rovaniemi. Esperava que ele se risse quando falasse das pessoas pequenas, e a reação dele surpreendeu-me. «Sim», disse ele, «compreendo perfeitamente.»

«Acredita no que eu lhe contei?», perguntei.

«Claro que acredito», foi a resposta. «Está na terra dos trolls.»

Na altura não tinha a certeza se sabia o que era um troll. Tinha uma vaga ideia de que era o nome dado aos bonecos-mascote que algumas pessoas penduram nas janelas dos carros, e não sabia nada sobre os anões amigáveis mas travessos da mitologia escandinava.

«Está na terra do povo dos espíritos», continuou o meu informador, e contou-me que, quando ia pescar durante dois ou três dias, nunca trancava o carro como fazia na cidade. Falava com os trolls e pedia-lhes que protegessem o carro. Ele próprio acreditava que eles existiam nas montanhas e falou-me do lugar conhecido por Montanha do Pai Natal, onde

muitas pessoas da região acreditam que vivem os trolls. Os lapões, disse ele, acreditam certamente nas pessoas pequenas.

Mesmo que não os tivesse visto, não teria dificuldade em aceitar a sua realidade. Quando era criança, era sempre muito atraída pelo jardim e especialmente pelas plantas; aliás, ainda sou. Brincava no jardim durante horas e via regularmente criaturinhas, que não tinham mais de cinco a sete centímetros de altura, nos ramos das árvores. Não eram muito maiores do que borboletas grandes e eu falava com elas, pensando que eram fadas. Quando contei pela primeira vez à minha mãe, ela entrou no espírito da coisa apontando e dizendo: «É ali que vive o Polegarzinho», e eu dizia que ia para o jardim ver o Polegarzinho. Por isso, provavelmente não me teria sido muito difícil acreditar nos trolls se outra pessoa ma tivesse contado e eu não os tivesse visto pessoalmente. As minhas fadas podem ter sido produto da minha imaginação infantil, embora não o pense nem por um momento; mas, em todo o caso, o facto de não as ver desde que era criança não significa necessariamente que não existam. O mito baseia-se muitas vezes na verdade.

Pode pensar-se que, embora eu não soubesse nada sobre os trolls antes da minha experiência com eles, eles me vieram à mente psiquicamente e que imaginei todo o episódio. Sendo sensível às atmosferas e estando num lugar onde a existência deles era lendária, bem poderiam ter-me vindo à mente. Isto, claro, é verdade, mas só posso dizer que tenho a certeza de que os trolls estavam realmente no meu quarto e que eu os vi e ouvi.

As pessoas que me conhecem sabem que não sou fácil de enganar com disparates e charlatanice e que tenho os pés bem assentes na terra. Elas, pelo menos, poderão garantir a minha honestidade. No entanto, sei que estou a pôr à prova a credulidade de toda a gente quando relato o seguinte acontecimento que também ocorreu na Finlândia. Estou, porém, cem por cento certa de que aconteceu.

Passei a última noite da minha visita à Finlândia no apartamento em Helsínquia do presidente da associação psíquica do país. O apartamento ficava num andar alto e a grande janela panorâmica oferecia uma vista emocionante da cidade e das suas luzes cintilantes. Raramente fecho os cortinados do quarto e o quarto onde dormi nunca estava portanto às escuras. Era, na verdade, um quarto-sala que a minha anfitriã usava

também como escritório. Uma mesa longa e estreita, cheia de fotografias e outros objetos, ficava entre a cama e a janela.

Mal me meti na cama e comecei a adormecer, aconteceu algo quase incrível, tão rapidamente que não tive tempo de o analisar. Fui subitamente levantada no ar, limpa, e passada por cima da mesa em direção à janela! Embora já tivesse ouvido falar de levitação, nunca me acontecera nada assim, e o meu primeiro pensamento foi que ia direitinha através da janela para a morte. Mas não: fui depositada em segurança no chão por baixo da janela, embora no início não soubesse onde estava. A minha preocupação seguinte foi com a perna má, mas por milagre apenas esbarrara com o dedo grande do pé da perna boa. Foi como se tivesse caído num colchão de ar.

Quando percebi o que acontecera, rastejei até à porta, levantei-me e acendi a luz. Então vi que não só eu fora projetada pelo quarto como todos os lençóis, incluindo as almofadas e até o colchão, tinham sido atirados cerca de dois metros e meio para fora da cama e por cima da mesa. Estavam no chão perto do sítio onde eu aterrei. O que era absolutamente espantoso, considerando apenas o meu peso, era que nenhum objeto em cima da mesa tinha sido minimamente perturbado.

Gostaria agora de ter acordado as outras pessoas da casa para que pudessem ver com os próprios olhos o que acontecera ao colchão e aos lençóis, e assim confirmar que eu não estivera a sonhar o incidente. Mas em parte porque não queria incomodá-las a meio da noite e em parte porque estava desorientada com a experiência, não o fiz. Lembro-me de rir sozinha e de pensar que país estranho era a Finlândia: primeiro fui aconchegada na cama pelos trolls e depois atirada para fora dela por alguma força desconhecida.

Por fim, voltei a pôr o colchão no sítio, refiz a cama e adormeci. Ao pequeno-almoço, na manhã seguinte, pedi desculpa se tinha feito barulho durante a noite e expliquei o que acontecera. A minha anfitriã disse-me que tinham ouvido um estrondo muito forte que os fizera saltar da cama e correr para o meu quarto. Escutaram à porta, mas estava tudo em silêncio e não quiseram incomodar-me.

«Estava silêncio», disse eu, «porque fiquei tão assustada que tive de ficar deitada no chão para me recompor.»

Pelo menos havia prova independente de que tinha havido uma confusão no meu quarto e, ainda mais importante, o meu anfitrião e a anfitriã acreditaram em mim, embora tenham descrito o acontecimento como espantoso. A senhora chegou mesmo a oferecer uma possível explicação. «Tivemos na nossa associação alguém que se opôs à sua vinda e tentou impedi-la. Já expulsámos esse homem.»

Uma das pessoas que me acompanhou ao aeroporto nessa mesma manhã, já de regresso a Inglaterra, era um músico que participava ativamente nos meios psíquicos finlandeses. Também ele disse algo parecido. «Lembra-se de me ter contado que os trolls a aconchegaram na cama?», perguntou-me. «Pois bem, eles estavam a protegê-la porque sabiam que alguém ia tentar fazer-lhe mal.» E, de facto, por momentos pareceu que tudo conspirava para me impedir de trabalhar eficazmente. Seria demasiado fantasioso pensar que a minha perna doente pudesse ter sido causada por pensamentos ou comportamentos malignos de alguém que desejava que eu falhasse?

Dificilmente alguém me descreveria como leve como uma pena, mas devo ter subido como uma pena quando fui levitada. Não tenho outra experiência pessoal desse fenómeno em particular, mas já presenciei manifestações de outros fenómenos físicos, incluindo materialização e desmaterialização. Plantas, flores e pequenos objetos já se deslocaram muitas vezes, como que sozinhos, de uma divisão para outra em minha casa. Às vezes pergunto-me se não será esse o modo deles de chamar a atenção.

Uma vez perdi o meu anel de noivado, um diamante de duas pedras que o meu primeiro marido me dera. Não estava largo e usei-o no mesmo dedo em que usara a aliança de casamento durante três ou quatro anos até que um dia desapareceu do meu dedo e nunca mais o encontrei. Tinha-o posto pouco antes de ir a Ilford com o Brian, que estava no carrinho de bebé. Só tínhamos andado quatro ou cinco metros desde casa quando percebi que o anel já não estava no meu dedo.

Fiquei muito preocupada e, embora soubesse que não o tinha deixado cair, revistei a casa de cima a baixo. Claro que a perda de um objeto raramente é resultado de desmaterialização — há explicações muito mais óbvias para se perder alguma coisa —, mas a minha experiência dizia-me que este não fora um desaparecimento comum.

O incidente impressionou-me bastante na altura e discuti-o com várias pessoas conhecedoras do mundo psíquico. Não tiveram dificuldade em acreditar que o meu não fora um perda convencional, e disseram-me que por vezes as coisas são desmaterializadas porque alguém tem mais necessidade do objeto do que o proprietário! Na altura eu não sabia que chegaria o dia em que o anel já não significaria nada para mim depois do divórcio.

Sobre o mesmo tema, Don Davis e a mulher Mary, da Austrália, estavam hospedados em nossa casa quando Don perdeu a carteira. Lá dentro havia uma quantia considerável de dinheiro, cartões de crédito, cheques de viagem e notas que ele tomara durante a visita a Inglaterra. Regressara a casa tarde na noite anterior, depois de jantar e ir ao teatro. Tinha a certeza de que tinha a carteira depois do jantar, mas não a encontrou na manhã seguinte. «Com que pagaste o táxi?», perguntei eu. «Com moedas», respondeu, «do bolso. Nem tirei a carteira.»

Estava claramente convencido de que a carteira estava algures em casa, por isso revistámos o lugar de alto a baixo de uma maneira que faria inveja à Scotland Yard, mas não a encontramos. Don e Mary tiveram de sair para um almoço na cidade e, enquanto estavam fora, voltei a revistar a casa, sentindo-me de alguma forma responsável por a perda ter acontecido debaixo do meu teto, embora soubesse que estava a perder tempo.

A carteira desapareceu num sábado e passei um fim de semana infeliz por causa disso. Na segunda-feira Don tinha vários compromissos e, para o caso de não ter tempo de ir ao banco, emprestei-lhe 100 libras que tinha em casa. Agradeceu-me e disse que mas devolveria nessa noite se conseguisse ir ao banco ou, caso contrário, no dia seguinte. Subiu as escadas com o dinheiro na mão e pediu a Mary que lhe emprestasse a carteira dela para pôr lá as notas.

De repente ouvimos o grito excitado de Don lá de cima: «Doris, Philip, rápido, rápido, venham cá acima!» Philip e eu subimos a correr o mais depressa que pudemos. Don e Mary estavam no quarto e Don segurava duas carteiras na mão esquerda! Tanto Philip como eu vimos isso claramente. Mary disse que Don estava de pé ao pé da cama com as minhas 100 libras na mão direita e a carteira dela na esquerda; quando, de forma fantástica, a carteira dele próprio apareceu na mesma mão. Se Don fosse um brincalhão e ainda por cima mágico, talvez eu encontrasse uma

explicação “lógica” para o reaparecimento da carteira, embora, claro, não nos tivesse deixado sofrer durante o fim de semana; mas ele não era nada disso, e estou convicta de que se tratou de um simples caso de materialização.

Estava consciente, como já expliquei, de forças psíquicas muito fortes na Finlândia, e particularmente na Lapónia. Um ano depois da minha visita àquele país fiz a minha primeira viagem a Israel. Desta vez, porém, tratava-se de uma curta viagem turística organizada por um amigo americano a quem eu ajudara numa altura de grande necessidade. Parti mesmo antes do Natal de 1981 e fiquei tão impressionada com o que vi que regressei novamente no final de 1982. Foi durante a visita ao Mar Morto que me convenci de que seria descoberto petróleo em Israel, e disse-o ao presidente da câmara de Jerusalém, a quem tive o privilégio de ser apresentada. Ele disse-me que, de facto, já fora encontrado alcatrão asfáltico, um derivado do petróleo, a flutuar no Mar Morto e que, se houvesse petróleo em quantidade, isso afetaria dramaticamente a situação económica do seu país. Sugeri-lhe uma zona que eu sentia que poderia valer a pena investigar.

O verdadeiro interesse da minha visita a Israel foi, porém, ver Masada, onde tive uma das experiências mais extraordinárias da minha vida. Masada, a impressionante fortaleza de Herodes no deserto da Judeia, a cerca de uma milha a oeste do Mar Morto, foi o cenário de um suicídio coletivo dos zelotas judeus para evitar a captura pelos romanos há quase dois mil anos.

Fui lá com uma amiga na companhia de um guia profissional que conduzia o carro. Era um dia muito quente e eu sentei-me à frente com o motorista. Tenho a certeza de que o guia não sabia nada sobre mim e que, para ele, eu era apenas mais uma turista, mas de repente disse-me, sem qualquer introdução ao assunto: «A senhora é médium, não é?»

«Como sabe isso?», perguntei, ao que ele respondeu: «Nós, judeus, também podemos ser muito psíquicos. Simplesmente senti.»

Ao chegar, subimos de teleférico até ao primeiro planalto e depois fizemos a escalada cansativa, e para mim ligeiramente perigosa, pelos degraus de pedra até ao topo. A minha amiga, que já lá tinha estado, optou por apanhar sol na relva enquanto eu seguia com o guia para explorar o palácio de Herodes. Mostrou-me tudo e depois sentámo-nos a descansar

num ponto da muralha leste. Comecei a falar com o guia sobre ele próprio. Disse-lhe que ele casara recentemente e que a mulher acabara de ter um filho, e falei-lhe dos planos dele para o futuro. Ele confirmou que eu estava certa em tudo o que dissera sobre ele. «Viu?», acrescentou em tom de vitória, «eu sabia o que a senhora era.»

Foi então que me disse que normalmente não trazia turistas àquele ponto em particular, que considerava um lugar muito privado. «Quer fazer o favor de olhar por cima da muralha», pediu-me, «e dizer-me o que vê?»

Fiz o que ele pediu. Olhei para baixo e vi o que parecia um acampamento para uma batalha antiga. Havia soldados romanos por todo o lado e carros de combate. Também ouvi um grande tumulto. Com espanto, contei ao guia aquela cena impressionante; era quase como se eu fizesse parte dela. «Ainda bem que vê», disse ele, «porque eu vejo sempre que venho aqui.»

Enquanto ele falava, senti um impulso fortíssimo de me atirar do alto. Algo pesado nas minhas mãos parecia impelir-me. A sensação era tão forte que tive de recuar. Contei ao guia. «Sim», disse ele, «provavelmente fez exatamente isso.» Acho que queria dizer atirar-me do alto. «Conhece a história de Masada?», perguntou.

«Não», tive de confessar, «não sei nada sobre ela.»

«Pois bem», continuou ele, «trouxe-a a este lugar porque tinha a certeza de que sentiria o que eu sinto quando venho aqui.»

Enquanto caminhava pelas ruínas, tinha uma sensação muito forte de que já lá estivera antes. «Sim», disse o meu companheiro quando lho contei, «percebi isso no momento em que a senhora entrou no carro. Já cá esteve antes. Foi judia numa encarnação anterior.» Depois contou-me como os defensores judeus se tinham suicidado em vez de se renderem aos soldados romanos.

A minha segunda visita a Israel, no final de 1982, fez parte de uma viagem organizada pelo presidente da Greater World Spiritualist Association. Depois do tempo feliz que passara na primeira visita, aceitei rapidamente o convite para me juntar a um grupo de cerca de cem espiritualistas e amigos. Desta vez Philip acompanhou-me, e ele descreveu-a como uma das melhores férias da sua vida.

Começámos com um jovem como guia turístico, mas após os primeiros dois dias uma rapariga do Rio de Janeiro assumiu o cargo; embora fosse brasileira, claro, vivera algum tempo em Israel. Gordon Higginson, que estava na viagem, disse-me que aquela jovem pedira uma sessão comigo. Porque eu, perguntei-me, quando eu era apenas uma das muitas médiuns do grupo? «Bem», disse Gordon, «ela pediu-me que lhe pedisse.» Eu não tencionava trabalhar nas férias, mas falei com ela sobre o pedido.

Tinha ouvido falar de mim através de algumas pessoas sul-africanas e, ao ver o meu nome na lista, esperara que eu pudesse ajudá-la. Disse-me também que participava num círculo em Israel para desenvolver a mediunidade, por isso percebi que não podíamos ter tido uma guia mais compreensiva, e acredito que nos contou coisas que nem sempre constavam dos guias turísticos.

Parte da viagem incluía Masada, mas eu relutava em voltar lá. O lugar tivera um efeito poderosíssimo sobre mim no ano anterior; aliás, não creio que algum lugar me tenha afetado tanto. A minha primeira visita às Terras Altas da Escócia perseguira-me durante algum tempo e lembro-me de ter ficado estranhamente comovida quando fui pela primeira vez à Califórnia; sentia fortemente que já lá vivera antes, embora não pudesse começar a dizer quando ou em que circunstâncias. Mas Masada era algo diferente. O meu guia simpático dissera-me no ano anterior que eu fora judia numa encarnação anterior; o que ele não sabia era que eu própria já pensara muitas vezes nisso. Na verdade, tinha quase a convicção de que vivera na Palestina, ou nalgum lugar do que hoje chamamos Médio Oriente, na mesma época de Jesus, e a minha experiência em Masada servira para confirmar essa crença.

Seja qual for a verdade sobre possíveis existências anteriores, eu não teria voltado a Masada se estivesse sozinha, mas Philip ficou muito chateado quando tentei escapar-me, por isso cedi.

Mal cheguei lá acima, tive novamente a mesma sensação estranha de que a minha vida atual era irreal e de que caminhava noutro mundo. De facto senti-me fisicamente mal, a ponto de Philip comentar como eu ficara pálida, mas acompanhei o grupo a todo o lado.

Por fim, a guia também perguntou se eu me estava a sentir mal, por isso suponho que os meus pensamentos ansiosos se refletiam no meu rosto.

Contei-lhe o que acontecera no ano anterior. Virámos uma esquina e lá estava eu exatamente no mesmo lugar da muralha leste onde sentira o impulso de me atirar; só que agora havia uma corrente em volta do banco de pedra onde eu me sentara. Não me lembrava de a ter visto na visita anterior.

Falei da corrente a Philip, que andara a estudar a história de Masada. «Isso explica-se facilmente», disse a guia. «Era ali que as mulheres se revezavam para atirar pedras e rochas aos soldados romanos para os impedir de subir.» Então percebi que a sensação de peso nas minhas mãos no ano anterior poderia ter vindo de eu segurar uma pedra grande. Talvez numa existência anterior eu me tivesse realmente atirado do alto com uma pedra dessas nas mãos.

Muitas das minhas experiências mais estranhas dos últimos tempos ocorreram no estrangeiro. Estive recentemente numa visita de trabalho à Suíça e fiz aparições públicas ou dei sessões de acordo com os arranjos feitos para mim pelos organizadores da minha tournée. Nessas circunstâncias, quase nunca sei nada sobre as pessoas que têm marcação para me ver, menos ainda do que em casa, quando me podem escrever ou telefonar para combinar, caso em que pelo menos sei o nome delas. Prefiro ver as pessoas individualmente, mas não me opus quando soube na Suíça que tinham marcado uma sessão para um casal ver-me junto.

Entraram e, em poucos minutos, a filha deles veio ter comigo do mundo espiritual e disse-me que sofrera um acidente nas montanhas e morrera na semana anterior. Deu o nome e muitas informações relevantes para os pais, incluindo o facto de ter uma irmã. O casal confirmou que a rapariga morta fora enterrada apenas dois dias antes de virem ter comigo. A rapariga descreveu então como morrera.

Estava num treino de escalada na altura, mas não estava ligada por corda porque o guia não achara que o terreno fosse suficientemente íngreme ou perigoso para isso ser aconselhável. Depois disse-me que a irmã iria em breve fazer a mesma escalada e tinha obrigatoriamente de estar ligada por corda, mas que os pais, que tinham marcado a escalada na mesma zona em 1983 para ver onde o acidente acontecera, não deviam ir. Para a irmã, devidamente ligada, tudo bem, mas para os pais não.

Quando trabalho, tenho sempre uma cruz em cima da mesa. Considero que dá proteção e cumpre uma função útil. Tinha-a no lugar, como habitualmente, quando este casal suíço veio à sessão. Já não lá estava quando saíram. Nem por um segundo pensei que eles a tivessem levado, mas onde poderia estar? Ninguém, a não ser o homem e a mulher, além de mim, estivera na sala. Falavam inglês e não precisei de intérprete. Jenny Pestalozzi, em casa de cujos pais eu estava hospedada, trouxe-me um café e procurámos a cruz por todo o lado, mas em vão. Tinha-se desmaterializado.

Tão subitamente como desaparecera, materializou-se novamente, no seu lugar certo em cima da mesa. Desta vez, porém, havia algodão branco enrolado à volta dela. Donde viera o algodão eu não fazia ideia, porque não havia algodão nenhum na sala. Jenny correu para o jardim para contar aos pais, cuja interpretação posterior deste estranho incidente coincidiu com a minha: o algodão era simbólico da corda com que a rapariga morta deveria ter estado ligada, e era a mensagem dela para sublinhar que a irmã deveria estar ligada por corda quando fizesse a escalada. Só posso concluir que a rapariga morta requisitara a cruz para esse fim específico.

Um segundo acontecimento suíço também forneceu prova de que, em certas circunstâncias, as pessoas no mundo espiritual podem provocar ocorrências no nosso mundo. Os Pestalozzi e eu fomos convidados para jantar por uma senhora cujo falecido marido fora advogado. Em vida, ele construíra uma lareira especial, rodeada por três paredes, para que a família pudesse, em certas ocasiões, fazer um churrasco e comer no jardim à luz da fogueira, como naquela bela noite de verão.

A meio do jantar, o marido falecido da minha anfitriã começou a falar comigo. Mencionou um nome específico e disse-me, em inglês, que o repetisse à mulher dele. Virei-me para ela e disse: «Tenho aqui o seu marido e ele está a dizer este nome.» Quando pronunciei o nome, ela levantou-se de um salto e exclamou: «Esse é o nosso nome privado e mais ninguém sabe disso!» Nesse instante, a lareira explodiu como se fossem tiros, as brasas voaram pelo ar e em breve estávamos todos envolvidos por um fumo preto e espesso.

Quando recuperámos do susto, a dona da casa disse: «É exatamente o tipo de coisa que o meu marido faria. Sempre teve de se fazer notar», e contou-nos que fora ela própria a preparar a lareira naquela manhã, usando apenas raminhos e lenha.

Nunca fora levitada até ter ido à Finlândia em 1980, nem ficara tão convicta da minha própria reencarnação até ter ido a Israel em 1981. Já descrevi como vi um objeto que poderia ter sido um disco voador na mesma visita à Suíça em 1982 a que acabei de me referir. Embora tenha lidado com o «desconhecido» durante a maior parte da minha vida, acho interessante constatar que aprendo mais sobre ele todos os dias.

CAPÍTULO DEZOITO

Então, o que significa tudo isto? Lamento ter de desiludir qualquer leitor que pense que tenho todas as respostas. Foram-me reveladas coisas muito invulgares e apercebi-me cedo na vida de que possuía certos dons, que procurei desenvolver. Mas isso não é mais do que qualquer pessoa sensata fará. Devemos sempre tirar o máximo proveito das nossas vantagens e, já agora, também das nossas desvantagens. Todos temos a possibilidade de progredir nesta vida e é errado não tentar desenvolver-nos. Uma pessoa que reconheça, por exemplo, que nasceu com o dom de tocar piano será muito parva se ignorar esse dom, caso com trabalho árduo o possa levar à fruição. Isso não quer dizer que esteja talhada para ser pianista de concertos, mas nunca saberá se não fizer o esforço. Foi isto que me senti impulsionada a fazer.

Deus deu-me os dons da clarividência e da cura, e tentei aprender como e por que funciono, mas isso foi muito difícil e, embora sinta que sei bastante, como já disse, não sei todas as respostas. Agora que me aproximo do crepúsculo da minha vida, vivo na esperança de que ainda muito me seja revelado. Acolherei isso de bom grado porque todos devemos desenvolver os nossos dons e tentar tornar-nos pessoas melhores.

Como a maior parte dos médiuns, acredito que o meu trabalho é ajudar os outros, e essa foi sempre a minha motivação, particularmente com a cura. Não me coloco no lugar do médico, do psiquiatra, do padre ou do assistente social — nem de ninguém cuja função seja ajudar; mas a justificação do meu trabalho é que consegui trazer conforto físico e mental a milhares de pessoas.

Estou tão convicta do valor da mediunidade espiritual que nos últimos anos dediquei bastante tempo a ensinar esta matéria. Não é algo que alguém possa aprender em doze lições fáceis. Precisamos de grande

paciência e do desejo de nos sentarmos para progredir. Há sempre algo novo a aprender e mantenho que não existem médiuns desenvolvidos; estamos todos a desenvolver-nos.

Os médiuns apresentam-se de formas muito variadas, em todos os tamanhos e feitios, e o conselho que daria aos milhões de pessoas em todo o mundo que procuram a sua ajuda é que usem o bom senso em relação a qualquer conselho que lhes seja dado. Lembrem-se sempre de que uma mensagem é invariavelmente tingida pela personalidade do médium; tem de ser assim, pois sai da sua capacidade mental e tem de ser interpretada por ele da maneira que melhor conhece. Portanto, se vos disserem algo que ofenda o vosso bom juízo, pensem bem e depois façam o que acharem correto. Eu ajudo e oriento toda a gente, mas cada um tem de remar no seu próprio barco. Não sou uma almofada para as pessoas se deitarem em cima.

Tem-se falado muito dos chamados médiuns fraudulentos. Talvez existam, mas se existem não são diferentes de contabilistas fraudulentos ou vendedores fraudulentos. Ser deliberadamente desonesto é agir contra a lei de Deus. Todos somos responsáveis pelos nossos dons e, em algum momento, em algum lugar, teremos de prestar contas do que fizemos com eles.

Referi o facto de um médium ter de interpretar uma mensagem que recebe do mundo espiritual. Talvez deva desenvolver um pouco mais explicando como funciona um clarividente.

Clarividência, derivada do francês para «ver claramente», e clariaudiência, derivada de forma semelhante para «ouvir claramente», são na prática aplicadas apenas à visão e à audição numa extensão além do nosso normal. Às vezes a clarividência é chamada visão da alma.

Os cientistas vão sendo gradualmente forçados a admitir que o nosso campo mental é maior do que o cérebro e possivelmente independente dele. Isto significa que todo o trabalho psíquico através dos canais físicos normais é parcial ou por vezes totalmente inoperante. Para mim, sentir, ver e ouvir fazem todos parte do saber. Às vezes vejo com muita nitidez com a visão normal; outras vezes vejo visões, com muita clareza; e outras ainda ouço uma voz, capto um pensamento ou sinto uma personalidade.

Os resultados são obtidos por diferentes médiuns de diferentes maneiras. Falamos de clarividência objetiva, quando a personalidade espiritual

projeta uma aparência distintamente física, e de clarividência subjetiva, quando o médium discerne de dentro, do lado interior da sua consciência; e as duas muitas vezes fundem-se. Mas seja como for que um médium obtenha resultados, tem de interpretar à sua maneira o que vê ou ouve.

A interpretação é tão valiosa como a própria visão porque muitas vezes aqueles que comunicam connosco e desejam chegar até nós fazem-no através de símbolos, que o médium tem de examinar à luz do seu conhecimento e das suas crenças, usando a sua intuição. Disse muitas vezes aos meus alunos que os símbolos são uma forma rápida de captar uma mensagem para um consulente. São uma espécie de estenografia e cada médium tem de desenvolver a sua própria estenografia para poder interpretar os seus símbolos.

Diz-se que a clarividência é visão alargada, mas os médiuns muitas vezes ficam perplexos ao tentar explicar o processo exato pelo qual recebem informação. Um certo grau de comunicação telepática com o consulente nem sempre pode ser excluído e muitas vezes um médium obtém resultados por uma mistura de métodos.

Falei principalmente da mediunidade mental, mas disse muito pouco ou nada sobre a mediunidade física. Esta última é um meio mais espetacular pelo qual os que estão no espírito se podem manifestar e, por isso, é mais convincente para o tipo de pessoas que procuram sinais físicos. Algumas pessoas não estão dispostas a acreditar no que outra pessoa lhes diz. A mediunidade física é, no entanto, um processo muito exaustivo e requer uma grande quantidade de energia e paciência por parte do médium, porque em todos os casos ele tem de entrar em transe profundo. De facto, não é exagero dizer que um médium põe a vida em risco quando opera assim.

Os médiuns físicos são bastante raros e muitas vezes morrem jovens. Comecei eu própria a sentar-me para mediunidade física e lembro-me de como era um processo esgotante, mas como a cura era mais importante para mim, escolhi, após alguns anos — embora tivesse um círculo físico bastante bom em funcionamento —, concentrar-me na cura. Quando comecei a curar, era necessário entrar em transe. Hoje em dia sinto que não há vantagem nisso porque consigo resultados sem o fazer.

Vi e experienciei a mediunidade física nas suas várias formas. Normalmente o médium que deseja demonstrar este dom senta-se com um

grupo de pessoas que se dispõem em círculo, por vezes com luz vermelha, por vezes no escuro. Ele extrai o poder dos seus companheiros de sessão. Após uma demonstração deste tipo, há sempre um cheiro muito estranho, terroso, na atmosfera, particularmente quando o ectoplasma apareceu, como às vezes acontece, do corpo do médium.

Vi-o sair do nariz ou da garganta ou do plexo solar de um médium.

Vem em ondas e pode enrolar-se no chão à volta dos pés de um participante e, no final da sessão, regressará ao corpo do médium. Cheguei a tocá-lo, embora só se deva tocar em qualquer fenómeno fisicamente manifestado se formos convidados a fazê-lo, porque de outro modo podemos ferir o médium em causa.

Os cientistas reconhecem a existência do protoplasma, a base da vida nas plantas e nos animais, e provavelmente há alguma ligação com o ectoplasma que sai do corpo do médium que está a demonstrar este fenómeno em particular. O protoplasma foi descrito como transparente ou translúcido, e o ectoplasma é muito semelhante, embora varie em densidade. Às vezes é como um véu, às vezes como um pano branco e, quando o toquei, parecia-se com uma teia de aranha. Imaginem como esta manifestação impressiona os participantes. O que é exatamente não sei, mas tenho a certeza absoluta de que existe.

Também, a convite, toquei no meu pai falecido e apertei a mão a um dos meus guias. Isso deu-me uma sensação estranha. Não tive medo. Sentiam-se frios e era quase como tocar em plástico.

O ponto especialmente interessante da mediunidade física é que todos os presentes na reunião conseguem ouvir e ver as mesmas coisas. Vi um espírito formar-se a partir do chão diante dos meus olhos, e ouvem-se vozes pelo quarto ou num canto específico. Quando me sentei para desenvolver este dom, antes de decidir concentrar-me na cura, usávamos um radiograma para tocar música, que muitos médiuns acreditam ajudar a criar uma atmosfera recetiva; e a música era muitas vezes acelerada ou desacelerada pelo mundo espiritual durante as sessões. Objetos eram levantados do chão para o ar, tal como eu fui levitada da cama na Finlândia. Objetos podem, de facto, aparecer aparentemente do nada. Numa ocasião, um ramo de rosas caiu-me no colo e estavam molhadas de orvalho. Nós que temos este conhecimento particular chamamos a este fenómeno um aporte.

Um aporte muito interessante dizia respeito ao meu pai. Quando ele morreu, mandei trazer o corpo para minha casa num caixão — era desejo da minha mãe — enquanto eu tratava do funeral. A minha mãe vivia em Leigh-on-Sea na altura e veio ficar comigo. Como sabem, nessas ocasiões os amigos aparecem para apresentar condolências. O meu pai estava estendido na minha sala de estar com os cortinados corridos, como era costume naqueles tempos após uma morte em casa, mas achei horrível deixá-lo às escuras. Por isso sugeri à minha mãe — e ela concordou — que tivéssemos pelo menos uma luz ténue no quarto. Fui buscar um escadote, subi e troquei a lâmpada mais forte do candeeiro de teto por uma de 40 watts. Enquanto o fazia, ouvi qualquer coisa cair em cima do caixão com um som metálico. Quando desci, fui ver o que tinha caído. Poderia ter sido algo da luz? Era uma moeda de meia-coroa. Fiquei espantada e fui contar à minha mãe. «Dá-ma», disse ela, «gostaria de a guardar.» E guardou-a, creio eu, até ao dia da sua morte.

Não passou muito tempo após a morte do meu pai que tive uma experiência muito estranha que me impressionou profundamente. De facto, é como se tivesse acontecido ontem. Estava a assistir a um serviço espiritualista e a médium que demonstrava era uma velha médium cockney chamada Florrie Thompson. Eu estava na plateia e ela escolheu-me para uma mensagem. Naqueles tempos eu ainda não trabalhava profissionalmente; o meu envolvimento no espiritualismo era puramente social com alguns amigos.

Ela disse: «Tenho aqui o seu pai e ele diz-me que a menina vai sentar-se com um médium físico.»

Um médium físico chamado William Olsen estava prestes a fazer uma das suas visitas periódicas àquela igreja, mas como as suas sessões eram muito procuradas pelos espiritualistas locais, a entrada era por bilhete e os cerca de vinte lugares esgotavam invariavelmente muito depressa, normalmente reservados para as pessoas importantes do movimento, entre as quais eu certamente não me incluía. Todos os lugares já estavam reservados para a próxima visita do Sr. Olsen, por isso, presumindo que fosse dele que o meu pai falava, disse que não achava possível sentar-me com um médium físico.

Florrie insistiu. «Oh, sim», disse ela, «tenho aqui o seu pai. Ele diz que quer falar consigo, mas fá-lo-á pessoalmente através de um médium físico,

não através de mim.» Fez uma pausa. «E para provar quem ele é», continuou de repente, «o seu pai seguirá uma irmã de misericórdia.»

Agradeci à médium a mensagem, mas não lhe dei grande importância. Naqueles tempos eu era bastante cética, duvidava sempre, testava sempre. Três dias antes da sessão de Olsen, porém, uma senhora veio ter comigo e disse que tinha dois bilhetes e que a amiga não podia usar um deles; gostaria eu de o comprar? «Com certeza», respondi rapidamente, e assim tornei-me, afinal, a orgulhosa possuidora de um bilhete.

Tenho de explicar que William Olsen era o que se chama um médium de voz independente e geralmente usava o que se chamam trompetes, embora na verdade não sejam trompetes, mas objetos leves em forma de cone através dos quais as vozes são projetadas. Nunca assistira a uma das suas sessões, mas conhecia a sua reputação; fenómenos interessantes estavam invariavelmente associados a ele e diziam-se coisas estranhas que aconteciam.

Chegou o dia e, claro, tinha bem viva na mente a mensagem de que o meu pai viria falar comigo. Esperava que assim fosse, mas não comentei com ninguém. Fui à sessão e sentámo-nos em círculo com o médium. Ele pediu às senhoras, que ele achava que sabiam costurar melhor do que os homens, que o costurassem dentro do casaco. Com agulha e linha, cosemo-lo muito bem de cima a baixo. Depois pediu aos homens que o amarrassem a uma poltrona. Amarraram-lhe os braços à cadeira com muita força. Não estávamos no escuro; a sala estava iluminada com luz vermelha e víamos-o claramente o tempo todo.

Gradualmente entrou em transe.

Eu era jovem e inexperiente e maravilhei-me com as coisas extraordinárias que aconteceram. Os cones voaram pelo ar e dançaram a meia-altura, batendo ritmicamente no teto, marcando o compasso do canto dos participantes; o Sr. Olsen gostava que a assistência cantasse, sem dúvida porque sentia que a música criava vibrações que ele considerava úteis ao seu trabalho. Depois ouviram-se vozes do mundo espiritual com mensagens para várias pessoas do círculo. Uma delas apresentou-se como freira — certamente a irmã de misericórdia que o meu pai dissera que o precederia — e falou não para mim, mas para outro dos participantes. Esperei ansiosamente.

De facto, mal ela acabou de falar, a voz forte do meu pai ressoou pelo quarto inteiro. «Quero falar com a minha filha», anunciou.

Por algum motivo, talvez lembrando-me de que outras pessoas podiam ter ouvido a mensagem que eu recebera algum tempo antes, não respondi logo. A voz insistiu. «Sou George Campbell Cooper e quero falar com a minha filha, Doris Cooper.»

Ninguém ali sabia que Cooper era o meu apelido de solteira porque nessa altura eu já era Mrs. Lawless há vários anos e toda a gente me conhecia por Doris Lawless, mas mesmo assim não respondi. Lembro-me de que toda a situação me parecia muito irreal. E então um dos trompetes desceu a toda a velocidade de onde quer que estivesse, deu-me uma caixa de pancada nas orelhas e bateu-me na cabeça! Ao fazê-lo, a voz do meu pai ordenou-me que respondesse. «Fala, fala, Doris, sou o teu pai.»

Pode imaginar como fiquei chocada. «Olá, pai, olá, pai», consegui gaguejar, «desculpa.» Conversámos então durante algum tempo até que o meu pai me espantou ao dizer: «Tenho o teu filho comigo. Ele veio falar contigo.»

Já disse que perdi um filho que viveu apenas dezasseis horas. Tenho a certeza de que ninguém naquela reunião sabia disso. O bebé fora batizado com o nome de John e fora enterrado enquanto eu ainda estava no hospital. E agora senti-o subir-me para o colo e passar-me os braços à volta do pescoço. Fiquei tão emocionada que não posso dizer que o tenha realmente visto, embora as senhoras sentadas de ambos os lados de mim o tenham visto. Senti-o e ouvi-o dizer: «Olá, mamã.»

Podem compreender o que isto faria a uma mãe? Fiquei absolutamente estupefacta. Foi tão impressionante. Realmente não sei muito sobre o que mais aconteceu durante a sessão porque só conseguia pensar no meu filho e no meu pai.

Lembro-me, sim, de como os trabalhos terminaram. Uma voz disse-nos que o nosso médium seria levitado e colocado no centro do nosso círculo, e que não nos preocupássemos com isso. De repente ouviu-se um estrondo e o Sr. Olsen foi levantado na cadeira. Quando a luz vermelha foi apagada e as luzes principais acesas, ele estava sentado na poltrona no meio do círculo, desamarrado e sem o casaco. As cordas estavam no chão. O casaco

estava num canto da sala, ainda completamente cosido, sem um único ponto desfeito.

Que experiência maravilhosa foi aquela para mim! O meu pai falara-me e o meu filho viera cumprimentar-me. Claro que os mágicos conseguem fazer coisas aparentemente milagrosas, mas William Olsen não era mágico. Era um homem pequeno e estranho que teria de ser mais do que mágico para realizar tudo o que fez à luz vermelha diante de um grupo de pessoas experientes. Sentei-me com ele novamente, mas nunca mais tive a sorte de receber uma mensagem como a da primeira vez. Morreu bastante jovem, cerca de três anos após o meu primeiro encontro impressionante com ele.

Num certo sentido, não existe a morte porque até o corpo físico assume outra forma quando passamos para o outro lado. No entanto, não é a parte física de nós que sobrevive no mundo espiritual. É essa entidade indefinível — a parte imaterial de nós que chamamos alma — que continua a existir. O corpo é apenas o invólucro que alberga a alma dentro de cada um de nós. A alma, embora seja o centro de nós próprios, não está encerrada no corpo material como um pássaro numa gaiola; pode manifestar-se fora do corpo como luz ou som; e quando contacto alguém do mundo espiritual, é o banco de memórias ou a ligação com a mente e a alma que comunica comigo. Por outras palavras, a pessoa espiritual que quer comunicar produz uma imagem de si própria tal como deseja ser vista por mim.

É muito difícil escrever sobre este assunto em termos simples, e não é um conceito fácil. A palavra «alma» é usada de muitas maneiras diferentes. Por vezes é usada para designar o princípio da vida, caso em que, figurativamente falando, eu a descreveria como uma centelha animada que emanou da força vital — Deus, em quem acredito — e penso que em algum momento nos devemos ter separado desta grande fonte de energia e que, quando for possível sermos perfeitos, seremos novamente abraçados por ela. Até lá — e lembrem-se de que estamos a falar de infinito, tempo sem princípio nem fim —, teremos de passar por muitas etapas de existência. Podemos progredir muito pouco numa existência e muito noutra.

Não acredito apenas na vida após a morte; acredito também na reencarnação. A sensação de que já se viveu antes é comum a muitas pessoas, e inclino-me para a opinião de Allan Kardec, o pseudónimo sob o qual um investigador francês do século XIX sobre a reencarnação escreveu vários livros sobre o tema, baseados em provas pessoais, algumas delas

recolhidas em sessões com médiuns. Kardec acreditava que o outro mundo é um lugar muito atarefado, não muito diferente deste, e povoado por espíritos que levam vidas úteis e passam por um período de preparação no qual a alma se prepara conscientemente para um desenvolvimento superior.

Algumas pessoas acreditam que, quando os espíritos desejam regressar à Terra para novo desenvolvimento, podem por vezes escolher a família em que nascem. Esta ideia pode parecer muito estranha até percebermos que, estando livres da matéria quando fazemos parte do mundo espiritual, julgamos então as coisas de forma diferente da atual. Talvez então tomemos uma decisão particular sobre por que temos de regressar à Terra e por que temos de passar pela prova de viver em forma humana; e talvez então saibamos o propósito dessa prova e que estamos a regressar para progredir e não simplesmente pelos prazeres da Terra. Talvez após cada existência na Terra possamos avaliar o que conseguimos e o que ainda precisamos alcançar.

Baseada em muitas provas que recebi, sei que alguns de nós não progridem muito no caminho para a perfeição. Há pessoas más e pessoas que nascem num ambiente que não é propício a uma progressão fácil. O céu e o inferno não são lugares, mas estados de ser. O céu é a proximidade de Deus, o inferno é o afastamento de Deus. Estes estados existem nesta vida tal como na vida além. Acredito que há muitas etapas no mundo espiritual, muitas esferas de existência, e que passamos para o estado de existência do qual temos conhecimento. Como Jesus disse: «Na casa de meu Pai há muitas moradas.»

Quem estiver familiarizado com o Novo Testamento saberá que, no terceiro capítulo de São João, Jesus disse a Nicodemos: «Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.» E quando Nicodemos perguntou: «Como pode um homem nascer sendo velho? Pode entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e nascer?», Jesus respondeu: «Se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de eu te dizer: É-vos necessário nascer de novo.»

A alma, sendo uma entidade espiritual e não física, não é destruída quando o corpo humano morre. Está ligada ao corpo durante a vida na Terra, mas continua a brilhar e a existir quando o corpo já não existe. Se olharem para o vosso rosto num espelho, o vosso rosto continuará lá se

tirarem o espelho, embora já não possam ver o seu reflexo. O mesmo acontece com a alma.

Cada alma vem à existência durante o nascimento e é uma criação única, e a existência física na Terra é uma experiência necessária para a alma. A vida é uma etapa de existência em que um ser humano tem a oportunidade de desenvolver qualidades espirituais, como amor, compaixão, generosidade e veracidade, todas elas necessárias após o fim da nossa existência física. Temos a oportunidade de desenvolver estas qualidades na Terra da mesma forma que uma criança se desenvolve no ventre da mãe. Uma criança no ventre não pode usar todas as suas faculdades, mas a sua existência futura seria muito limitada sem elas.

Quanto à realidade da reencarnação, não tenho dúvidas. Sei que quando morremos, alguém vem ao nosso encontro. Nunca ficamos sem uma mão guiadora. A morte do corpo não é algo a temer, mas a acolher como um nascimento para uma vida mais plena.

CAPÍTULO DEZANOVE

Acredito que viemos a esta vida com um propósito específico. Há um tempo para nascer e um tempo para morrer, e alguns de nós não precisam de viver muitos anos neste plano terreno. Alguns de nós estão aqui, no entanto, não só para a nossa própria progressão, mas para ajudar os outros, as pessoas cujas vidas tocamos. Fui uma vez chamada a visitar uma menina em Dagenham. Ela caíra de patins e desenvolvera um tumor. Ia lá todas as semanas durante sete meses, embora tivesse dentro de mim a sensação de que talvez não conseguisse ajudá-la fisicamente; mas sabia que nada se perderia porque certamente poderia ajudá-la espiritualmente.

A criança aguardava com expetativa as minhas visitas, mas senti uma profunda infelicidade entre os pais, provavelmente por causa da doença da filha. Por fim ela morreu e, após a morte, eles vieram ter comigo e perguntaram-me se eu sabia que tinham planeado divorciar-se, mas que, quando a filha adoecera, isso os aproximara muito.

Devido às minhas visitas e à consequente melhoria na atitude da criança em relação à sua própria condição — a personalidade dela, disseram, mudara e tornara-se muito mais feliz —, perceberam que a cura era

importante e perguntaram se podiam aprender a tornar-se curadores. Trabalharam juntos e as suas vidas mudaram completamente. Então quem pode dizer que a curta vida daquela menina na Terra não foi exatamente para fazer os pais verem as coisas de maneira diferente?

A propósito, acredito que quando uma criança nasce muito deficiente, deve ser uma alma espiritual muito antiga que assumiu mais do que o seu fardo natural para ajudar uma alma mais fraca. É isto que algumas religiões orientais chamam a lei do karma — a lei de causa e efeito. Sabemos por que acontecem muitas coisas nas nossas vidas — talvez, sentimos por vezes, por acidente? Não haverá talvez um padrão neste «acidente» que muda completamente as nossas vidas e afeta também as vidas de outras pessoas?

Um incidente muito curioso aconteceu-me logo após o fim do conflito das Malvinas em 1982. Uma senhora telefonou-me em nome de uma amiga. «O seu nome é Doris Collins?», perguntou, e quando eu disse que sim: «É a Doris Collins, a clarividente?» Quando se certificou de que eu era realmente a pessoa que procurava, perguntou se eu poderia receber uma amiga dela que precisava urgentemente de mim. A minha agenda de consultas estava muito cheia e não conseguia marcar uma sessão muito cedo, mas após um cancelamento de última hora consegui afinal encaixar a amiga da interlocutora no dia seguinte.

Telefonei à pessoa que me contactara e ela perguntou se se importava que acompanhasse a amiga, que estava muito nervosa. Chegaram juntas e sentaram-se comigo, e obtivemos resultados absolutamente maravilhosos. A senhora que queria ver-me era uma Mrs. Gillon. Não lhe fiz qualquer pergunta. Enquanto estávamos sentadas, ambos os pais dela vieram ter comigo, e o pai descreveu com exatidão muitos aspetos da sua vida.

Estranhíssimo, ele oferecia-me constantemente uma agulha e linha, e eu via-o a coser, como se trabalhasse num tapeçaria, o que era bastante invulgar para um homem. Mrs. Gillon disse-me que o pai fora ferido na guerra de 1914-18 e que as enfermeiras lhe tinham ensinado o que mais tarde se tornou o seu passatempo. Fazia e vendia muitas tapeçarias.

Depois veio um jovem que era bastante falador comigo e muito bem-humorado. «Chamo-me John», disse ele, «e não sou um pássaro.» Não tinha a certeza do que queria dizer nem se valia a pena transmitir a

mensagem; mas quando ele repetiu, passei-a adiante. Mrs. Gillon disse: «Compreendo.» John disse então: «Tenho de falar com a Florrie», e aparentemente Mrs. Gillon sabia disso. John perguntou por que razão a mota do amigo Barry estava no jardim de outro amigo. Pode parecer uma pergunta muito trivial para quem estivesse a ouvir, mas deixou Mrs. Gillon completamente atónita porque o filho dela, Barry, levara realmente a mota para o jardim de um amigo para ser reparada.

O jovem, que insistira que não era um pássaro, disse depois: «Agora estou a voar. Já tenho asas.» E usou palavras que nunca poderei esquecer: «Apanharam-me», disse, «nos últimos momentos.» Disse-me também que ficara muito tempo deitado num lugar muito frio até ser recolhido.

Não sabia exatamente o que tudo isto significava, mas claramente significava muito para Mrs. Gillon, e o mais estranho desta história é o que ela depois me contou. Disse que tivera um sonho que lhe causara tal impressão que o contara a uma amiga — a amiga que me contactara. Segundo Mrs. Gillon, sonhara que estava numa sala com muitas pessoas. Havia uma mulher sentada numa plataforma que se levantou e disse: «Boa noite, minhas senhoras e meus senhores, chamo-me Doris Collins e tenho aqui uma mensagem de um rapaz que foi morto nas Malvinas, que diz que se chama John e quer falar com uma senhora chamada Mrs. G.»

Mrs. Gillon levantou-se imediatamente e disse: «Sou a Mrs. G. As pessoas tratam-me por Mrs. G. É assim que assino as minhas cartas.» A senhora da plataforma, que se identificara como Doris Collins, chamou Mrs. Gillon para a frente da sala e pediu-lhe que se ajoelhasse. Depois transmitiu-lhe a mensagem de John de que ele estava deitado numa falésia, muito frio, mas que regressaria.

Quanto ao sonho. Mrs. Gillon não sabia absolutamente nada sobre visões psíquicas e nunca ouvira falar de mim. Sabia, porém, de um jovem chamado John Crow que se alistara no Terceiro Regimento de Paraquedistas e embarcara para as Malvinas no Canberra. Acredito que era amigo do filho de Mrs. Gillon e ficava em casa da família quando estava na zona; Mrs. Gillon considerava-se uma espécie de segunda mãe para ele.

O facto trágico é que John Crow foi morto quarenta e oito horas antes de os argentinos se renderem e dois dias antes do sonho espantoso de Mrs. Gillon no qual lhe fora dado o meu nome. Após o sonho, acordou a

transpirar terrivelmente e não conseguiu voltar a dormir. Contou à amiga, que disse: «Que coisa estranha! Será que existe uma Doris Collins?» Mrs. Gillon mora em Ham, não muito longe de onde eu vivo em Richmond, e a amiga pegou na lista telefónica local e encontrou o meu nome, foi assim que ela me telefonou.

Quando depois soube da morte do jovem, as palavras que ele lhe dissera no sonho e as que me dissera através de mim fizeram todo o sentido. O apelido dele talvez explique a referência brincalhona a não ser um pássaro; e quanto à referência a voar e a ter asas, Mrs. Gillon disse-me que o grande sonho dele fora juntar-se ao corpo aéreo e aprender a pilotar. Dissera-lhe também no sonho que regressaria, e é interessante que os pais dele tenham depois decidido pedir que o corpo fosse trazido de volta para ser enterrado em Inglaterra em vez de nas Malvinas.

É uma história realmente muito estranha. Se o jovem ouvira falar de mim em vida, não posso dizer; mas de alguma forma fez com que Mrs. Gillon sonhasse com ele e iniciasse a cadeia de acontecimentos que a levou até mim, para que eu pudesse transmitir-lhe as suas mensagens e, através dela, aos amigos dele.

Não acredito em coincidências. Tudo se encaixa num plano. Mas penso que temos a oportunidade de decidir como lidar com certos problemas que nos estão destinados. No caminho da vida encontramos certos marcos, mas apenas na medida em que os marcos existem é que o nosso destino está fixado. Podemos escolher como os passamos, e embora sejamos todos produtos do que fomos, a progressão, como não me canso de dizer, está sempre aberta para nós.

Acredito que as nossas encarnações anteriores devem ter influência na nossa existência atual. Uma vez veio ter comigo um cavalheiro oriental que era músico. Veio porque começava a perder a sensibilidade na mão direita quando tocava piano, e a mão começara a tremer quando escrevia. Era um assunto muito sério para alguém que ganhava a vida com as mãos. Durante a sessão comigo captei muitas coisas sobre o estilo de vida dele. Sabia que tinha mulher e filhos, bem como três amantes em diferentes partes do mundo. Sabia também que bebia demais, e disse-lhe tudo isso, o que ele confirmou ser absolutamente correto.

Enquanto falava com ele, vi algo vir e cortar-lhe a mão direita. Soube imediatamente que isso lhe acontecera numa encarnação anterior e que não era algo que fosse acontecer. Contei-lhe o que vira, e ele teve um flashback de memória tão vívido que chegou a sentir a dor. Disse-lhe muitas outras coisas sobre a vida dele e ele concordou com a minha análise, dizendo que encarava aquele episódio como um indicador na direção certa. Talvez tenha sido mesmo, mas para mim foi prova de que ele já vivera anteriormente nesta Terra.

O mundo espiritual sempre fez parte da minha vida. O que parece muito estranho a algumas pessoas é para mim completamente natural. Quando crescemos da maneira como eu cresci, nunca pensamos que teremos de explicar o que nos é natural, tal como nunca teríamos de explicar como andamos.

O mundo espiritual está à nossa volta em todos os momentos, mas vibra numa escala diferente. Ao elevar a minha taxa de vibração e ao permitir que o sentido interior se estenda, consigo contactar aqueles que vibram nessa escala. Por vezes os resultados são melhores do que noutras.

Para mim, a vida não seria normal sem a consciência do mundo espiritual, mas não acho que isso me torne anormal. Muitas pessoas têm uma grande capacidade de sentir; sentem coisas sobre pessoas e situações. No meu caso, simplesmente aprendi a importância de ser maleável.

Não sou adivinha, embora muitas vezes me chegue uma mensagem sobre o futuro. Mas as pessoas que me procuram à espera que eu lhes diga o futuro vieram certamente ter com a pessoa errada. Tenho pressentimentos sobre coisas que vão acontecer e, ocasionalmente, consigo usá-los em meu proveito. Por exemplo, o meu marido Philip e eu tínhamos um carro de que gostávamos muito. Tinha dois anos, fora regularmente revisto e nunca nos dera problemas; e no entanto, gradualmente, comecei a ter a sensação de que devíamos vendê-lo e comprar outro.

O meu marido não via razão lógica para isso, mas a sensação continuava a apoquentar-me. Um dia, ao passarmos por uma concessionária de automóveis, convenci-o a parar e a ver. Ele aceitou com a condição de que de maneira nenhuma compraríamos outro carro, mas quando viu que eu estava muito interessada num modelo em particular, cedeu. Falámos com o vendedor e acabámos por decidir trocar o nosso veículo atual, que foi

levado para exame e cuidadosamente inspecionado; e porque aparentemente estava em muito bom estado e com poucos quilómetros, deram-nos cerca de mais mil libras do que o valor normal na troca.

O carro novo precisava de um pequeno ajuste, por isso, uma semana depois, voltei à concessionária e vi o vendedor que nos atendera. Em conversa, perguntou-me se alguma vez tivera problemas em engatar a marcha-atrás no carro antigo. «Meu Deus, não», disse eu, «porquê a pergunta?» Contou-me que usara pessoalmente o carro durante quatro ou cinco dias e que, numa manhã, descobrira que não conseguia engatar a marcha-atrás. Levara-o à oficina, onde se descobrira que era necessária uma caixa de velocidades completamente nova, com um custo de cerca de 200 libras. Senti-me terrivelmente culpada e, tendo em conta que era exatamente a quantia que nos tinham pago a mais, ofereci-me para pagar a reparação. Ele não quis nem ouvir falar disso. «Não», disse, «somos uma grande empresa e um negócio é um negócio.» De qualquer modo, tinham inspecionado o carro muito cuidadosamente antes de acordarem os termos.

«Tive a sensação de que devia mudar de carro», disse eu, apologeticamente.

Tive de rir com a resposta do vendedor. «Minha senhora», disse ele, «a senhora deve ser médium.»

É um exemplo muito pequeno em que o meu dom foi usado em meu proveito pessoal. Lembro-me de uma ocasião, nos meus primeiros anos como curadora, em que um paciente me perguntou casualmente qual era o cavalo que ia ganhar o Derby. Quase nunca jogo nem faço apostas e respondi-lhe muito rapidamente com o primeiro pensamento que me veio à cabeça:

«O montado por Lester Piggott.» «Oh», disse ele, surpreendido, «ele nunca montou um vencedor do Derby.» Na altura, Piggott era muito jovem e nem sei como sabia o nome dele. Não percebia nada de corridas de cavalos e nunca vira uma corrida. Sem eu saber, o meu paciente apostou no cavalo e contou aos amigos. Quando a corrida terminou, veio dizer-me que ganhara uma quantia considerável ao apostar no cavalo com que Lester Piggott venceu o seu primeiro Derby.

Nunca usaria os meus dons para esse tipo de fins. De qualquer modo, estou demasiado ocupada com o meu trabalho para me interessar por jogo.

Só joguei roleta duas vezes. A primeira foi quando fui a Monte Carlo. Era a coisa a fazer lá. Não conseguia parar de ganhar; parecia saber exatamente onde colocar as fichas. As pessoas aglomeravam-se à minha volta excitadas, mas quando comecei a sentir um impulso a tomar conta de mim, decidi que era o momento de parar. Tentei a sorte mais uma vez num casino num navio. Desta vez fiquei a zeros, talvez porque não quis trazer a minha mente a concentrar-se na possibilidade de prever números vencedores.

Não acredito em tirar proveito dos meus dons para fins triviais. Fazer isso desvalorizá-los-ia. Mas devemos estar sempre prontos a aceitar a ajuda que nos é oferecida, seja de onde for. Um exemplo admirável dessa ajuda foi-me dado pela minha amiga Marjorie Horton, que me acompanhou às Filipinas. Causou-lhe tal impressão que ela diz que lhe mudou completamente a vida, levando-a a interessar-se pelo psíquico e a tornar-se uma curadora muito competente.

Era enfermeira-chefe de bloco operatório num hospital muito grande quando trouxeram um menino com um tumor no cérebro. Um cirurgião muito experiente operou, mas a criança morreu poucos dias depois. Quase exatamente um ano mais tarde, a irmã mais nova dele foi levada para o mesmo hospital com um tumor semelhante no cérebro.

As enfermeiras ficaram muito perturbadas, pois lembravam-se do caso anterior e pensavam como seria terrível se ambas as crianças tivessem o mesmo destino. O mesmo cirurgião operou a menina, como fizera antes ao irmão, e apesar de toda a sua perícia, estava muito inseguro quanto a conseguir salvar a segunda criança.

Foi para casa após a operação e contou à mulher como estava preocupado. Ela interessava-se por assuntos psíquicos e sabia o valor da oração; por isso, a sugestão dela, sentaram-se juntos em meditação, pedindo ajuda e orientação para salvar a criança. Enquanto estavam sentados, o cirurgião teve uma visão mental. Viu o velho professor que lhe ensinara cirurgia e que lhe disse: «A criança pode ser salva se seguires as minhas instruções.»

«Não sei o que mais fazer», disse o cirurgião. «Já fiz tudo o que podia.»

«Guiar-te-ei a mão», veio a resposta; «mas tens de operar outra vez.»

O cirurgião telefonou imediatamente à exausta Marjorie Horton e mandou-a regressar ao hospital e preparar o bloco para outra operação quando a criança acordasse. Ela pensou que ele devia estar bêbado e perguntou o que acontecera. «Não posso discutir isso contigo agora», disse ele, «faz apenas o que te digo.»

Ela voltou, fez tudo o que era necessário e esperou pela chegada do cirurgião. A criança foi depois trazida de novo para o bloco, o cirurgião entrou, lavou-se e começou a operar. Marjorie diz que havia uma sensação estranha na sala e que não foi dita uma palavra; parecia desnecessário. A mão do cirurgião parecia de alguma forma guiada. Claro que ela não sabia na altura o que acontecera quando o cirurgião fora para casa.

Após a operação, ele contou-lhe a visão que tivera. Disse também que sentira que a mão do velho professor estava sobre a sua, guiando-o a fazer algo diferente do que fizera antes.

A criança recuperou.

Para mim, este é um exemplo supremo do amor em ação. O cirurgião operou com amor, mas um amor tornado mais poderoso pela ajuda do mundo espiritual. Quanto à cura, o amor é para mim o elemento mais importante. Se um bebé cai, a mãe pega-lhe imediatamente com ternura e acaricia-o. O simples ato de tocar parece melhorar as coisas. Isso é simplesmente cura natural, que brota do amor natural, e é o princípio em que os curadores se baseiam.

«A Doris é diferente», disse a minha mãe. Sei o que ela queria dizer, mas na verdade todos somos diferentes embora tenhamos muito em comum. Somos todos indivíduos. Mas mesmo que haja graus de diferença e eu seja mais diferente do que a maioria, acho que continuo a ser uma mulher comum.

EPÍLOGO

Neste pequeno livro só consegui descrever algumas das experiências da minha vida variada. Gostaria de ter escrito um livro instrucional e talvez um dia o faça, abordando os vários assuntos relacionados com o desenvolvimento. Durante muitos anos dei aulas sobre este tema e muitos

dos meus alunos estão agora em plataformas públicas, mas nos últimos tempos não tenho podido dar essas aulas devido às minhas viagens.

O objetivo do livro seria ajudar a juventude de hoje que se interessa por todos os caminhos espirituais, percebendo, como tantos de nós percebemos, que sem um regresso aos valores reais há pouca esperança para o mundo. O amor e a fraternidade podem vencer tudo, com a ajuda de Deus, e a luta e o sofrimento são o resultado da visão materialista tão prevalecente hoje em dia.

Desenvolver poderes psíquicos por qualquer meio é altamente perigoso se não se reconhecer o Poder Supremo, a fonte de toda a vida. O buscador da verdade e da revelação deve ser motivado pelos motivos mais elevados. Claro que nós, mortais, nem sempre alcançamos este ideal, mas ao desenvolvermo-nos é essencial ter a vontade de servir a humanidade.

O desenvolvimento por razões egoístas não pode ter resultados benéficos a longo prazo.

Muito do que existe, tanto no campo religioso como no secular, não beneficia a humanidade e em muitos casos é até prejudicial. Amor e unidade é o que devemos visar, ódio e discórdia o que devemos rejeitar. A malícia e a ganância abundam no mundo. Se uma pessoa deseja desenvolver-se para ter poder sobre os seus semelhantes ou para obter o reconhecimento que vem das riquezas, está condenada ao fracasso final, pois isso vai contra as leis da natureza. A humildade e a honestidade têm de ser o guia. Sem elas, está a perder tempo.

Ao consultar um médium, um guru ou um professor de qualquer tipo, de pouco vale ter ideias preconcebidas sobre o resultado. Já disse que, na minha opinião, não há pessoas desenvolvidas na Terra, embora muitas estejam mais avançadas no caminho do que outras.

A verdade só pode ser revelada àqueles de nós que conseguem limpar a mente das coisas mundanas. Esse é o propósito da meditação. A preocupação e a infelicidade são os seus inimigos gémeos, mas isso não quer dizer que o sofrimento possa ou deva ser evitado. De facto, o sofrimento físico pode ser uma parte essencial do caminho cármico.

No início deste livro agradeci a muitos dos queridos que me são tão próximos neste plano terreno. Posso agora agradecer aos muitos outros em

diferentes esferas de existência que também me ajudaram nos períodos mais difíceis da minha vida? E a todos vós, caros leitores, que Deus vos abençoe e vos dê a certeza de que a vida vivida aqui em toda a sua plenitude é da maior importância para a nossa progressão individual.